

"ELA VIU O DRAMA DA CHINA"

REPORTAGEM
NO TEXTO.

REVISTA DA SEMANA

N.º 33 == 12-8-44

Cr\$ 1,50 em todo o Brasil



BN
1 24
1 8

Com a presença do Sr. Henrique Dodsworth e outras autoridades inaugurou-se, no Meier, a nova sede da "Sociedade de Auxílios e Beneficências Estrela".

A "SABE" É A INSTITUIÇÃO DE AMPARO POPULAR QUE MAIOR NÚMERO DE ASSOCIADOS CONTA EM TODO O BRASIL

Inaugurou-se, domingo 30 de julho, com a presença de autoridades e de grande massa popular, o novo edifício-sede da "Sociedade de Auxílios e Beneficências Estrela". O programa de assistência e previdência que desenvolve essa instituição já a elevou, efetivamente, ao nível em que se encontra, aureolada do prestígio a que deve a sua irradiação. Crescendo em amplas proporções, a SABE, que foi fundada no ano de 1909, deve a sua segurança e sua expansão ao trabalho da atual diretoria, constituída de elementos de realce nas esferas sociais, destacando-se a figura dinâmica e realizadora do seu atual presidente Sr. Othon de Carvalho Menezes.

A soma impressionante de benefícios que a SABE já ha prestado aos seus associados, mediante a ridícula contribuição de apenas 2 cruzeiros para o chefe da matrícula e 1 cruzeiro para os demais membros da família, confere-lhe a notoriedade e, sobretudo, o des-



QUANDO O PREFEITO HENRIQUE DODSWORTH E O SR. EDUARDO TRINDADE ERAM RECEBIDOS PELO PRESIDENTE DA "SABE", SR. OTHON DE CARVALHO MENEZES.

colocar todas as forças ao seu alcance na concretização do grandioso programa em execução.

O PROGRAMA DAS SOLENIDADES

Horas de intensa vibração experimentou o Meier no domingo 30 de julho. Densa massa popular se agrupava, desde cedo, nas imediações do edifício-sede da SABE a inaugurar-se à rua Carolina Meier. Às 11.30 horas, é recebido, entre aclamações, pelo presidente, Sr. Othon de Carvalho Menezes, o sr. Prefeito do Distrito Federal, acompanhado do Dr. Eduardo Trindade. No local já se encontrava o sr. Luiz Aranha, ali chegado na companhia do Dr. Rivadavia Correa Meier. Deu-se então início à cerimônia com o hasteamento da bandeira pelo Sr. Prefeito e o erguimento da flamula da Sociedade, pelo seu presidente, enquanto era cantado por um coro a 100 vozes e pelos colegiais presentes o hino nacional. Procedeu-se em seguida à benção da placa comemorativa pelo conego Angelo Resende, que pronunciou belas palavras de exaltação aos dirigentes da SABE e ao Prefeito por tudo quanto vêm fazendo em benefício da assistência social. Nessa oportunidade, o Sr. Othon de Carvalho Menezes presidente da Sociedade, usou de feliz expressão, repetida, mais tarde, pelo Sr. Henrique Dodsworth: "A SABE é, antes de tudo, um bem público".

Percorrendo as varias dependências da nova sede, confortavelmente instaladas, dirigiram-se os presentes para o auditorio, no segundo pavimento, onde teve lugar a sessão solene, presidida pelo Go-

vernador da Cidade, ficando assim constituída a mesa: Dr. Henrique Dodsworth, Sr. Othon Carvalho Menezes, Dr. Rivadavia Correa Meier, Dr. Luiz Aranha, Coronel Walter Prestes, Conego Angelo Resende, Dr. Eduardo Trindade, Asdrubal Moreira Alves, Ademar Beltrão e Mirsilo Gaspari. Para inaugurar o retrato do Prefeito falou o presidente do Conselho Fiscal, que também ofereceu para ser entregue a digníssima senhora Henrique Dodsworth uma cesta de orquídeas, em nome da diretoria e dos 114.000 associados da SABE.

O Dr. Rivadavia Correa Meier, orador oficial, pormenorizou a existência da SABE, homenageando os seus companheiros de direção e também o Sr. Prefeito pela sua interferência no sentido de facilitar a construção inaugurada. Ainda sob os aplausos que coroaram as palavras do diretor do Departamento Jurídico, levantou-se, emocionado, para agradecer as homenagens que lhe eram tributadas, o sr. Henrique Dodsworth, que, de improviso, pronunciou substancial oração, principiando com esta frase muito sugestiva: "esta solenidade não é uma festa apenas da SABE nem uma homenagem ao Prefeito; é uma grande festa da cidade". Intercalando suas palavras com referências ao Sr. Luiz Aranha, ali presente, depois de se dirigir aos assistentes com expressões cheias de reconhecimento, finalizou com o magnífico pensamento de S. Francisco de Assis: "o que levamos para o céu é o que damos aos pobres e aos enfermos".

Em rápidas e incisivas palavras, o Sr. Othon de Carvalho Menezes agradeceu o comparecimento de todos os convidados e bem assim a colaboração dos seus companheiros de diretoria e colaboradores daquela modelar instituição.

Debaixo das ovações dos presentes, e sob as notas do hino "Deus salve a America", saiu o sr. Henrique Dodsworth. E também a multidão se foi dissolvendo, encaminhando-se para as varias arterias daquela movimentada capital dos subúrbios.

A segunda parte do programa, realizada das 19 às 21 horas, constou de escolhido programa litero-musical, desempenhado com a maxima perfeição, que serviu de distração esplendida aos que foram levar à SABE o preito da sua solidariedade. Durante a realização desta segunda parte foi servida farta mesa de doces e bebidas, tudo decorrendo numa ordem impecavel.



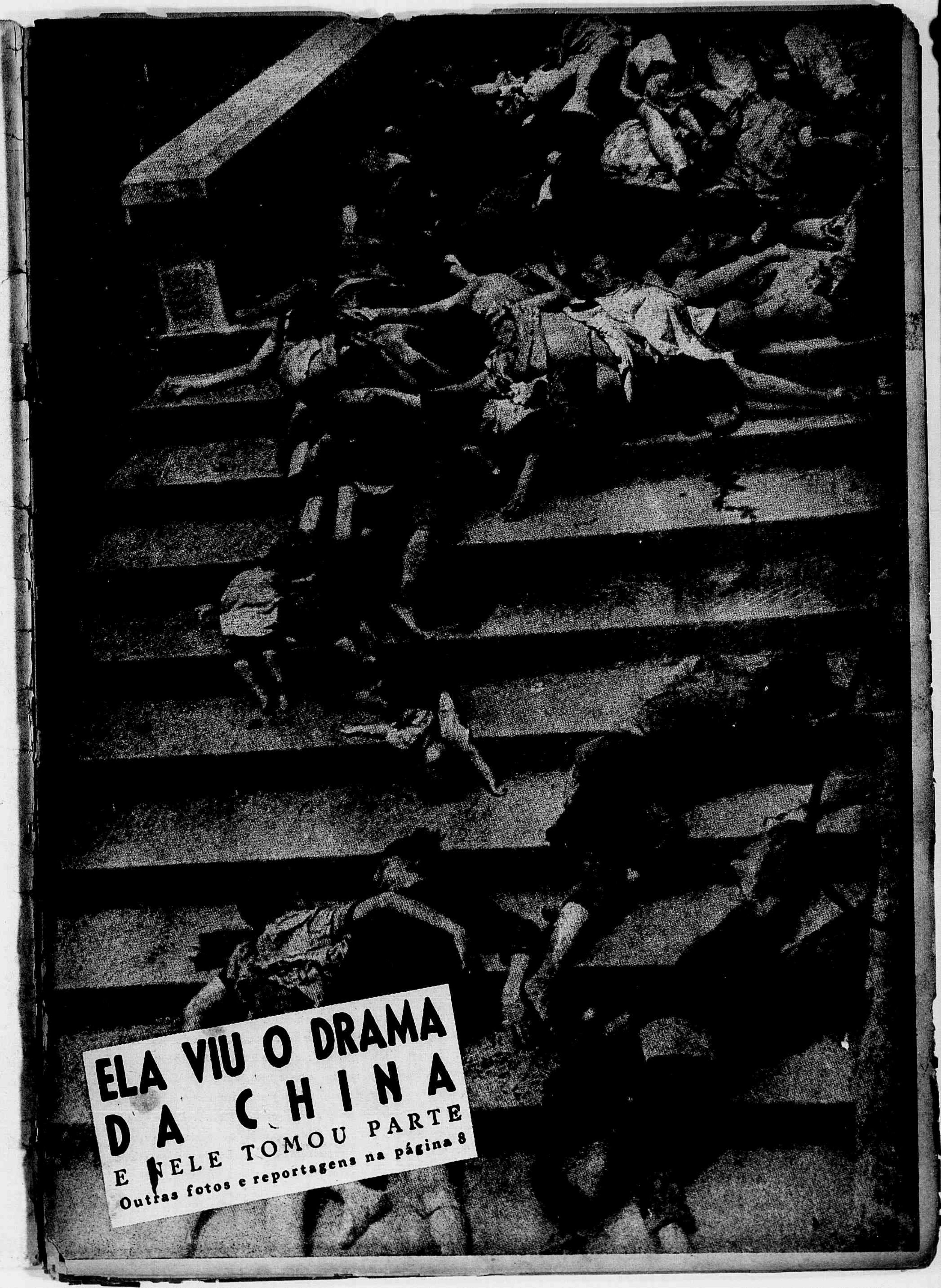
O PREFEITO PRONUNCIANDO O SEU IMPROVISO, VENDO-SE OS SRS. LUIZ ARANHA, OTHON DE CARVALHO MENEZES E RIVADAVIA CORREA MEIER.

dobramento que hoje a multiplica por varias filiais no Estado do Rio.

A Sociedade, que aumentou a quota de benefícios, dispõe de Departamentos Médico, e Jurídico, ambulatórios, devendo ser inaugurado brevemente o Dentário e organizada, dentro em pouco, uma Maternidade. Fiel à sua primitiva orientação, a SABE já despendeu só em benefícios aproximadamente 5 milhões de cruzeiros, em auxílios por falecimento, atingindo o seu quadro social 114 mil associados, pelo que se torna a maior organização de beneficência do Brasil. Adotando métodos perfeitamente concordes com os sistemas atuais de proteção social, a direção procura estimular o interesse dos socios pelas iniciativas da Sociedade, despertando entre eles, ao mesmo tempo, o desejo de se estabelecerem no lar proprio. Assim é que recentemente foi lançado o Concurso "Todos por Um", de um prédio no valor de 70 a 80 mil cruzeiros, já em construção no Meier, à rua Peçanha da Silva. Cresceu mais o empenho em torno desse concurso, visto corresponder ao numero de novas propostas de admissão obtidas pelos socios. De maneira que o associado que maior numero obtiver terá maior probabilidade no certame. O que impressiona também na organização da SABE é exatamente a maneira como se acham dispostos os seus serviços, permitindo se processe o expediente sem a menor alteração. Graças a tais providencias é que muitos processos são despachados muitas vezes em cinco minutos. Em vista disto, podemos afirmar que na SABE há lugar tão somente para as pessoas desejosas realmente de trabalhar e que sejam capazes de

ASPECTO DA ASSISTENCIA QUE COMPARECEU, À NOITE, AO AUDITORIO.





**ELA VIU O DRAMA
DA CHINA**
E NELE TOMOU PARTE
Outras fotos e reportagens na página 8

OSVALDO

CONHECI Osvaldo Goeldi em 1921, no intervalo da guerra. Naquele tempo, os acontecimentos faziam, em côro seco, o prólogo dos "Palhaços"

— Si può? ...

Vila-Lobos, do lado de cá, mocinho, não imaginava que, vinte e tres anos depois, iria gritar:

— "Fóra da musica não há salvação!"

No fundo, não há mesmo. Pelo menos, o que se percebe na superfície leva a concordar com o criador dos nossos instrumentos humanos. Também os italianos, que ofereceram a chefia do seu governo a Toscanini, chegaram a convicção idêntica. Mallarmé não repetiria hoje:

— "A palavra é definitiva; depois se prolonga com o silêncio."

Acabaram-se as palavras definitivas. O silêncio desapareceu da praça, à espera de melhores preços. As notas resistiram. Com as notas, uns fazem riqueza; outros, mais numerosos, o que têm que fazer afinal é musicar. Eu, por exemplo, si esta guerra não fôr a ultima da minha vida, vou me entregar de todo o coração ao canto sem palavras.

Com um canto sem palavras, eu gostaria de louvar Osvaldo Goeldi. Somos amigos desde a primeira exposição dele, há quasi um quarto de século, sem nunca discutir, sem nunca brigar, nem nunca supor que um tinha razão e o outro não tinha — o que, sem falta, é um escândalo. Sou goeldiano histórico. E esse é ainda o Goeldi dos meus sonhos.

O pintor Carrière, que amava a realidade, trazia a vida para os quadros dentro de um nevoeiro. Goeldi vem ele mesmo com o nevoeiro. Chega do começo ou do fim da noite, com as criaturas da intimidade silenciosa, e alguns bichos, e as coisas que se somem dos outros olhos. Quer bem a tudo: com melancolia; de quando em quando, com desespero. Era ele justamente que podia contar em traços Poe e Dostoievski. Soube sempre que Carlitos é o mais puro dos irmãos.

Caminhamos ao longo do tempo, da simplicidade para a simplicidade. Mas, durante a viagem, quantas complicações! Restam em nós, com um pouco de fadiga, as mãos vãs e os olhos tristes. Não há homens maus. Há homens desarmoniosos e delirantes. Todos têm um instante de poesia, um momento de beleza, uma parada de ternura. A vida não se detem. Vai mudando de expressões. Cada uma constrói uma verdade; tantas quantas vidas; uma nas outras são reflexos, imagens, sentimentos: a pantomima que continua. Já desconfiaram de que Jesus Cristo foi um mito solar; ainda se duvida de que Shakespeare foi Shakespeare, e negociantes de arte vendem Rafáeis, Watteaux, Goyas, Picassos, diretamente da fábrica ao consumidor. Um terço dos Castagnetos, apresentados para uma exposição na Escola de Belas Artes, não faz muito, era de outros Castagnetos. Isso não recorda apenas a origem das espécies — recorda as origens em geral... Personalidade é vantagem precária, passa dos donos ingênuos aos turistas espertos... Existem os que admiram e repetem sem perceber. Existem os que acham que neste mundo tudo é comércio. Existem os intérpretes. Porém a vida, que deprava tanto, depura muito também...

TABOLEIRO

NOTURNO

NOTURNO N.º 2

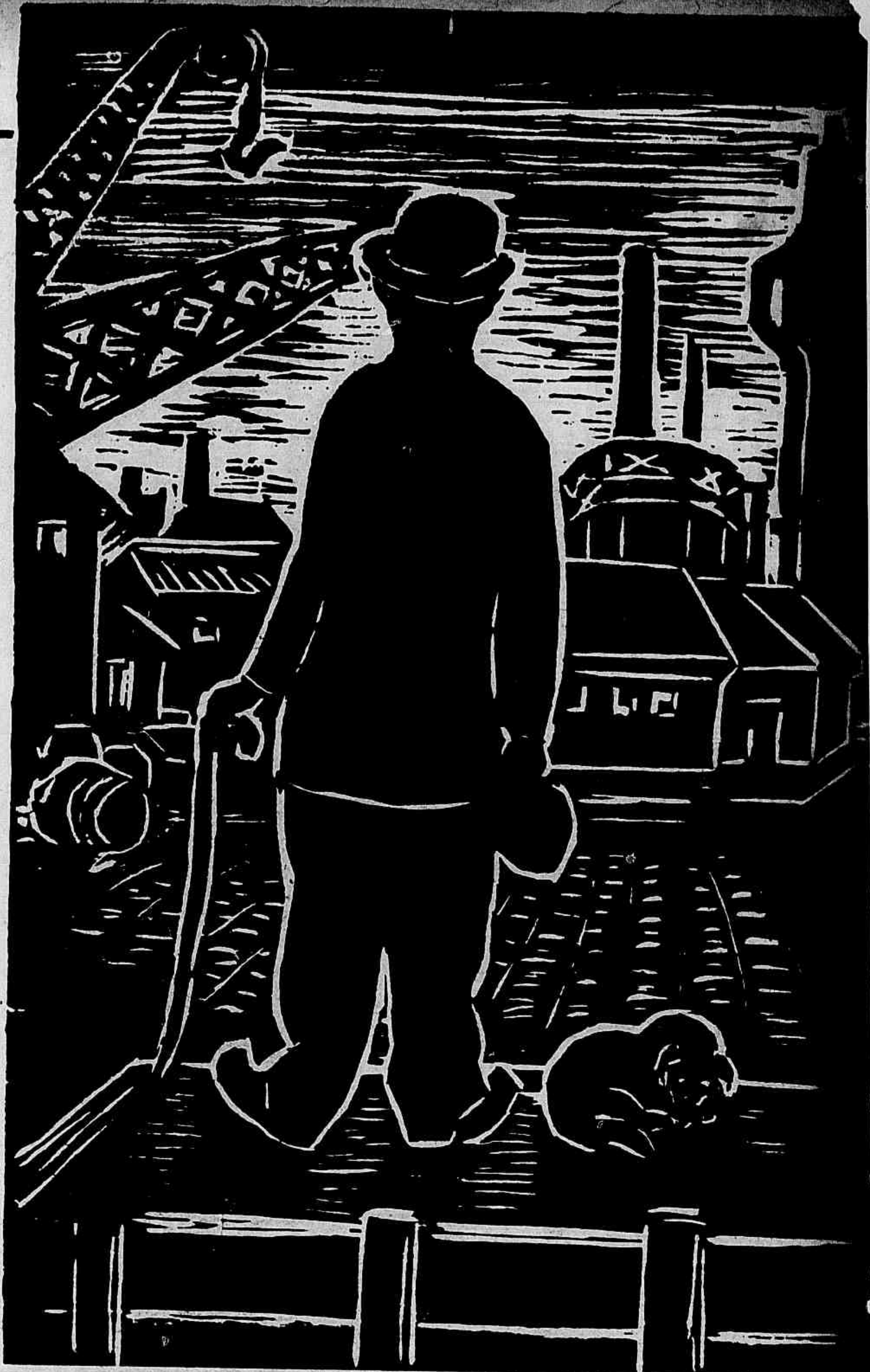
GOELDI

Vamos andando assim. Andando, é um jeito de falar. Correndo. Disparando. Nas máquinas. O telefone acabou com as cartas, os pequenos bilhetes que, mais que os presentes, entretinham a amizade. Não se escreve mais: disca-se. O telefone substitue o papel, a pena, a tinta, o resto. Entretanto, sem o telefone se conseguiria uma formidável economia de matéria-prima. O telefone é uma ocasião pronta para o desperdício. Coisas que se soltam ali não voltam. Ele interrompeu as ausências, botou nas conversas um ar de falta de ar.

Osvaldo Goeldi foge do cotidiano passado a limpo. Prefere os originais em borrão, numa espécie de primitivismo de retôrno. Enormes fatos se sucederam. Assistiu-lhes meio atônito, meio infeliz. Foi procurar, ao anoitecer, os pássaros que se escondem. Foi descobrir a madrugada nos pescadores que seguem para o mar, ou regressam do mar, e nos que dormiram na solidão aberta, e nos cachorros livres, que imitam as sombras dos que vagam pelas ruas tranquilas. Ilustra, então, as fábulas dos companheiros. Consciente. Exato. Artista de qualquer tempo. Homem de sensibilidade ampliada, esticada pela imaginação, e que esconde isso por vergonha...

ALVARO MOREYRA

ESCREVEU.



PESCADORES

CARLITOS





JOCKEY CLUB MUNDANO



No decorrer da reunião turfística de domingo ultimo no Hipodromo da Gavea, a nossa reportagem fotográfica, enquanto as graciosas aficionadas do nobre esporte passeavam pela "pelouse" ou assistiam entusiasmadas os lances emocionantes das carreiras, colheu os sugestivos flagrantes que aqui reproduzimos.

REVISTA DA SEMANA

ANO XLV --- 12-8-1944 --- N. 33

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo, em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00
Registrada: ... Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00
O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado Cr\$ 2,00
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels.: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447

Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866

Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL
REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Toda correspondência deve ser endereçada ao diretor.

ESTE NUMERO CONSTA DE 60 PAGINAS

Sumário

LITERATURA:

Oswaldo Goeldi (Alvaro Moreyra).....	4/5
Ela e Eles (Rupert Brandon).....	13
O Homem do Olho de Vidro (J. Jenkins).....	20
O Pescador (Guilherme Figueiredo).....	27
Angra dos Reis (Escagnolle Doria).....	19
Livros Novos.....	46/47

REPORTAGENS:

Ela viu o drama da China (Texto de Paulo Salles Guerra, fotos de A. Vieira)	3, 8 a 12
Jockey Clube.....	6
Falou o espírito de Humberto de Campos.....	16/19
Luiz Edmundo na Academia.....	50/51
Figuras e Fatos.....	52/53

FEMININAS:

Nos Bastidores Femininos.....	29
Modelos.....	30/32
Outros Modelos.....	54

CURIOSIDADES:

Dona Carmen.....	33
Como se preparam os modelos infantís.....	34/37
Tres Quadros de Pedro Antonio.....	28
Coisas do Brasil.....	25

SEÇÕES:

A Guerra em Marcha.....	21/24
De Rádio (Djalma Maciel).....	38
De Música (Roberto Lyra Filho).....	40

NOVELA:

Covardia — por Berliet Junior.....	55/56
------------------------------------	-------

CARICATURAS:

De Bom Humor.....	26
"Charge" de Raul.....	58

Quero bom trato!



TIMBORÓL

É o melhor e mais eficiente sabão veterinário, por conter todos os elementos ativos do timbó.

EVITA E COMBATE AS PULGAS, CARRAPATOS, SARNAS, ECZEMAS, FERIDAS, E, EM FIM, TODOS OS PARASITOS E DERMATOSES, ASSEGURANDO A HIGIENE E BELEZA DOS ANIMAIS.

De quem é a culpa?

Si V. S. sofre de dôr de cabeça, tonturas, pêsos, calor e mal-estar na cabeça, empachamento, dôres e outras perturbações do estômago, certas coceiras e irritações da pele, falta de apetite, preguiça e moleza geral, língua suja, quentura na garganta, mau gosto na boca, mal-estar depois de comer, indigestão, mau hálito, arrôtos, gases, dôres, cólicas e outros desarranjos do ventre, azias, ânsias e vontade de vomitar, nervosismo e outras alterações da saúde provocadas pela prisão de ventre, a culpa é sua porque não se trata como deve.

Estas moléstias quasi sempre são causadas por impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas no estômago e intestinos, que invadem o sangue e prejudicam o organismo.

Para evitar e tratar êstes sofrimentos, use **Ventre-Livre**.

Ventre-Livre limpa o estômago e intestinos das impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosas doenças.

Use **Ventre-Livre**

Lembre-se sempre:

Ventre-Livre não é purgante

Tenha sempre

em casa **Ventre-Livre**

PARA ESCREVER BEM É PRECISO ANTES DE TUDO USAR SEMPRE A TINTA SARDINHA

PARA ESCREVER E PRINCIPALMENTE
PARA CANETA TINTEIRO

Nossa Capa

DUAS oportuníssimas reportagens realçam e ocupam lugar proeminente nesta edição. De um

e que se expande em considerações interessantíssimas sobre a gente e as coisas do seu grande país, hoje em tão forte evidência. De outro lado, a mensagem do espírito de Humberto de Campos e entrevista com o advogado da família, caso da máxima sensação no momento.

A pesar da guerra e de tantas calamidades da hora presente, que tão de perto falam aos interesses masculinos, a Mulher continua ocupando lugar de vanguarda, soberana e dominante.

Por isso, e porque a REVISTA DA SEMANA procura manter suas tradições de publicação eminentemente elegante, em plena forma no espírito da época, revista de assuntos mundanos por excelência, damos ainda, nesta edição, novos e originais modelos para *toilettes* das nossas leitoras que apreciam a arte de bem vestir. A começar da capa, onde a *estrela* da RKO — Rosemary La Planché — nos oferece um modelo extravagante e bizarro de chapéu, coberto por um tenue véo, mais que transparente, através do qual se realçam os predados de beleza dessa formosa mulher americana.

Tudo, entretanto, sem prejuízo do nosso noticiário do costume, reportagens fotograficas da Guerra em Marcha, contos, novelas, e ainda as seções costumeiras: de rádio, de música, de cinema, etc.



lado, a joven e arrojada aviadora filha do Celeste Imperio, que ora nos visita

ELA VIU O DRAMA DA CHINA

E NELE TOMOU PARTE

A PRIMEIRA CHINESA QUE SE TORNOU AVIADORA — UM BANHO NA BAÍA DE SÃO FRANCISCO — A PAIXÃO DE MISS LEE — "PRESENCIEI O POVO DE SHANGAI SER METRALHADO PELOS AVIÕES JAPONESES" — DIRETORA DE UM HOSPITAL NA CHINA — A CHINA DESPERTA — UMA MULHER DE 65 ANOS QUE COMANDA 30.000 GUERRILHEIROS — O FEMINISMO NA CHINA — COMO SE CASA NO CELESTE IMPÉRIO — OS CHINESES PARECEM-SE MUITO COM OS BRASILEIROS — "BRASIL, PAÍS ROMÂNTICO E LINDO" — UM GRANDE IMPULSO NA AVIAÇÃO CHINESA — "ATUALMENTE LUTAMOS MUITO E LEMOS POUCO" — O CINEMA CHINÊS — OS CHINESES NUNCA SUPTORARAM OS NIPÕES

LEE YA-CHING ou, melhor, Miss Lee, pois na China usa-se o nome de família antes do prenome, desceu vagarosamente as escadas do Palace Hotel Copacabana, procurando descobrir na sala o reporter que se anunciara.

Não lhe foi muito difícil distinguir as três figuras diferentes do reporter e dois fotógrafos. Devíamos parecer de outra espécie entre aquela gente elegante que jogava, palestrava e fumava displicentemente sentada em comodas poltronas.

Caminhamos ao seu encontro:

— Miss Lee Ya-ching?

— Yes.

Era a primeira vez que a víamos. Não se parece com todas as chinesas, apesar de imaginarmos que todos os chineses são exatamente iguais. Ela é mais bonita e mais elegante.

Tínhamos a firme e teimosa intenção de encontrar, na figura delicada de Lee Ya-ching todo o mistério do Oriente. Aquele Oriente que desde meninos nos habituamos a imaginar, misterioso, traiçoeiro, sofredor, nosso antipoda não somente geográfico mas também espiritual. Todo o ser humano de tez amarela e olhos oblíquos deve ser assim.

Aquele "Yes" tão desembaraçado deixou-nos um pouco decepcionados. Estávamos em presença de uma chinesa de verdade ou de uma caracterização de Hollywood?

Seu vestido oriental, contrastando com o ambiente, parecia fortalecer aquela impressão. E depois, Miss Lee era bonita de mais.

Com seus gestos calmos, aquele sorriso como só uma chinesa sabe fazer, convidou-nos a sentar.

Lee Ya-ching tem um modo interessante no olhar.

Seu olhar parece vir de longe, de muito longe, e penetra na gente. Fala suavemente, maciamente, sorrindo sempre. Quasi não gesticula. Apenas uma ou duas véses, seus gestos tinham uma força, uma dramaticidade, impressionantes.

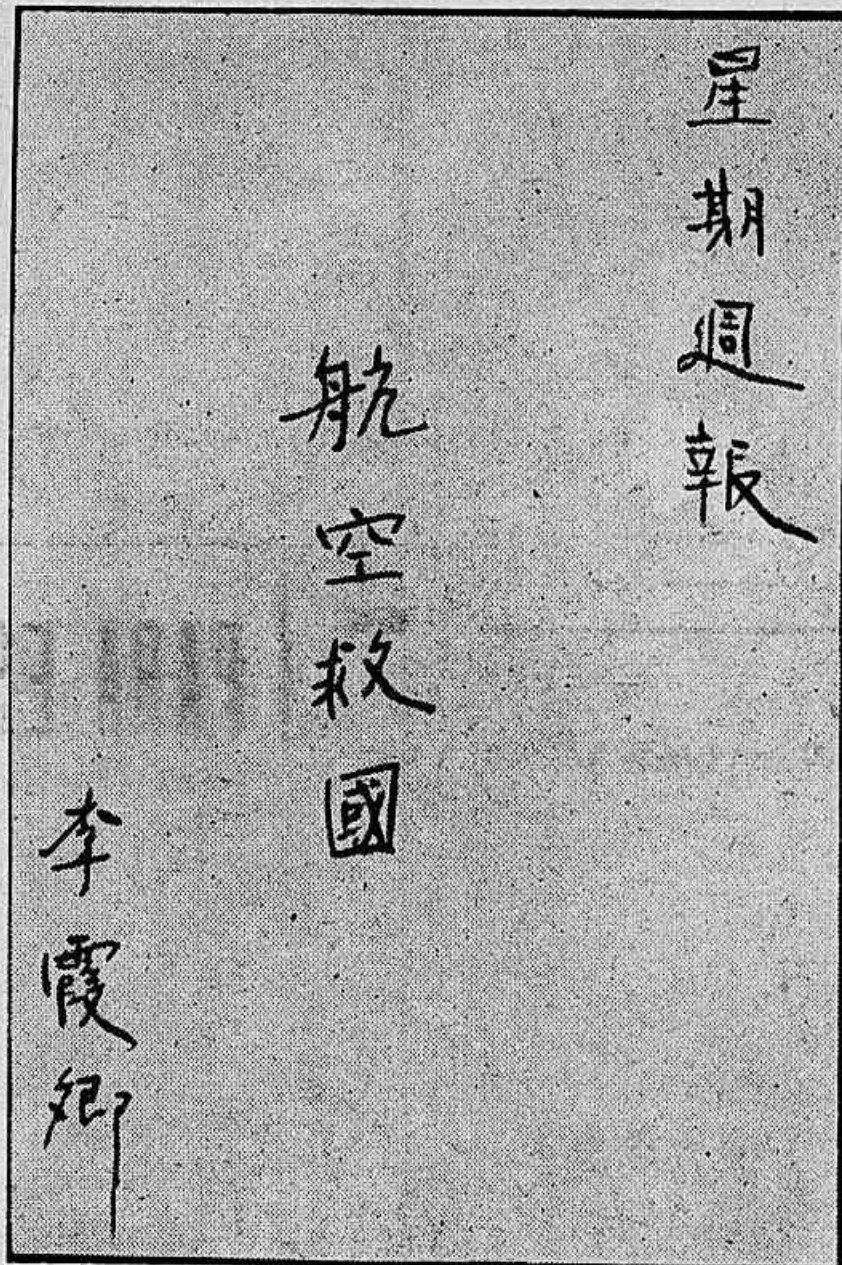
Quem é esta jovem chinesa, alta, bonita, elegante e inteligente que se encontra entre nós?

De onde veio? Que está fazendo no Brasil?

Foi para saber de tudo isto que a procurámos.

Miss Lee Ya-ching foi a primeira chinesa que se tornou aviadora.

— Brevetou-se na China?



VOCÊ COMPREENDE, LEITOR? NÓS TAMBÉM NÃO ENTENDEMOS NADA. ENTRETANTO, MISS LEE NOS GARANTIU QUE ESSAS TRÊS COLUNAS EM CARACTÉRES CHINESES QUEREM DIZER: A PRIMEIRA À ESQUERDA, A ASSINATURA DA AVIADORA; A DO CENTRO: VITÓRIA PELA FORÇA AÉREA E A TERCEIRA: REVISTA DA SEMANA. NÓS ACREDITAMOS.

— Não. Estudei em Genebra, na Suíça e fui a primeira mulher a tirar o "brevet" nesta cidade. Fui entretanto especializar-me nos Estados Unidos, na "Boeing School of Aeronautics" da Califórnia.

— Nunca sofreu um desastre de aviação?

— Certa vez, durante o treinamento, nos Estados Unidos, caí na Baía de São Francisco. Felizmente pude utilizar-me do paraquedas. Passou-se algum tempo até que fui recolhida por um barco. Apenas um susto. Mas isto faz parte do ofício.

Posso garantir que o meu interesse pela aviação não diminuiu depois deste acidente. Pelo contrário, aumentou e aumenta sempre. Para mim, a aviação não representa apenas um sport. Minha pátria precisa de aviões e aviadores. A aeronáutica deve ser desenvolvida na China e felizmente vem sendo. Todos os chineses deveriam trabalhar pelo seu engrandecimento.

Falando naquilo que devia ser a sua paixão na vida, Miss Lee se entusiasmara.

Aliás, o governo da China deve ter reconhecido nela este entusiasmo e a competência suficiente para conceder-lhe licença de sobrevoar todo o território da China. E' preciso que se diga que a nossa entrevistada foi a primeira mulher na China a gosar esta licença. As suas atividades neste sentido foram notáveis. Foi instrutora da primeira escola de aviação civil na China, a "Shanghai Municipal Air School". Mais tarde foi co-piloto da "China's South Western Airline".

— Onde estava quando se verificou a invasão da China pelo Japão?

— Em Shanghai. 1937. Não estávamos preparados para enfrentar o ataque japonês. Aliás, ainda não estamos. Falta-nos material de toda a espécie.

Entretanto, não faltam à China homens para lutar e coragem. Porém necessitamos ainda de muito auxílio.

— Tomou parte na luta contra os Japoneses, nessa ocasião?

— Não como aviadora. Trabalhei e organizei um hospital, completamente aparelhado, com capacidade para 200 soldados. Fomos felizes, pois o Instituto de Rádio forneceu-nos médicos, suprimentos, equipamentos, enfermeiras e tudo de que necessitávamos. Precisávamos muito de hospitais. Os feridos podiam-se contar aos milhares. O povo estava indefeso e os Japoneses aproveitavam-se disso.

— Presenciou alguma dessas cenas?

— Muitas e muitas véses. Os aviões desciam sobre o povo e metralhava-os em massa. Tive ocasião de assistir horrorizada a cenas como a do massacre e metralhamento dos refugiados em Shanghai. Os japoneses podiam metralhar o povo quasi individualmente. Quando os aviões iam embora os cadáveres se amontoavam nas ruas. Shanghai caiu em poder dos inimigos.



ESTES SÃO OS OLHOS OBLÍQUOS DO ORIENTE, INSPIRADORES DE TANTOS POÉTAS. SÃO ASSIM OS OLHOS DE LEE YA-CHING QUE JÁ VIRAM MUITAS TERRAS, MUITOS POVOS. ELES SORRIEM, MAS TAMBÉM CHORARAM MUITO AO VEREM O MASSACRE DOS SEUS PATRÍCIOS.

A high-contrast, grainy black and white photograph. A woman stands in the center-left, facing forward. She is wearing a long, dark dress with a light-colored, intricate pattern. Her hair is styled in a short, dark bob. She is positioned in front of a large window with heavy, dark curtains that are pulled back, allowing bright light to stream in. To the right of the woman, a white, ornate chair is partially visible, also illuminated by the light from the window. The floor is dark and reflective, showing a faint reflection of the woman and the chair. The overall mood is dramatic and mysterious.

No ambiente do luxuoso ho-
tel, desaparece a aviadora
e surge a dama elegante...



"ESTAVAMOS PRESOS, ACORRENTADOS. NÃO TINHAMOS ARMAMENTOS, NÃO ERA POSSÍVEL CONTER O PRIMEIRO ASSALTO DOS JAPONESES. ENTRETANTO, NUNCA FALTOU À CHINA GENTE E CORAGEM PARA LUTAR." E AS MÃOS DE LEE YA-CHING ACOMPANHAM A DESCRIÇÃO DOS HORRORES PRESENCIADOS.

gos. Transferi-me para Cantão, e prossegui na minha obra.

— Como enfrentou o povo chinês esta situação?

— Admiravelmente. Todos se portaram com excepcional bravura e calma. Vocês devem saber que o meu povo tem uma grande capacidade para o sofrimento. Somos pacientes e fatalistas, mas a nossa força de vontade é indomável. A nossa resistência a um invasor cruel e, muito mais bem armado, devem tê-lo demonstrado.

— A vida e os costumes da sua terra mudaram muito depois da invasão japonesa?

— A China foi sacudida e despertou de uma letargia secular de que ainda não se havia livrado inteiramente, apesar dos esforços de alguns homens bem orientados e superiores que nos dirigiam. O povo propriamente não sentira ainda esta necessidade de reagir. A guerra despertou sentimentos de cada cidadão chinês que jaziam adormecidos.

Desenvolvemos extraordinariamente as nossas indústrias, quase inexistentes, pois a agricultura era a

base da nossa economia. Atualmente temos até uma indústria pesada. Se bem que ainda em pequena escala, fabricamos ferro e aço.

Temos um grande programa de reconstrução que haverá de ser cumprido.

Outra vantagem desta guerra foi a organização de forças para chegarmos a constituir um exército capaz de enfrentar os invasores. Todas as forças dispersas e irregulares foram concentradas para enfrentar o perigo externo. E este afluxo em torno do governo e dos chefes militares foi voluntário. Ninguém desconhece o papel importantíssimo que desempenharam os guerrilheiros chineses. Poderosos bandos armados, que cometiam saques e atrocidades, foram arregimentados, uniformizados e lutam como exército regular. Modernamente equipados, são guerreiros terríveis que tem dado muito trabalho aos japoneses.

— Conheceu pessoalmente algum desses guerrilheiros?

— Sim. Era uma mulher. Todos a conhecem na China, pois tornou-se famosa. Seu nome é Chow. Tem

MÃOS DELICADAS, DEDOS FINOS, DEDOS QUE FALAM. ENTRETANTO, ÊSSES MESMOS DEDOS ARISTOCRÁTICOS SEGURAM COM FIRMEZA O "MANCHO" DO AVIÃO. E GRAÇAS À SUA DELICADEZA ESSAS MÃOS PUDEAM DIMINUIR OS SOFRIMENTOS FÍSICOS DE MUITOS CHINESES FERIDOS.



65 anos de idade e ha sete anos luta contra os nipões. Comanda 30.000 homens.

O prêmio que os japoneses oferecem pela sua cabeça é o melhor elogio às suas qualidades de combatente.

Aliás, essa energia da mulher chinesa vem sendo demonstrada em todos os setores e em todas as classes.

Aproveitamos para perguntar a sua opinião sobre Mme. Chang Kai-shek.

— E' a de todos os chineses: um belo exemplo, não apenas para as mulheres chinesas como para toda a China. Exemplo de coragem, competencia e dedicação. Mme. Chang Kai-shek é amada por todos os chineses. Sua influencia é enorme.

— Tão grande como a do General?

— Em certos setores, sim. O General preocupa-se principalmente com as forças armadas. E' também uma figura querida no meu país em cujo progresso tem um papel tão importante, tendo sido o unificador da China.

— Mas, pelo que nos dizia, a situação da mulher chinesa mudou completamente? Nós aqui, e os ocidentais em geral, gostamos de pensar nas chinesas do tempo dos Mandarins.

Custa nos a habituar nos com essa visão da chinesa moderna, ocidentalizada.

— Mas o fato é que isto era uma necessidade. Para nós, a ocidentalização tem trazido grandes benefícios.

— E esta transição se fez sem dificuldades?

— Fomos obrigadas a nos adaptarmos á época. Atualmente a mulher chinesa é tão adiantada como a ocidental. Não ha diferença. Basta dizer que ha na China 14 mulheres ocupando cargos politicos, e todas com ótimos resultados. Além disso, as mulheres trabalham nas industrias, mesmo nos trabalhos mais pesados, no comércio, como funcionárias, policiais, combatentes e operárias na construção de aeródromos e estradas, coisas de que tanto necessitamos atualmente.

— Quer nos parecer que a China tem sido um campo rico para o feminismo.

— Lee Ya-ching limitou-se a um sorriso como resposta. E garantimos que foi uma resposta satisfatória.

— Com a guerra e o feminismo, deve ter decrescido o numero de casamentos.

— Pelo contrário. Hoje em dia realizam-se casamentos em massa.

— ?

— O prefeito da cidade faz o casamento de centenas de casais ao mesmo tempo. Isto também é novidade.

Pensou um pouco, recordando:

— Antes as coisas eram bem diferentes. O casamento era uma cerimonia pomposa. A noiva era carregada numa cadeira, com enorme acompanhamento, musica e cortejo até á casa do noivo.

Aliás, é um dos poucos hábitos pomposos. Em geral a vida do chinês é simples e humilde. Não temos luxo, nem poderíamos ter.

— Esta modernização da sua terra alterou a vida em familia?

— Em algumas coisas, sim. Como sabe, a familia chinesa vivia sob um regime de patriarcado, sob a autoridade absoluta do chefe. Quando os filhos se casavam continuavam a morar na casa dos pais com sua esposa, e todos obedeciam ao velho chefe. Agora tudo mudou. Casamos como no ocidente e passamos a constituir um novo lar com um novo chefe.

Entretanto, esta ocidentalização não alterou, no fundo, o espirito e a cultura chineses. Aprendemos o que o ocidente nos enviou de bom, conservando os nossos velhos preceitos morais. Espiritualmente o chinês não mudou. Ainda perdura a nossa velha cultura chinesa. Apenas nos entrosamos na civilização e no momento que o mundo está vivendo. E a verdade é que nos soubemos adaptar rapidamente, mas de modo a não provocar desequilibrios.

Por outro lado, conseguimos muitas coisas de que necessitavamos para acompanhar o progresso do mundo: nossa industria e nossa cultura foram particularmente beneficiadas. Temos muitos problemas economicos e politicos parecidos com os do seu país: com uma enorme extensão territorial, as nossas riquezas estão no interior, sendo difficilmente atingíveis. Não contamos com uma rede de transportes capaz de suprir nossas necessidades.

Aliás, tenho descoberto muitos pontos de contato entre o meu e o seu país, como também entre os nossos povos.

Os chineses, como os brasileiros, são alegres, acolhedores, hospitaleiros e gostam de viver a sua vida sem que ninguém se intrometa.

— De modo que não sentiu grande diferença entre os nossos costumes e os da China?

— Bem, naturalmente uma oriental deve sentir diferença quando se transporta para o ocidente. No meu caso, porém, houve uma adaptação lenta. Desde pequena viajo pelo mundo com meus pais.

Já percorri quasi todos os países da Europa: Suíça, Italia, França, Russia. Além disso estive bastante tempo nos Estados Unidos e no Canadá. Aqui mesmo no



LEE-YA-CHING, em nosso idioma "FLOR DO CREPÚSCULO".

Brasil, já percorri alguns estados e conheço razoavelmente Corumbá e Manaus.

— Lá na China, ouve-se falar no Brasil?

— Sim, como um país romantico e lindo.

— E acha que correspondemos a este juízo?

— Plenamente. Para mim, seria difícil demonstrar como me sinto feliz entre o seu povo, que tão bem me recebeu. Creio que essa amizade poderá e deverá ser mantida e aumentada.

— Tem projetos para depois da guerra?

— Pretendo continuar o meu trabalho em prol do engrandecimento da aviação da minha terra. Temos muito o que fazer neste sentido.

E' verdade que a aviação está se desenvolvendo enormemente na China. Hoje em dia até as crianças se interessam pelo assunto.

Conversámos ainda durante algum tempo com Miss Lee sobre a literatura e o cinema na sua terra. Já se traduzem muitas obras da literatura ocidental, principalmente francesas e inglesas, para o chinês.

— Atualmente lutamos muito e lêmos pouco — disse sorrindo a nossa entrevistada.

— E o cinema?

— Está se desenvolvendo muito, ultimamente, na China. Temos boas salas de espetáculos. Já se faz cinema chinês, falado em chinês e as companhias têm amplos estudos.

Como no Brasil, é uma diversão procuradíssima.

— Acha que a guerra com o Japão demorará muito?

— Naturalmente mais do que a da Europa. Estamos recebendo auxilio e espero que continuemos a receber. Não deixaremos de lutar enquanto houver um japonês no território da China. Estamos construindo uma nova China, melhor e mais adiantada.

Despedimo-nos de Lee Ya-ching, sentindo uma grande simpatia pelo seu país e o seu povo.

DESCENDO AS ESCADAS DO PALACE HOTEL COPACABANA, LEE YA-CHING SORRI O SEU SORRISO BONITO. ESTA FIGURA QUE AI VEMOS É BEM DIFERENTE DA AVIADORA QUE FAZ EVOLUÇÕES, DOMINANDO O ESPAÇO. ELA ESTÁ HABITUADA A VER O MUNDO LÁ DE CIMA...

LEE YA-CHING FOLHEIA A "REVISTA DA SEMANA", QUE ALIÁS JÁ CONHECIA, E CONTA AO REDATOR AS SUAS IMPRESSÕES SOBRE O BRASIL E O QUE VIU DURANTE A GUERRA NO SEU PAÍS. OS HORRORES QUE PRESENCIOU NÃO EMPALIDECERAM O SORRISO DESTA CHINESA VALENTE, QUE CONTINUARÁ A TRABALHAR PELO ENGRANDECIMENTO DA SUA PÁTRIA.



OS PÉS DE MISS LEE NÃO CONHECERAM O SUPLÍCIO CHINÊS. NÃO FORAM APERTADOS PARA REDUZIR O SEU TAMANHO. ELES ESTÃO OCIDENTALISADOS ATÉ MESMO NOS SAPATOS. MAS SÃO BONITOS, NÃO SÃO?

ELA E... ELES

Conto de RUPERT BRANDON

ESTA história nada tem de extraordinário, nada apresenta de sensacional, no que diz respeito a situações novas. Qualquer história de amor tem, forçosamente, que se ater ao célebre duo: ele e ela, e limitar as variantes ao número de outros e outras que interveem para impedir que o enredo tenha seu desfecho, antes de começar. Cabe ao autor tomar todos os elementos conhecidos, como os ingredientes de um cocktail, e apresentar uma história nova ou, para continuar na comparação, uma bebida de sabor diferente. Como podemos conseguir isso? Variando a quantidade, já que a qualidade é sempre a mesma. Tomemos, portanto, um número nunca superado de "eles" e deixemos que uma única "ela" se desembarace dos outros para ficar com o eleito, o feliz. E' uma questão de número. Mas não se pode negar que isso dá nova fôlego à história e força a heroína a recorrer a métodos não empregados. De outra forma, como se desembaraçar de seus pretendentes importunos? Como desencorajar suplicantes em massa? Um é fácil, dois é tarefa menos simples, mas... mil! Sim, senhores, mil! E explico porque. As estrelas, em geral, têm uma legião de fãs. Pelo menos, é o que os faz crer a publicidade dos estúdios. Na falta de prova em contrário, aceitamos a afirmativa. As estrelas têm, portanto, uma legião de fãs. Nem todas, está claro. As mais populares, entenda-se bem. Mas esses fãs, esses adoradores são, em geral, adoradores à distância. Não podem esmagar a dama de seus sonhos com o peso do seu amor, nem feri-la no seu ímpeto másculo de arrebatá-la de mãos alheias e profanas. São, quasi sempre, ídolos longínquos. Acontece, porém, que a nossa estrela, a "ela" da história que vamos contar, safu, certo dia, da sua posição afastada, na constelação hollywoodense e viciosa, em pessoa, despertar em seus fãs um louvável ardor patriótico, incentivando a venda de bonus de guerra. Ora ela, em sua santa ingenuidade, não calculou que sua beleza aticaria naqueles fitis soldados não só o fogo do patriotismo, mas também um outro, muito mais perigoso para ela.

Ao pronunciar ela um discurso em uma cidade do interior, os rapazes sentiram-se tão contagiados pela exortação a empregarem o seu dinheiro em bonus que por pouco não arreventaram o forte cordão de isolamento, e atingiram a estrela.

Fala-se muito nos entusiasmos femininos que deixam os astros cinematográficos em lastimável estado. Por que se esquece o entusiasmo dos rapazes, que deveria ser muito mais vigoroso? Que ele existe, não há dúvida, e esta história o prova. Provam-no as centenas de cartas que ela recebeu, de uma cidadezinha escondida no interior do E. E. U. U. que, com verdadeira astúcia masculina, prometiam uma compra fenomenal de bonus, caso ela se prontificasse a persuadir convenientemente a população... Ela não teve dúvida. Tomou o primeiro trem, e disparou através das grandes cidades, rumo ao desconhecido.

Acontece que a população masculina da cidade, fora homens casados e portanto impossibilitados de dar demonstração pública de simpatias extra-conjugais, atingia a marca de mil, mas estes tinham aulácia e ardor suficiente para causar as complicações que passo a enumerar.

Em primeiro lugar, conspirava a favor deles o fato de serem os policiais os fãs mais ardorosos e destarte não haveria cordão de isolamento...

O primeiro discurso da estrela foi uma coisa tremenda. O entusiasmo era tal que a estrela assustou-se; mas, dessa vez, mantiveram-se à distância e ela ficou tranqüilizada. Teve então a idéia que já puzera em prática em outras cidades com muito êxito. Prometeu um beijo ao que maior número de bonus comprasse. E marcou o dia da entrega do prêmio para daí a uma semana.

Não descreverei a entusiasmo dos rapazes. Não há palavras que o traduzam. Os fatos serão bastantes significativos. Passemos, pois, a eles.

II

— Miss Joyce?

— Eu mesma.

— Aqui fala o prefeito Wilkins; a senhorita podia ter a bondade de marcar uma entrevista o mais cedo possível?

— Deseja falar-me com urgência?

— E' um caso de vida ou de morte.

— Bem, nesse caso, atende-lo-ei imediatamente. Pode vir ao hotel.

— Obrigado. Estarei aí dentro de alguns minutos.

De fato, dentro de pouco tempo, o prefeito apresentava-se no

saguão do hotel onde a estrela o esperava. Tinha o ar preocupado.

— Podemos falar a sós?

— Como não? Venha ao salão. Creio que está desocupado.

O prefeito, depois de instalar-se numa poltrona, começou a falar. 'A medida que expunha a finalidade de sua visita, crescia o espanto da estrela. Seria possível que lhe dessem tanto valor?

— E' como lhe digo, Miss Joyce. Um verdadeiro pandemônio. As finanças do Estado periclitam. Isso, para não falar no escândalo.

— Mas o senhor compreende que eu não tinha a intenção de causar tal situação...

— Compreendo, Miss Joyce. Mas é preciso que a senhorita mude de ideia a respeito do prêmio, pois de outro modo pode causar grandes perturbações e tornar, assim, o seu trabalho patriótico um verdadeiro desastre para o Estado...

— E' uma situação difícil...

— Efetivamente.

— E como acha que podemos remediá-la?

— Sugiro que a senhorita se recuse a cumprir a promessa.

— Isso, não. Ademais, que posso eu fazer?

São capazes de cobrá-lo, à força, e assim será muito pior. O senhor não disse que eles estão se arruinando, vendendo tudo, roubando mesmo para obter esse prêmio?

— Sim.

— Que farão se souberem que não o obterão?

— E' verdade...

— E, além disso, o interesse me lisonjeia...

— Bem, a senhorita compreende, são rapazes do interior. Nunca viram uma estrela de perto.

— E'. O entusiasmo é explicável.

— Não acha?

— Acho. Acho. Mas isso não indica a maneira como possamos sair dessa situação...

— Eu já lhe dei a minha sugestão...

— E eu já provei que não resolve...

— Tem razão.

— Mas tenho outra ideia.

— Qual será?

— Anunciaremos que sou forçada a partir, inesperadamente, e que o prazo deve ser encurtado. Hoje mesmo será conferido o prêmio...

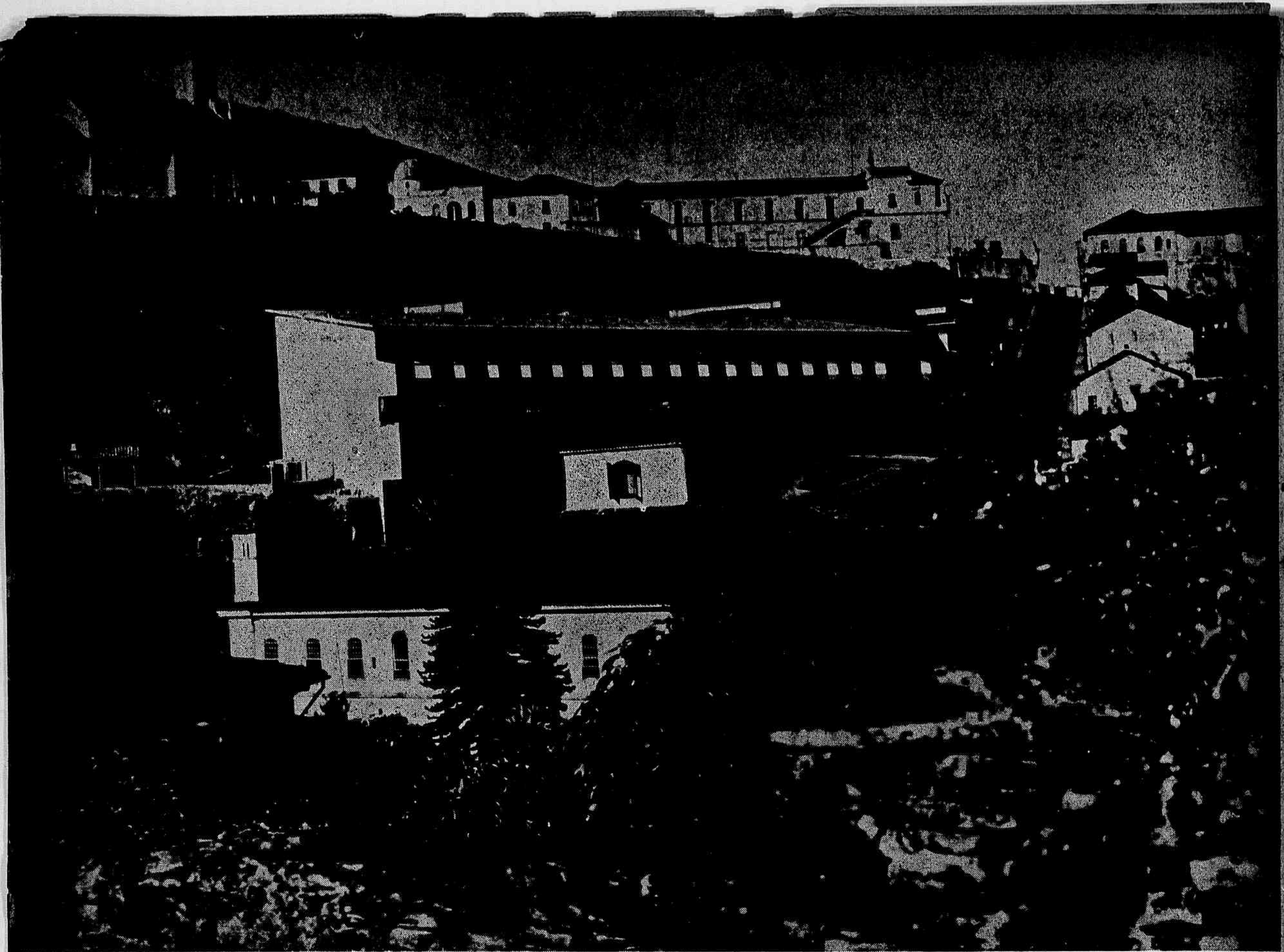
— Porém o entusiasmo será maior.

— Mas anunciaremos logo depois o vencedor.

— E quem será ele?

(Continúa na página 45)





VISTA PARCIAL DO GRANDE HOTEL DE OURO PRETO.

SALA DE JANTAR.



O Grande Hotel de Ouro Preto foge às finalidades comerciais dos estabelecimentos congêneres para um destino muito mais belo. Porque, entre as pedras tradicionais da Cidade Monumento, ele se faz um instrumento de divulgação cultural, possibilitando ao turista de nossos dias estudar o passado sem fugir aos hábitos super-civilizados do presente. Entre as igrejas veneráveis, as estatuas do Aleijadinho, as fachadas de azulejo, as ruas tortuosas, por onde a História caminhou, ele é o banheiro com água quente, a luz elétrica, o elevador, o MENU internacional, a elegância de hoje, as condições vitais do século XX. Possibilita viajar através das tradições históricas, sem o sacrifício dos hábitos quotidianos do GRAND-MONDE.

Por isso, a sua presença diferente não choca a alma sensível das velhas pedras. Ele é, afinal, o grande amigo de Ouro Preto. Uma espécie de interprete. A ponte entre o romantismo colonial e a era realista da coca-cola e do fêcho-éclair. E, para nós que trazemos nos nervos e no sangue o hábito dos FAUTEUILS e das VEILLEUSES, um motivo a mais de admiração pelos que souberam ser grandes,

Roteiro turístico: OURO PRETO

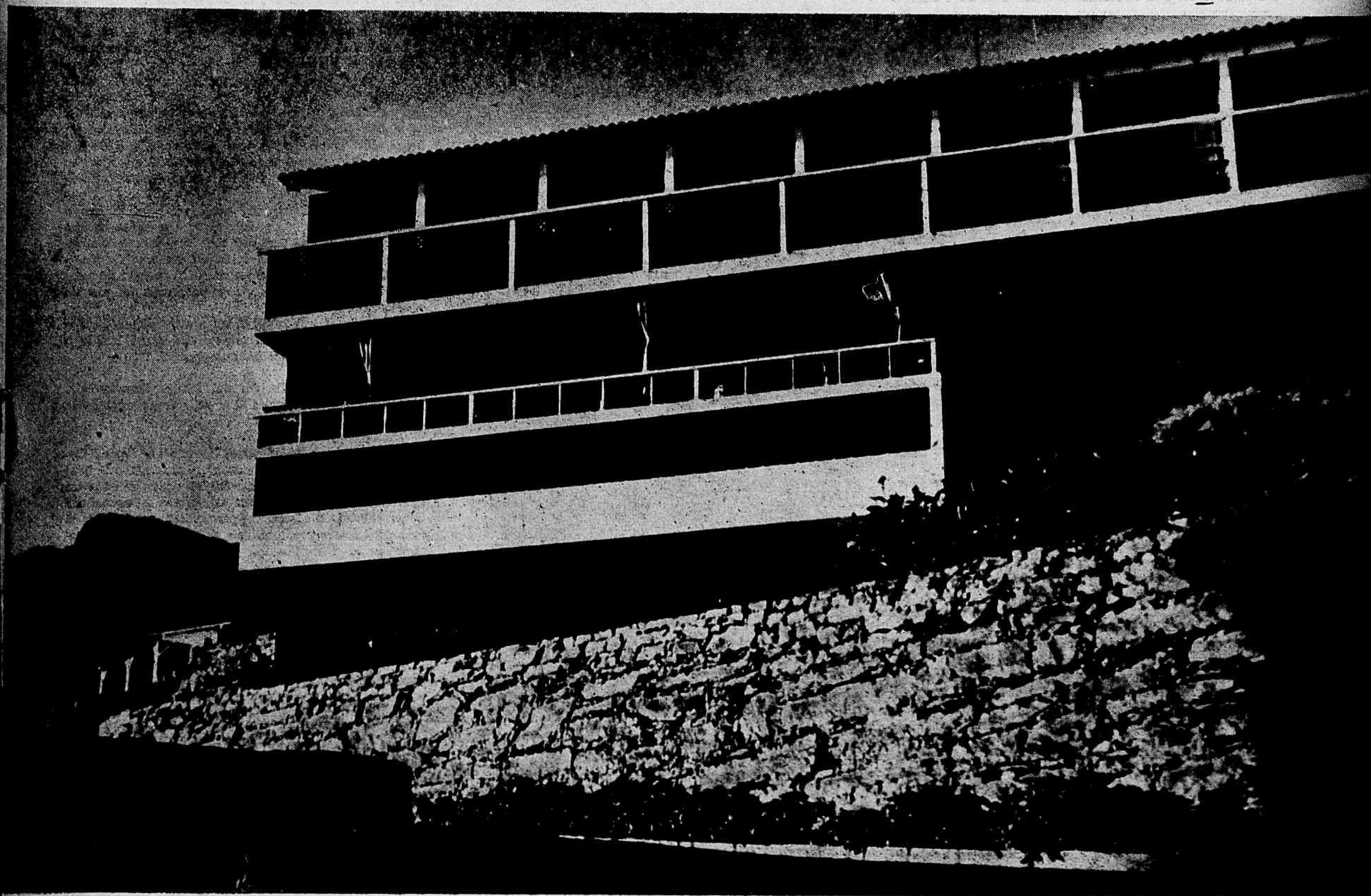
num mundo mais novo. Foram essas as razões que levaram o governador Benedito Valadares a atirar, sobre a cidade colonial, esse grito vitorioso da Civilização. A S. Excia. não escaparam os aspectos realísticos do empreendimento nem as dificuldades estéticas suscitadas pela sua presença em Ouro Preto. Mas estava em jogo um problema de turismo e de cultura que não poderia esbarrar em preconceitos. E quando o Grande Hotel apareceu, com suas largas varandas enfeitadas de palmas, a paisagem o acolheu festivamente, emoldurando-o no quadro antigo das torres, no quadro ingênuo dos morros.

Hoje, arrendado por Alberto Bianchi — um dos maiores animadores do turismo no Brasil — ele é a sala de visitas da Cidade. Lá, Ouro Preto recebe os seus novos amigos e vem, pelas janelas amplas e pelas terrasses tranquilas, convidá-los para a sua austera e nobre intimidade.



SALA DE ESTAR

PARTE DA FACHADA PRINCIPAL DO MAJESTOSO EDIFÍCIO



FALOU O ESPIRITO DE HUMBERTO DE CAMPOS

POR INTERMÉDIO DE CHICO XAVIER, MANIFESTA-SE O AUTOR DE "MEMÓRIAS", CUJAS OBRAS PÓSTUMAS TÃO RUMOROSO CASO CONTINUAM PROVOCANDO — DE COMO UMA SIMPLES REPORTAGEM DA "REVISTA DA SEMANA" ASSUME PROPORÇÕES DO MAIS SENSACIONAL ASSUNTO JORNALÍSTICO DOS ÚLTIMOS TEMPOS — HUMBERTO FALANDO AOS FILHOS DIZ: "PROMETO NÃO INCOMODÁ-LOS..." — "ESTEJAM TRANQUÍLOS E FELIZES..." — "O PRÓPRIO SALOMÃO, EM CASO SEMELHANTE, IMITARIA O GESTO DE PILATOS" — EM PRIMEIRA MÃO, A MENSAGEM PSICOGRAFADA EM 15 DE JULHO ÚLTIMO

Por CELESTINO SILVEIRA

(Exclusividade da REVISTA DA SEMANA)

De caso pensado, a REVISTA DA SEMANA tem se abstraído de comentar, sistematicamente, o momentoso assunto da literatura de além-túmulo. E dizemos — de caso pensado — pois o motivo de tão largo interesse jornalístico surgiu, nunca é de mais repetir, de uma simples reportagem desta publicação, meses atrás. Nosso propósito era, então, o de restringir o assunto àquela entrevista, mas as coisas assumiram proporções de tal ordem que a reportagem inicial da REVISTA se espraçou, como não podia deixar de ser, por uma grande parte da imprensa diária carioca. Tal registro só nos sensibiliza. Afinal, era um "motivo" jornalístico que estava em conserva e de onde o fomos extrair, para o arejamento em que hoje se encontra. Por singular coincidência, aconteceu que os herdeiros de Humberto de Campos pensavam exatamente em tomar medidas cautelares contra o patrimônio do escritor, notadamente no que diz respeito à sua obra póstuma. E a oportunidade foi aproveitada, movimentando-se desde logo o rumoroso prelo que aí se encontra em curso. Desde então, só nos enfileiramos com a reportagem que tão inteligentemente vem aproveitando o assunto quando alguma faceta de maior relevo e de absoluto cunho inédito pode ser focalizada, como sucedeu por ocasião de ouvirmos o "médium" Francisco Cândido Xavier, em Belo Horizonte. Foi a REVISTA DA SEMANA a primeira publicação a entrevistar o modesto funcionário mineiro, e então as nossas primeiras impressões apareceram no vespertino "A Noite", para se estenderem, com todos os pormenores, na edição imediata da nossa publicação. E novamente nos mantivemos em silêncio, aguardando outro motivo de fato justificado para, em nossa condição de semanário, explorarmos o assunto. Eis que ele se apresentava, no entanto. Inicialmente, havíamos consultado ambas as partes em litígio, dentro das necessidades apropriadas a uma revista. Pelas nossas páginas manifestaram-se livremente os adeptos da causa espírita e os não adeptos; os parentes de Humberto e os admiradores; intelectuais e juristas; e, finalmente, também Chico Xavier dava o seu parecer, com ele, aliás, ainda o seu "guia" Emmanuel.

Faltava alguém, no entanto. Alguém que devia participar na contenda, dela sendo o protagonista, a sua razão de ser. Faltava ouvirmos a palavra de Humberto de Campos, si fosse possível fazê-lo, é claro. A princípio afirmou-se que o escritor não "baixaria" até segunda ordem. Talvez aborrecido com o rumo que as coisas tomavam, talvez por medida de precaução. Para não ficar pró ou contra os herdeiros, pró ou contra os espíritos, quem poderia saber? Depois afirmou-se que Humberto teria liberdade de ação, no "além", manifestando-se quando bem entendesse, pois os mortos continuam regendo sempre e cada vez mais os vivos.

De nossa parte, procurámos silenciar para o público e trabalhar nos bastidores. Tomámos nossas providências para conseguir uma vigilância permanente na pessoa de Chico Xavier. Lá mesmo, em Pedro Leopoldo, onde os nossos confrades o acompanhavam dia e noite, em Belo Horizonte, onde ia com frequência, ou em outras localidades até onde seus deveres profissionais o impeliam, em qualquer parte, estava a REVISTA DA SEMANA, esperando a hora oportuna. Desde que Humberto de Campos falasse, nós tomaríamos imediato conhecimento da sua palavra. E assim sucedeu, pois faz precisamente um mês, a 15 de Julho, Francisco Cândido Xavier recebia, durante a noite, a esperada mensagem de Humberto, reproduzida em outra página desta edição. E sem demora tomávamos conhecimento dessa mensagem, embora assumindo tácito compromisso de não ser feita a sua divulgação até agora, quando,

finalmente, nos desobrigamos do mesmo. E' que nos trechos da Contestação apresentada pelo dr. Miguel Timponi, advogado da Federação Espírita Brasileira, e constante de um total de duzentas e quinze páginas, lá estava "a revelação feita ao médium Francisco Cândido Xavier pelo ditado da noite de 15 de Julho pp." (textual da Contestação).

AS PRELIMINARES DA CONTESTAÇÃO

Na impossibilidade de reproduzir, na íntegra, esse documento, dada a sua extensão, e em face do interesse



Humberto de Campos

extraordinário que o palpitante "caso" continua oferecendo, damos aos leitores, nas linhas abaixo, os "itens" 16 a 18:

Item 16. Examinemos, todavia, mais detidamente, a questão do nome.

"E' indispensável que, na vida social, cada homem seja distinguido dos seus semelhantes. Uma sociedade, cujos membros estivessem misturados em massa con-

fusa, não seria uma sociedade. O nome é o sinal, exterior, que individualiza o homem na sociedade. Em sentido mais restrito, o nome propriamente dito, ou nome patronímico, é a designação de todos os membros de uma mesma família. O prenome é o sinal que distingue o indivíduo dos outros membros de sua família. (HUMBLÉ, *Traité des noms, prénoms et pseudonymes*, ns. 1 e 2 — *PANDECTES FRANÇAISES*, Répertoire, vol. 41, pág. 818, n.º 1)".

"O nome é uma obrigação antes de ser objeto de um direito. (G. BAUDRY — H. HOGUES-FOURCADE, *Traité Dir. Civile*, vol. 1.º, n.º 294 bis XIII).

BOSIO, incontestável mestre na matéria (*Marchi e Segni Distintivi Di Fabbrica*, n.º 79, pág. 156), afirma, por sua vez, que o nome patronímico não pode constituir uma verdadeira propriedade e acrescenta que o uso que os descendentes fazem do nome familiar, para distinguir a sua personalidade, é em virtude de um direito que lhes assiste e não de uma transmissão, porque o direito que nós temos sobre o nosso nome morre conosco ("Il diritto che noi abbiamo sul nostro nome muore con noi, nè sarebbe esatto dire che noi trasmettiamo il nome ai nostri discendenti").

Confirma PLANIOL (ob. cit., pág. 156, n.º 398) que o nome é uma instituição de polícia civil; é a forma obrigatória da designação das pessoas; mas não é mais um objeto de propriedade, que não o são os números de matrícula; não é alienável; a lei não o põe à disposição daquele que o traz, e ela o estabeleceu muito menos no seu do que no interesse geral.

Com exceção do código civil suíço e do alemão, tôdas as demais legislações são uniformes, não considerando o nome como coisa suscetível de apropriação.

São de VIVANTE (*Revista del Diritto Commerciale*, 1904, II, notas 1 e 2, págs. 199 a 207) essas expressões persuasivas:

"O nome tem valor somente como meio para distinguir as pessoas e as coisas, condição imprescindível da vida social, como *signum fiducia ac credulitatis ad agnoscendos homines et res*. Quando a lei reconhece a um cidadão o direito de possuir um nome para si ou para os seus produtos, não chega ao ponto de conceder-lhe o DIREITO DE USAR EXCLUSIVAMENTE aquele nome em toda esfera de atividade econômica e jurídica, não pretende retirá-lo da linguagem comum e do vocabulário dos nomes próprios."

E mais adiante continua:

"Quando um pai dá ao próprio filho um nome que, acompanhado do cognome de família, coincide com o já usado por outrem, este não tem o direito de reclamar contra a declaração feita no registro civil: a sua ação judiciária seria improcedente, porque aquela criança não ameaça de modo algum a esfera de sua atividade, não pode diminuir-lhe o crédito ou a clientela, em virtude da confusão dos nomes."

E conclui:

"Essa função diferenciadora deve fornecer ao jurista o critério para estabelecer os limites entre os quais deve conter-se a tutela jurídica do nome, dando-lhe a medida da sua disciplina, porque todo instituto jurí-

A mensagem de Humberto de Campos

Revelação feita ao médium Francisco Cândido Xavier, ditada na noite de 15 de Julho último:

"Não desconheço minha pesada responsabilidade moral, no momento, quando o sensacionalismo abre torrentes de amargura em torno de minh'alma.

Recebeu-me a Federação Espírita Brasileira, generosamente, em seus labores evangélicos, publicou-me as páginas singelas de noticiário desencarnado, concedendo-me o ingresso na academia da espiritualidade. E continuei conversando, com os desesperados de todos os matizes, voluntariamente, como o hóspede interessado em valer-se da casa acolhedora.

Tudo ia bem, no trabalho a que me propus, desde o instante em que a morte me confundiu as vaidades literárias, mas sempre paguei o mais alto preço pelo vinho amargoso das letras.

Esqueci-me de que o pseudônimo é o refúgio dos escritores incompreendidos e, como a legislação de meu País não decretou, até agora, qualquer medida de restrição ao uso do nome dos "mortos", por eles mesmos, acreditei na possibilidade do esforço perseverante e tranquilo, continuando a usar o meu no intercâmbio com os famintos da felicidade, com quem fiz causa comum, desde muitos anos.

Eis, porém, que comparecem meus filhos diante da Justiça, reclamando uma sentença declaratória. Querem saber, por intermédio do direito humano, se eu sou eu mesmo, como si as leis terrestres, respeitabilíssimas embora, pudessem substituir os olhos do coração.

Abre-se o mecanismo processual, e o escândalo jornalístico acende a fogueira da opinião pública. Exigem meus filhos a minha patente literária e, para isso, recorrem à petição judicial. Não precisavam, todavia, movimentar o exército dos parágrafos e atormentar o cérebro dos juizes. Que é semelhante reclamação para quem já lhes deu a vida de sua vida? Que é um nome, simples ajuntamento de sílabas, sem maior significação? Ninguém conhece, na Terra, os nomes dos elevados cooperadores de Deus, que sustentam as leis universais; entretanto, são elas executadas sem esquecimento dum til.

Na paz do anonimato, realizam-se os mais belos e os mais nobres serviços humanos.

Quero, porém, salientar, nesta resposta simples, que meus filhos não moveram semelhante ação por perversidade ou má fé. Conheço-lhes as reservas infinitas de afeto e sei pesar o quilate do ouro da carinhosa admiração que consagram ao pai amigo, agora distanciado do mundo. Mas que paisagem florida, em meio do mato inculto, estará isenta da serpe venenosa e cruel? E' por isto que não observo esse problema triste, como o fariseu orgulhoso, e sim como o publicano humilhado, pedindo a bênção de Deus para a humana incompreensão.

Não perturbarei o sossego dos que ficaram. Prometo aos meus filhos não incomodá-los, fazendo-me sentir em minha renovação espiritual. Estejam tranquilos e felizes, no aprendizado da Sabedoria, soletrando o velho alfabeto da experiência. O que não lhes posso prometer é a representação do papel do mágico da esquina, através de demonstrações ociosas, que me fariam regressar, talvez, à neurastenia crônica dos meus últimos dias terrestres, quando batucava a minha bengala de enfermo, no silêncio da amargura íntima ou no barulho da desesperação. Além disso, não creio seja o processo judicial o livro de entendimento entre os filhos afetuosos e o pai saudoso e amigo. Encontrar-nos-emos, em silêncio, sem os ruídos do mundo e as imperfeições da forma, no santuário do coração.

Diante, pois, do complicado problema em curso, ajoelho-me no altar da fé, rogando a Jesus inspire os dignos juizes de minha causa, para que façam cessar o escândalo em torno de meu espírito, considerando que si o próprio Salomão funcionasse nesta causa, ao encarar as dificuldades do assunto teria, talvez, de imitar o gesto de Pilatos, lavando as mãos..."

dico deve regular-se segundo o seu escopo e sem que turbe os outros institutos com os quais se acha em contacto."

Idêntica é a lição do nosso sempre lembrado CLOVIS BEVILACQUA (Código Civil. Comentários, vol. 1.º, pág. 197):

"O nome civil não constitui um bem jurídico, porque não é coisa suscetível de apropriação em nossa sociedade. O nome individual, o que se inscreve no registro civil e os cristãos recebem no batismo, é, sem dúvida, um modo de designar a pessoa; mas, pelo fato de ter essa pessoa um nome, que a individualiza, não se segue que possa impedir outra de o escolher para si. Nem tão copiosa é a onomástica para tornar possível esse exclusivismo. O nome de família, o cognome, o *gentilium* dos romanos, o *nom* dos franceses, o *Nahme* dos alemães é uma indicação mais precisa da pessoa. Porém, se é comum aos membros de uma família, não é um direito pessoal exclusivo. Depois, no Brasil, pelo menos, se as famílias se honram em conservar e zelar o nome de seus antepassados, há muita escolha arbitrária de sobrenome, que seria vexatório e inútil impedir."

E' certo, portanto, que o nome em si não constitui um valor patrimonial. A tutela jurídica se estende aos interesses econômicos ligados ao nome tão somente para evitar que com a sua usurpação se estabeleça a confusão ou o engano em prejuízo do patrimônio, da atividade e dos atributos da pessoa.

Mas essa proibição só é legítima enquanto possa criar CONFUSÃO ("ma va vietata solo e in quanto possa creare confusione, possa cioè occasionalmente rendere comune ad altri, ciò che é caratteristica personale, ciò che delle singole attività individuali è effetto immediato" — DIGESTO ITALIANO, vol. 16, n.º 35, pág. 202).

Por isso, o princípio da reparação do dano (CLOVIS BEVILACQUA, obr. cit.) é suficiente para proteger todos os interesses econômicos e morais que se prendem ao nome, não porque o uso dele seja um direito exclusivo, porém porque todas as ofensas causadas às pessoas devem ser reparadas.

Confirmam: F. MENDES PIMENTEL — *Revista Forense*, vol. 34, pág. 263; RENATO DE CARVALHO TAVARES — *Revista de Direito*, vol. 54, pág. 18; POUILLET — *Marques de Fabrique*, pág. 573, n.º 496; FADA e BENSÁ — *Anotações à tradução italiana das Pandectas de WINDSCHEID*; FABIO LEAL — *O Direito*, vol. 110, pág. 568; PHILADELPHO AZEVEDO — *Direito Moral do Escritor*, pág. 218; A. SRAFFA — *Rivista Del Diritto Commerciale*, 1909, 1.ª parte, pág. 650; TEDESCO JUNIOR — *Da Troca e Alteração do Nome*, pág. 54.

Item 17. Assim entendido o direito ao uso do nome, vejamos si se verificou uma usurpação e com o fito de provocar confusão ou engano e de prejudicar os legítimos interesses dos herdeiros de Humberto de Campos.

Ora, não se pode falar em usurpação por parte do médium, visto que, no exercício de sua crença, recebendo

mensagens de um espírito e divulgando-as, sem nenhum interesse de ordem material, não tem e não pode ter a intenção dolosa de prejudicar o patrimônio de outrem ou de injuriar a pessoa de quem quer que seja.

Por parte da Federação, por igual, não caberia semelhante increpação, porque, publicando essas mensagens, no interesse de propaganda doutrinária, e não de exploração comercial, integrando-as, por meio de indicação inequívoca, na sua coleção especializada de filosofia espiritualista moderna e ciências psíquicas, e para uso, evidentemente, dos crentes ou dos estudiosos, — não visa estabelecer concorrência ou valer-se dos nomes dos comunicantes.

Essa circunstância, exclusiva de dolo e que desautorizaria consequentemente a *actio doll* ou a *actio injuriarum* do direito romano, é tanto mais relevante quanto é certo que as publicações objetivam a substancialidade, o gênero e o caráter das produções e não um nome humano.

Em se tratando mesmo das obras literárias dos autores vivos ou produzidas em vida, a lei dispensa um tratamento especial em relação à sua reprodução, sempre que essa reprodução se apresente com o caráter científico ou destinada a fim religioso.

E' o que preceitua o art. 666 do Código Civil:

"Não se considera ofensa aos direitos do autor a reprodução de passagens ou trechos de obras já publicadas e a inserção, ainda que integral, de pequenas composições alheias no corpo de obra maior, contanto que esta apresente caráter científico, ou seja compilação destinada a fim literário, didático ou religioso, indicando-se, porém, a origem, de onde se tomaram os excertos, bem como o nome do autor."

Item 18. Em que consiste, porém, a propaganda ilimitada da doutrina e dos ensinamentos do espiritismo, uma das finalidades da Federação expressamente indicadas em seus estatutos?

Há de consistir, logicamente, em demonstrar a procedência dos seus princípios, entre os quais avulta a tese da sobrevivência do espírito e da sua comunicação com o mundo dos vivos.

Entre os meios de levar a convicção aos que estudam, aos que pesquisam, e que buscam a verdade onde quer que ela se encontre, vale-se a Federação da mediunidade escrevente, maravilhosa faculdade que torna possível a recepção do pensamento dos espíritos.

Evidentemente, um livro, uma mensagem, uma comunicação qualquer, ditados por um espírito, oferece um vasto e copioso manancial para observação, exame, confronto e análise dos investigadores e estudiosos. E assim como eles podem gerar na mente de muitos a convicção de uma realidade e de uma certeza, podem provocar em outros a dúvida e o ceticismo, ou uma curiosidade maior para mais amplos estudos e pesquisas.

Longe, pois, de ser um mal, é um bem de inestimável alcance, porque desperta e aguça a inteligência, obrigando-a ao raciocínio e à reflexão, sem os quais ninguém é levado, por sua própria percepção, a uma conclusão certa e segura.



Um retrato do médium de Pedro Leopoldo, feito em atelier, recentemente. De resto, um retrato raro, pois dificilmente Chico Xavier se dá a esses luxos...

A publicação que se faz, portanto, de um desses ditados, principalmente quando o seu autor deixou em vida obras de grande valor literário, e foi consagrado como um dos mais destacados do seu tempo, pelas suas concepções, pelas suas tendências, pelo fulgor do seu talento, pela justiça dos seus conceitos, pela sublimidade dos seus sentimentos, das suas paixões e das suas emoções, formando uma personalidade empolgante, inconfundível, enfeitada dentro do seu estilo primoroso e inegalável, — não pode configurar a usurpação de nome, mas a demonstração de uma tese, de um princípio ou de uma verdade.

Seria inútil essa demonstração em relação a um autor fracassado, ao míngua literato que se ocultou dentro da sua obracinha que não foi lida, ou ao poeta que recitou a vida inteira os seus próprios versos à falta de quem os descobrisse.

Quaisquer que fossem as consequências dessa propaganda doutrinária alimentada pelos mais sãos e elevados propósitos, sentir-se-ia confortada a Federação pelas suas inestimáveis recompensas morais. Inquestionavelmente, foram colimados esses nobres objetivos, eis que se alastra o debate em torno da questão, surgindo de todos os recantos do país opiniões e conceitos judiciosos, testemunhos interessantes e indicações apreciáveis, numa comprovação irretorquível das grandes angústias em que se debate a humanidade, ávida de saber, de conhecer, de desvendar o mistério em que ela julga estar envolvida a sua própria existência.

Há injúria ao nome venerado de Humberto de Campos? Há porventura desrespeito à sua memória? Há qualquer referência desprimorosa ao seu caráter? Há qualquer insinuação maldosa, reticente, equivocada à sua personalidade? Há qualquer aleivosia ou depreciação à sua conduta como cidadão ou como escritor?

Não. — São livros de uma moral robusta e austera e que têm merecido as melhores apreciações. São ditados de grande saber e de profundas cogitações filosóficas. São obras que convidam ao estudo, à meditação, e que não comprometem os princípios da nossa organização política, porque não atentam contra a segurança pública e os bons costumes.

Releva, ao contrário, acentuar que as publicações da Federação Espírita Brasileira só poderiam concorrer para maior procura das obras produzidas em vida do escritor, porque todos quantos não as conhecem seriam impelidos à sua leitura para estudo e confronto, ou mesmo por mera curiosidade.

Resulta, portanto, que nem o nome e nem as obras de Humberto de Campos foram ou estão sendo comprometidas pelos R. R.

(Continua na pág 45).



Uma evocação da morte do escritor maranhense. Sua câmara ardente, na Academia, vendo-se, à esquerda, seus três filhos e, à cabeceira, a viúva Humberto de Campos. O desenhado deu-se a 5 de Dezembro de 1934 e esse "cliché" saiu no número de 15 do mesmo mês na REVISTA DA SEMANA.

DESCOBERTO o Brasil, logo após D. Manoel mandou armada espiar a terra da qual Caminha dera noticia epistolar.

Quem comandou aquela armada em 1501 e 1502? A pergunta no futuro abriria viva discussão. Todas as controversias são de foi não foi, é não é, para este ultimo resultado: tornar-se cada qual mais aferrado ao parecer proprio desdenhando o alheio.

Por maioria de opiniões, Americo Vespucio veio na armada de 1501 e 1502. Já sabe muito quem o afirma. Outro favor é verificar certo ter a armada de D. Manoel corrido costa brasilica de norte a sul. Como fosse de gente cristã, a expedição batisava os logares por onde costeira ia navegando, é de presumir com receio a par de curiosidade. O que se tem por misterioso assusta.

Cabos, um rio, uma ilha receberam nomes de santos, alguns de tais nomes ainda subsistentes na corografia patria. De todos os Santos ficaram aguas da Bahia; da Guanabara se viam as do Rio de Janeiro onde a armada aportou no Ano Bom de 1502, data assinada de Boas Festas.

Celebrando Epifania sobre ondas, a 6 de Janeiro de 1502, chegou a expedição a uma angra logo chamada dos Reis em honra do dia tão filiado ao luminoso Natal.

Vespucio consignou as impressões da terra, de tanta valia vindoura para Portugal ao escapar-lhe a India.

Na costa do Brasil nada havia de proveito atrás do qual correm os homens se atropelando. Nenhum minerio na terra entrevista, disse Vespucio.

A viagem da encomenda real começou, pois, a fatigar. Vespucio escreveu ao rei "haver já dez bons mezes que a armada navegava por conta da corôa e proprio risco."

Dez mezes quasi só entre mar e céu contavam-se dobrados. Traduzia Vespucio desejo geral observando "é deixar a terra e meter-se ao mar por outra parte". Se bem observou Vespucio melhor o fez a armada; velejou, e em Setembro de 1502 entrava no suspirado Téjo.

Cumpria lembrar tudo isto antes de tratar do local de batismo a 6 de Janeiro de 1502: Angra dos Reis, de fóros historicos remontados no tempo como parte de capitania, ao depois de provincia e hoje de Estado.

No Imperio, Angra dos Reis teve papel magno, prospera a terra fluminense e de grande peso na organização politica do seculo passado, quod non erat demonstrandum, para dizer á geometria. Basta saber um nada de historia patria que não deixa inconsunto o transcorrido.

Até 1860 a cidade de Angra dos Reis dominou na provincia do Rio de Janeiro. Por seu porto eram tributarios comerciais do municipio angrense parte da provincia do Rio, parte do norte de S. Paulo e bôa porção de Minas. Sete estradas de rodagem traziam ao porto de Angra os produtos das citadas zonas em florescimento.

Em 1849 o municipio de Angra, já em franco progresso, comprehendia quatro freguezias: a da Cidade, a de Santa Ana da Ilha Grande, do Rosario de Mambucaba, a da Conceição da Ribeira.

Tudo quanto constitue cidade animada e rica existia então em Angra dos Reis. Nela depois, em 1852, uma casa comissaria de café, a de José Francisco da Silva, punha em giro um capital de quatro mil contos.

Importante o municipio de Angra, sobrelevada nele era a sua Camara Municipal, no Imperio as municipalidades tidas em consideração, em Angra a edilidade constituída de nove vereadores, estes nos tempos coloniais os "homens bons das cidades."

A instrução publica primaria era zelada em Angra onde de séde um liceu com cadeiras de filosofia, historia e geografia, matematica, francês, inglês e da indispensavel gramatica latina tão util ao vernaculo nas épocas em que se preza o bem falar e o bem escrever.

No liceu de Angra completavam o curto curso secundario a filosofia racional e moral e a retorica unida ao conhecer da pratica.

Nem faltava ao liceu de Angra um curso de primeiras letras para facilidade de exames de admissão. Salvo a ausencia do ensino da musica vocal e instrumental, o liceu de Angra rivalisava com o de Niteroi, capital de população um pouco menor que a de Angra, esta em certa época, 1860, com quarenta e sete mil almas, Niteroi tendo quarenta e cinco mil.

Como toda cidade velha nossa, Angra apresentava igrejas e capelas, erguidas e mantidas pela piedade, incumbidas de ornalas a pintura, a escultura, a ourivesaria, a obra de talha.

Nas principais cidades do Brasil antigo o convento acompanhava a igreja e a capela. Angra não desmentio a regra. Possui dous conventos, o franciscano

ESCRAGNOILLE DORIA

ANGRA DOS REIS

de S. Bernardino, regido por um guardião, e o de N. S. do Carmo, administrado por um prior.

Para manutenção da crença vale-se a Igreja das Ordens Terceiras — Angra de terceiros franciscanos e carmelitanos.

No Brasil de outrora multiplicavam-se lendas e tradições, de muita fonte no catolicismo.

A' memoria de Angra ficou pertencendo um successo ligado à padroeira da cidade, N. S. da Conceição.

Batida de temporal, desmastreada; em 1632 aportou uma embarcação a Angra, teve forçada escala quando de rumo a Itanhaem, para onde levava bem 'acabada imagem de N. S. da Conceição, em caixa fortemente repregada.

Quizeram os angrenses contemplar a imagem. Escusou-se o capitão do navio, que sahiu de Angra com mar de rosas para voltar á vila acossado por mar grosso apenas transposta a barra do sul.

A imagem de N. Senhora continuou invisivel. Nova partida da nau. Mal deixára a ponta de Cairuçu um temporal obrigou o navio a tornar a Angra entre supplicas da tripulação, que prometeu deixar a imagem aos angrenses. Chegado a bom porto e a milagroso salvamento, o capitão e a maruja cumprem promessa.

A Camara Municipal, na época do Senado da Camara, da vila, indenisa o capitão, a imagem protetora pertencente para sempre a Angra dos Reis.

De passagem recorde-se que o Rio de Janeiro deve monumental igreja, a da Candelaria, ao cumprimento de voto levado ao céu por navegadores em transe de tormenta cavando abismo no oceano açoitado de vento.

Satisfeita a fé, diga-se da caridade. Representava esta em Angra a sua Santa Casa de Misericordia. Onde cidade brasileira que não tenha aceito a instituição portuguesa das Misericordias, instituição devida a frade espanhol? Não sabemos.

Desde muito teve Angra a sua Misericordia para tétio ou ultimo leito dos desvalidos, população humana que jamais decrescida é de maior aumento nas calamidades. A de 1944 aí está.

Na possibilidade dos ressurgimentos, grandeza e decadencia são de marca constante nas empresas humanas.

Após grandeza Angra dos Reis decahiu, aponta-das duas causas para o efeito da decadencia do muni-

cipio e de sua cidade cabeça. A primeira 'causa foi o prolongamento da Estrada de Ferro de Pedro II, ora Central do Brasil. Segunda causa do decahimento proveio da decretação da Lei Aurea, tendo por consequencia o subito exodo dos escravos libertados em massa, no abandono das fazendas, passando a desertas as estradas de rodagem, uma a do Caramujo, animal este de marcha tão vagarosa quão rapido eram trafego e transito pela estrada com o nome do molusco.

Para atestado de grandeza ficaram em Angra dos Reis muitos edificios de imponencia mesmo no esbo-roar, certas ruinas conservando magestade.

A cabo de anos sóou para Angra a hora do ressurgir. O seu porto desamparado recebe um cáis de aço largo, longo, profundo. A ferro-via Oeste de Minas leva os trilhos a Angra ligando-a a Goiás. Tudo promete a Angra ser de novo escoadouro, por seu porto recebendo produtos de vasta região feraz.

A par da ressurreição publica recebe Angra edificações particulares modernas, de realce a melhoramentos e ajardinamentos urbanos. Põe-se á frente deles e da iniciativa privada um prefeito diligente, de amor á circunscrição a seu cargo. Fiscalisa-a, adorna-a, ajardina-a.

Medico, e dos mais humanitarios, o Dr. Moacyr de Paula Lobo interessa-se pela engenharia no aformosear Angra. Pelo passado e pelo presente divide-se a cidade em Antiga e Moderna, divisão caraterizada por edificios e predios de longa ou recente data.

Qualquer cidade do mundo se ufana de ter dado berço a pessoas ilustres ou notorias. Entre as nascidas em Angra dos Reis duas sejam lembradas, Julio Maria de Moraes Carneiro, o redentorista que tanto levou ao pulpito a palavra de Deus, e Raul da Avila Pompeia, de pena a serviço de fôrma nas letras.

Na matriz de Angra lá está o assento batismal do padre Julio Maria, doutor em Direito. Em Angra ainda se levanta a casa onde nasceu Raul Pompeia quando seu pai, o dr. Antonio d'Avila Pompeia e Castro, ali exercia judicatura.

Pelo que dissémos e pelo que a outros caberá dizer, evidencia-se quanto Angra dos Reis representou no passado e póde representar no presente, no regresso de prestimos, na volta á grandeza para a qual a natureza tão bem a dispôs e da qual o passado deixou exemplo nos fastos da terra fluminense.





Uma extraordinária coincidência envolveu Rubens num caso complicadíssimo...

20

I

PRIMEIRO FIO DA MEADA

Coincidências ocorrem todos os dias. Basta olharmos, de relance, a paisagem que nos cir cunda e o fato de haver mais de uma árvore, por exemplo, da mesma espécie, já constitui uma coincidência. Examinando as mulheres que passam, na rua, não é raro ver-se mais de uma vestida da mesma cor. Eis, outra coincidência. Mais difícil de encontrar-se, porém não impossível é suceder passarem duas pessoas, por um lugar qualquer, uma pouco atrás da outra, assobiando a mesma melodia, ou repetindo uma frase qualquer. Posso dar-lhes meu testemunho pessoal de uma dessa natureza. Ia eu, certa vez, descendo a Avenida Bright, quando passei por um grupo de quatro pessoas. Dois casais. O rapaz que acompanhava uma das senhoras estava, justamente naquele momento, apresentando-lhe um amigo.

— Paulo de Abreu... Lillian Helman. Não esperei o "muito prazer" da praxe. Seguí. Mas na próxima esquina, com grande surpresa, cruzei com novo grupo, este de três pessoas. Um casal e um rapaz. O jovem apresentava á amiga um conhecido.

— Paulo de Abreu...

Impressionado, apressei o passo. Nem queria ouvir o nome dela! Coisas dessa ordem acontecem. Fatos como esse são frequentes. Mas o caso que empolgou Londres e intrigou o mundo inteiro, teve origem com uma coincidência assombrosa. Mais do que isso: inacreditável. Antes de relatá-la, quero afirmar que tenho provas desse fato, e estou disposto a mostrar a quem duvidar das minhas palavras que essa farça inverossímil não só teve lugar, como causou as mais graves consequências.

E' sabido que muitos bandos de criminosos se comunicam por sinais. A's vezes um gesto de mãos, uma palavra que parece dita ao acaso, ou um

outro estratagema semelhante, basta que dois membros de uma mesma quadrilha se deem a conhecer. Acontece, porém, que coincidências lamentáveis se dão e permitem equívocos tremendos, sendo que alguns deles ocasionam a prisão do bando. Por isso, os malfetores de Londres que ainda se valem desse sistema de sinais, já o aperfeiçoam de tal maneira que, afirmo de que se dá uma coincidência, será preciso um verdadeiro milagre. Porém o destino ás vezes compraz-se em engendrar casos dessa natureza e foi assim que, se bem que muito complicada, a senha do Homem do Olho de Vidro, foi dada, por acaso, a um dos membros da quadrilha, pelo meu amigo Rubens.

Rubens é desenhista. Trabalha para uma firma de engenheiros, no Rio de Janeiro. Isso, hoje. Na época em que se passa essa história, ele ocupava o mesmo posto numa firma inglesa, que foi forçado a abandonar, justamente por causa do que sucedeu. Mas passemos, sem mais delongas, aos fatos.

Certa manhã, manhã de primavera, Rubens foi dar um passeio. Restava-lhe ainda muito tempo antes da hora de entrar no escritório e ele, natureza extremamente romantica, como verão, gostava de ver desabrochar as flôres no parque em frente á sua casa. Assim, eram sete e dez da manhã, quando meu amigo, madrugador, dirigiu-se para o parque.

Passeava, despreocupado, olhando as flôres, quando deparou com uma linda jovem, de pé, que o olhava com insistência.

Muito bem vestida, com um ar distinto, parecia interessada nele. Isso bastou para despertar o entusiasmo de Rubens que, imediatamente, avançou em sua direção. Certamente não haveria de lhe virar as costas. Como poderia recusar-se a trocar algumas palavras com ele numa manhã tão linda Primavera! Como é propícia ás audácias dos jovens românticos.

— Senhorita?...
— Cavalheiro?

— Vi-a aqui, nesse parque, perto dessa linda trepadeira, e senti vontade de falar com a senhorita...

— Trepadeira? Isto é uma trepadeira?

— Como, não a reconhece? E' um lindo jasmin do Brasil...

— Já esteve lá?

— Sim. Sou brasileiro.

— Deve ser muito distante...

— Mas é muito lindo.

Quando ele disse isso, a moça, subitamente, animou-se. Falava cada vez mais depressa. Pareceu, até, ao Rubens, que não precisava pensar para falar, tal a rapidez com que partia a réplica.

— Quantos milhões de habitantes tem o Brasil?

Ele levantou as sobrancelhas. Uma estranha pergunta!

— Quarenta e quatro, mais ou menos.

— Conhece a Rua do Ouvidor?

— Muito bem.

— E há lá várias casas de disco?

Rubens, cada vez mais surpreendido, respondeu.

— Várias. Eu sempre comprava meus discos naquela rua...

Diante disso a moça chegou-se para bem perto de Rubens e disse, em voz baixa.

— Hoje, á noite, no Café Black Dove, em Whitechapel.

E, antes que ele pudesse replicar, ela afastou-se.

Rubens olhou, assombrado, a figura que já ia desaparecendo na esquina.

Mais assombrado ficaria se soubesse que, naquele instante, ela estava pensando:

— Creio que desempenhei bem o meu papel. Ele deu as réplicas com muita segurança. Estava vestido como foi descrito. Não há duvida. E' o "Brasileirinho".

Mas Rubens, não tendo a facilidade de adivinhar pensamentos, ficou sem saber dessa outra novidade. Percebeu porém, e isto com maior espanto ainda, que um rapaz, mais ou me-

nos do tipo dele, vestido com um terno da mesma cor, entrava no parque, justamente no instante em que ele, resolvendo tirar a limpo aquela história, ia sair...

II

PROLONGA-SE O PRIMEIRO FIO...

O café Black Dove tinha mau aspecto. Era uma desses pontos de reunião de trapaceiros, que escolhem, exatamente, lugares como este, para combinar os planos de seus "golpes".

Rubens parou á porta, indeciso. Seria possível que aquela linda moça tivesse, de fato, marcado um encontro num lugar tão sujo e mau frequentado?

De repente, percebeu-a, sentada ao canto, perto da porta.

— Boa Noite!

— Finalmente apareceste. Nossa Senhora, que moleza!

O aspecto era outro a voz era outra. Ela perdera aquele ar de distinção, de refinamento. Falava com a maior liberdade e tinha trejeitos desleigos.

— ELE o espera...

— ELE?

— Sim. Não é preciso dizer nomes, não é verdade?

— Está claro que não, se você não quiser, mas eu...

— Eu aconselho-o a não fazê-lo esperar mais. ELE é muito impaciente!

— Quem?

— O Homem do Olho de vidro, ora essa...

— O que?!

— Não se faça de desentendido. Então você não veio do Brasil, especialmente para combinar com ele o golpe?

Rubens compreendeu tudo. Como pudera ter se envolvido com gente dessa ordem? Dera a senha e ela pensara que era ele a pessoa que esperava. Resolveu desmascarar aquele bando. Ace-

(Continua na pág. 39)

O HOMEM DO OLHO DE VIDRO

Conto de J. JENKINS

A GUERRA EM MARCHA

UM PEQUENO ENGANO

DESDE que começou esta guerra tremenda, cujos primeiros ecos, como o ribombar do trovão que prenuncia a tempestade, as rápidas faíscas que cruzam vagamente o ar, já podiam ser pressentidos muito antes da invasão dos países vizinhos pela Alemanha, desde o começo, diziamos, muito e muitos erros foram cometidos.

Apesar de haver algumas opiniões em contrário, a quasi unanimidade das pessoas considera a guerra, um grande erro. Não esta guerra ou a anterior, mas o fenomeno dos conflitos entre povos e nações que se vem sucedendo desde o começo da história da humanidade, em cada um dos quais milhares de vidas são sacrificadas em defesa de um ideal ou em busca de novas conquistas e riquezas.

E ao fim de cada um o vencedor, exausto e cético, promete que nunca mais haverá nova luta. Ele sente a grande inutilidade de todo o seu esforço. E dentro de algum tempo as coisas se encaminham de tal forma que novo conflito se arma e é desencadeado.

Fará isto parte da própria natureza humana, e será um mal inevitável enquanto existirem homens sobre a terra? Ou, ao contrário, representam apenas uma fase de atrazo da humanidade, atrazo este que será vencido quando tivermos atingido a um grau suficientemente elevado de civilização e cultura?

Deixemos aos pensadores os trabalhos da resposta e das cogitações em torno de uma tése de tamanha importancia e gravidade.

Em todo caso, se estudarmos as causas deste conflito, tarefa aliás bem complicada, se tivermos em vista a proximidade do objeto de estudo, proximidade que, de algum modo, poderá obliterar a nossa visão, poderemos afirmar que esta guerra foi originada de um grande erro.

E como do mal não pode nascer o bem, um verdadeiro rosário de consequências deste erro mergulhou o mundo inteiro num periodo de "sangue, suor e lágrimas", na frase magnífica do Premier britânico, uma das mais expressivas e justas que já foram pronunciadas por qualquer estadista a propósito do conflito. E ninguém melhor do que ele poderá analisar o fenomeno.

E qual foi este grande erro?

O erro de todo um povo culto, bem armado, mas também sanguinário desde a sua origem, dado a conquistas e rapinagens, cujos máus instintos podem ser perfeitamente caracterizados desde o berço, como os de uma criança anormal que se deleitasse arrancando os olhos aos passarinhos. E o que é mais grave, este povo cujo instinto o encaminhava para o mal, encontrou um guia a sua altura: amoral, sádico, desequilibrado, que assumiu o poder, convencendo ao seu povo, que o mundo devia pertencer a eles, pois as outras raças eram inferiores e naquele país habitavam os super-homens.

Alí, apertados no seu território estavam os únicos habitantes da terra cujo sangue era puro e sem mescla, enquanto as raças inferiores, mestiças, tinham á sua disposição todo o espaço restante.

Não estava certo. Era preciso desencadear uma guerra e apossar-se dos territórios dos outros povos, ainda que para isso fôsse preciso incendiar, matar, esmagar, trucidar velhos mulheres e crianças, como nunca se fizera até então. Daí surgiria um novo mundo e uma nova ordem.

Milhões de homens em cujas cabeças foram colocados capacetes de aço por fora e idéias loucas por dentro, cujas mãos carregavam metralhadoras, cruzaram as fronteiras prontos para o assassinato e o roubo.

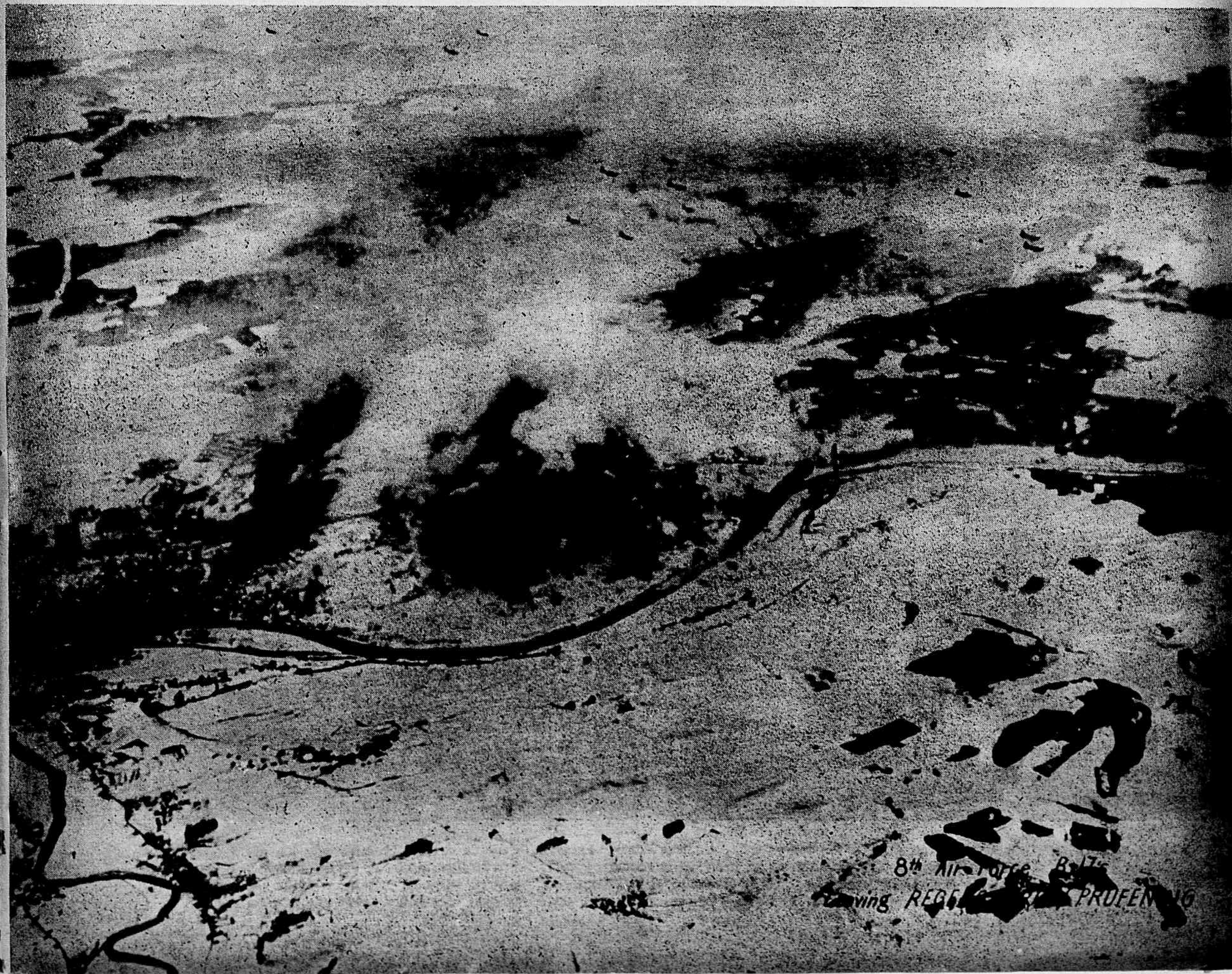
Crimes e mais crimes de consequências funestas. Felizmente para o resto da humanidade outros erros foram cometidos por esses mesmos super-homens, esses porem erros de direção que os levarão ao abismo.

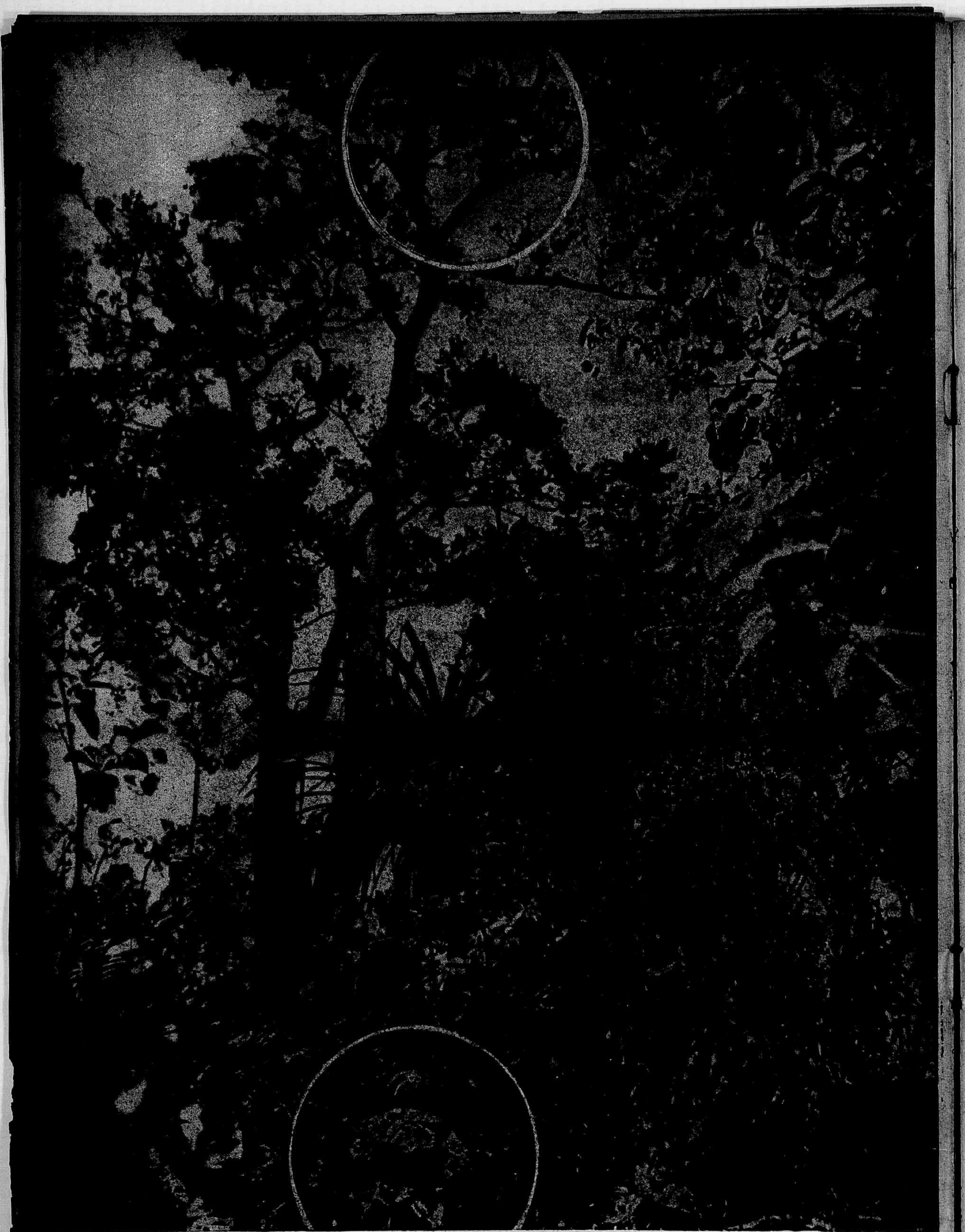
A série de erros ainda não terminou. Agora mesmo os jornais noticiaram mais um pequeno engano dos chefes nazistas, que dada a mudança de situação e sentindo o fim que se aproxima, já pedem desculpas ás suas vítimas.

Este pequeno erro dos nazistas, provavelmente um dos últimos que terão oportunidade de cometer antes que sejam estrangulados, consistiu em fuzilar 800 homens de uma pequena aldeia da França e, depois de trancar na Igreja local, asfixiar por um processo especial, todas as mulheres e crianças.

Este massacre, entretanto, foi realizado por "engano" apressaram se a dizer as autoridades nazistas: a aldeia visada não era aquela mas outra muito proxima. E acrescentam que o seu pesar foi enorme. Positivamente, os nazistas estão melhorando. Pena é que não tenham tempo de se regenerar completamente...

O ARRAZADOR ATAQUE CONTRA REGENSBURG — EIS UMA FOTOGRAFIA EXCEPCIONALMENTE BOM, QUE NOS MOSTRA UM ASPECTO DO RECENTE "RAID" AEREO AMERICANO CONTRA REGENSBURG, COMBINANDO O EFEITO DO ATAQUE EM MASSA COM A DESTRUIÇÃO PROVOCADA NOS SEUS OBJETIVOS, EM PRUFENING, NA AREA DE REGENSBURG.

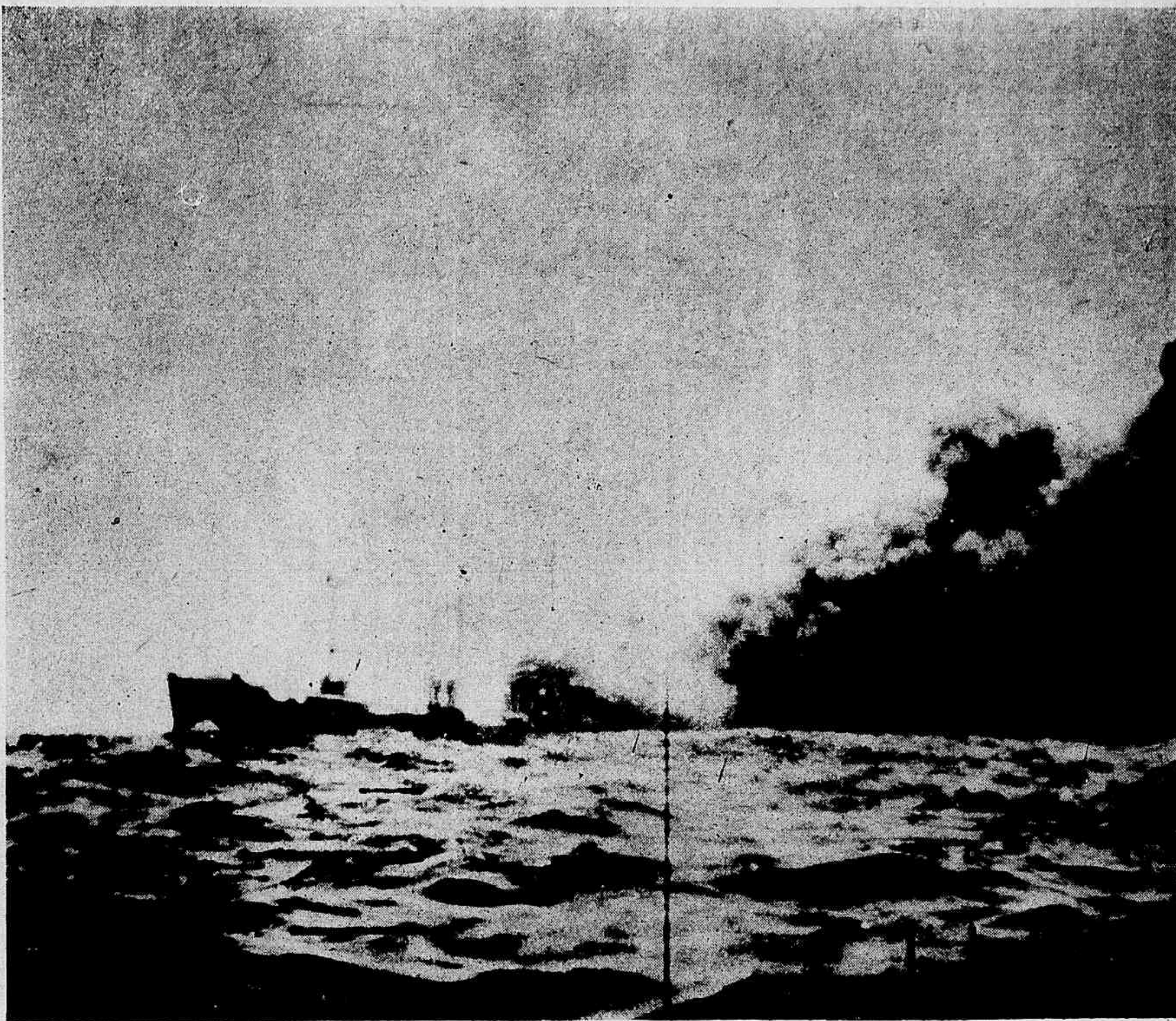




CAÇANDO UM "NINHO" DE ATIRADORES JAPONESES — EM PLENA "JUNGLE" DE SAIPAN, USANDO UM UNIFORME CÂMUFLADO, ESSE FUZILEIRO AMERICANO QUE SE VÊ EM BAIXO, CONFUNDE-SE ADMIRAVELMENTE COM AS SELVAS. NO ENTANTO, ÉLE AVANÇA, SORRATEIRAMENTE, CAÇANDO OS ATIRADORES ISOLADOS NIPONICOS. REPRE O LEITOR NESTA MESMA ARVORE, AO ALTO, UM NINHO DE ATIRADORES, JÁ ABANDONADO PELO INIMIGO. EM SAIPAN, OS JAPONÊSES PERDERAM 15.000 SOLDADOS ENTRE MORTOS E FERIDOS, ALÉM DE VÁRIOS NAVIOS DE GUERRA E CENTENAS DE AVIÕES. O JAPONÊS QUE ATIRAVA, DO ALTO, FOI MORTO PELO FUZILEIRO AMERICANO.

UM TRANSPORTE JAPONES DE MENOS — ESTA FOTO, AO LADO, FOI TOMADA DE UM PERISCOPIO DE CERTO SUBMARINO DA MARINHA AMERICANA. MOSTRA UM TRANSPORTE MILITAR JAPONES AFUNDADO NO PACIFICO, DEPOIS DE TER SIDO ATINGIDO PELO SUBMERSIVEL. A FROTA DE SUBMARINOS DOS EE. UU., AGINDO CONTRA AS EXTENSAS LINHAS OCEANICAS DE SUPRIMENTOS JAPONESES, TEM DESFALCADO GRANDEMENTE A TONELAGEM INIMIGA. O LEITOR TERÁ OCASIÃO DE APRECIAR, NESTE "CLICHÉ", COMO SE PODE FOTOGRAFAR, ATRAVÉS DE UM PERISCOPIO.

A DERROTA JAPONESA EM SAIPAN — A CONQUISTA DE SAIPAN PELOS AMERICANOS COLOCOU AS FORÇAS DAS NAÇÕES UNIDAS A CURTA DISTANCIA DO CORAÇÃO DO IMPERIO NIPONICO, CUJA SITUAÇÃO NO MOMENTO ATUAL É MAIS GRAVE DO QUE NUNCA. E EM SAIPAN FORAM TRAVADAS TALVEZ AS MAIS SANGRENTAS BATALHAS DA GUERRA NO PACIFICO, ONDE ESTA TRINCHEIRA, LITERALMENTE CHEIA DE CADERES DE SOLDADOS JAPONESES, DEMONSTRA A FEROCIDADE DA LUTA ALI TRAVADA. ESSES POBRES SOLDADOS NÃO PODEM VER O FIM DA GUERRA. MAS OS QUE FICARAM VIVOS, VERÃO...



A BARBARIE NAZISTA EM AÇÃO — NUNCA A FURIA SANGUINARIA DOS VANDALOS DE HITLER SE EXPANDIU TANTO COMO A PARTIR DA PRIMEIRA DERROTA, EM TERRAS QUE VÃO SENDO RECONQUISTADAS. AQUI VEMOS UMA POBRE MÃE RUSSA, EM DESESPERO, AO ENCONTRAR O CADAVER DE DOIS FILHOS MORTOS PELOS SOLDADOS DE HITLER, EM ENCONTROS DE GUERRILHAS. ELA NÃO PODE RETER AS LAGRIMAS. E PEDE A DEUS QUE SEUS ENTES QUERIDOS SEJAM VINGADOS. PARECE JÁ ESTAR SENDO ATENDIDA A SUA SÚPLICA...



COISAS DO BRASIL



"ACONTECE CADA COISA..." — E' o que devem ter dito esses ilustres passageiros que aqui vemos, ao nosso lado, num instante batido a bordo de um transporte marítimo, rumo às cataratas do Iguaçu. Quando o barco seguia o seu curso natural, um tigre americano, que atravessava o rio a nado, saltou de subito no tombadilho, assustando homens, senhoras e talvez crianças... Mas, providencialmente, um dos passageiros, dotado de grande presença de espírito, foi rápido ao camarote, munuiu-se da sua arma e atirou em cheio no animal, prostrando-o sem piores consequências... Parece "vantagem" de caçador; mas as testemunhas visuais não faltaram.

O fato deu-se entre Guaira e Porto Epitacio e a foto, da qual damos uma ampliação do tigre na parte inferior desta página, nós a devemos ao sr. A. P. Kastrup, nosso leitor. O grupo é feito com os participantes da 1.ª Excursão, deste ano, organizada pelo Touring Club às cataratas do Iguaçu, levada a efeito na segunda quinzena de junho ultimo.





— Aqui tem algo para distrai-lo enquanto espera a sua vez.



— Minha mulher surpreendeu-o roubando e ela mesma se encarregou dos curativos: ela acaba de terminar seu curso de enfermeira.

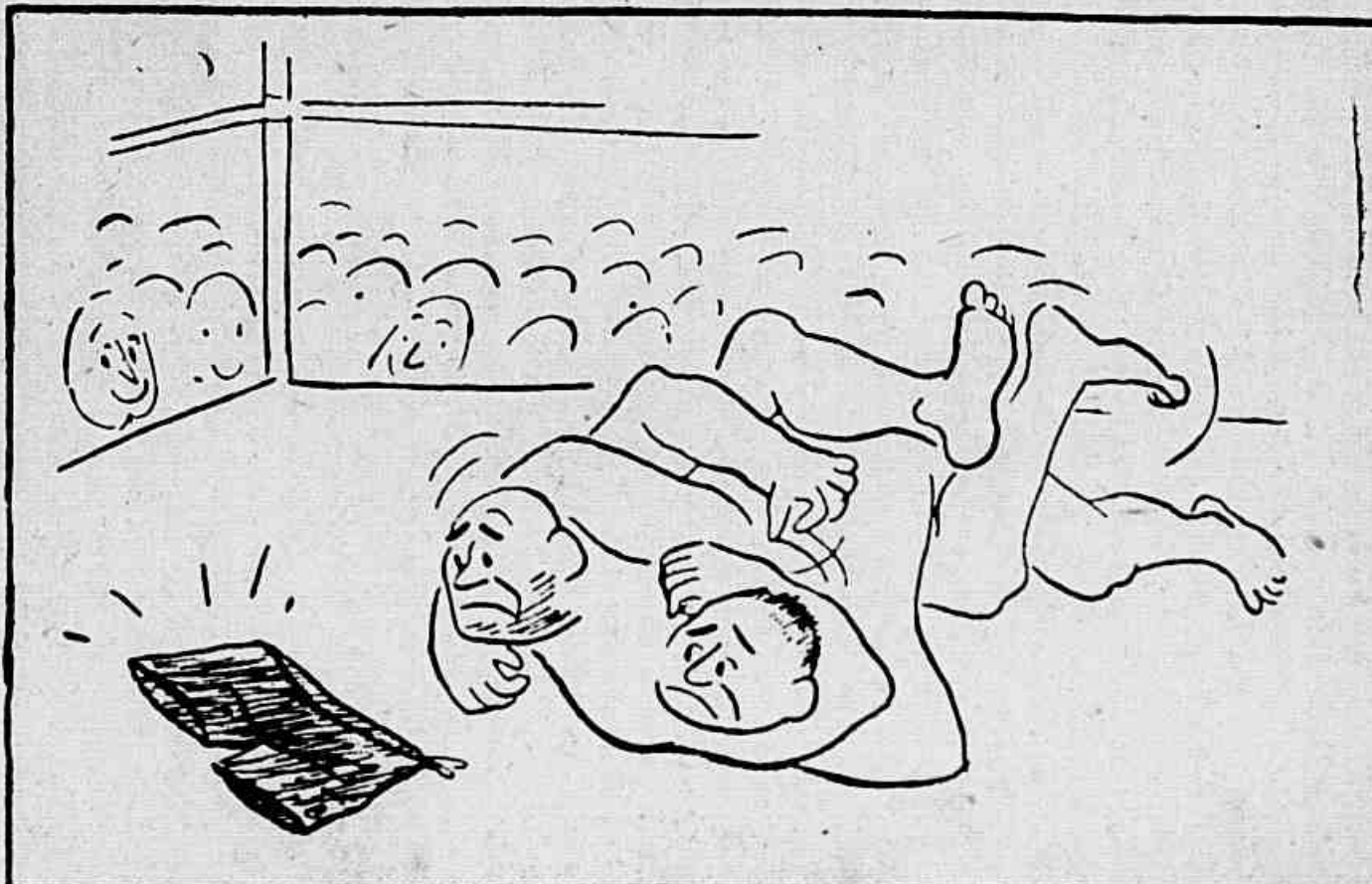
de BOM HUMOR



— Vocês podem deixar entrar um ou dois vendedores de aspiradores elétricos para fazer a demonstração. Mais ninguém.



— Pode lembrar ao doutor que ainda existo. Ele deu-me apenas seis meses de vida.



UM PESCADOR

Conto de GUILHERME FIGUEIREDO
Ilustração de ARLINDO MADEIRA

QUANDO ele sentiu que tudo era inútil, absolutamente inútil, apanhou no cabide o boné e, sem dizer mais nada, saiu. Ainda ouviu a mulher, que lhe gritava de dentro, pelo prazer perverso de ter dito a última palavra:

— Pois pode ir, ouviu? Pode ir!

O que o maguava não era a frase escorregadia, propriamente. Não, que até no íntimo Gonçalo descobria um prazer doloroso, mas um prazer, em ser maltratado por aquela mulher. Aquela mulher... "Sua" mulher.

O sol da tarde deitava sombras oblíquas e paralelas sobre as pedras da vila. Havia, no ar ainda claro, um peso cinzento de luzes amortecidas. Brilhavam num incêndio algumas vidraças batidas pelo sol. E o calor das casas pequenas trouxera para as janelas os vizinhos que, numa moleza indiferente olhavam os transeuntes, e esperavam, assim diariamente, a morte dos dias, e a sucessão de outros dias iguais, sem uma rebeldia, sem um esforço, num resignado acomodamento. Aquela gente, que era obrigado a cumprimentar, aquelas pessoas, sem história, sem passado e sem futuro, lhe davam um angustiante aspecto de aniquilamento. Nada, nada acontecia ali... Os mesmos rostos, as mesmas conversas sobre o cotidiano e vulgar da existência. Nada de aspirações, de elevação. Só uma espera inútil e pavorosa.

Alguém, invisível, tocava uma gaita de foles. Ouvia sempre aquela mesma gaita, tocando a mesma música... Na calçada brincava um grupo de crianças. E Zezinho destacou-se do meio delas, magro e tardo. Correu para junto de Gonçalo, tomou-lhe a mão.

— Papai vai sair?

A voz do filho como que o sacudiu. Pobre filho! E inconscientemente, em lugar de resposta, falou:

— Vá para casa que sua mãe está chamando.

Manda-lo assim era como enviar com o menino uma mensagem a Maria Clara, uma espécie de prova de que pensara nela, naquele instante. Se refletisse, não o teria feito. Queria mostrar-se ativo, mas a altivez era só um pretexto para estimular o próprio sofrimento. Se ela estendesse a mão... Se soubesse silenciosamente entender o seu silêncio... E confortá-lo... Inútil.

Havia no desejo simples e receoso de estabilidade da mulher como que uma injúria aos seus méritos. Uma descon-fiança pífida na capacidade dele. Sentia-se encorajado para realizar coisas, mas só tendo ao lado uma compreensão amorosa e maternal. Que a esposa não lhe sabia dar.

Cachoeira pouco a pouco escurcia. As velhas casas chegadas à calçada como que despertavam preguiçosamente após o sono calorento do dia. Uma poeira seca, vermelha e quente levantava-se das ruas. Tudo igual. Os mesmos homens, a mesma gente morrenda, os mesmos "boa tarde" inexpressivos. Da estação, perto, vinha o resfolegar espesso de uma locomotiva, os roncões arrancados para o primeiro impulso, com fumaças brancas e rápidas para cima. Depois o compasso das rodas acelerando-se e perdendo-se na distância. Finalmente um apito fino, ao cruzar a ponte do Paraíba.

Lentamente, atravessou os trilhos da via férrea e rumou para a margem do rio.

Se Maria Clara compreendesse... Não, não... Havião de ficar ali, naquele canto esquecido da terra, a vida inteira... Ela, Zezinho e ele. Porque faltava a ela um poquinho de aventura, de coragem para apanhar na mão a oportunidade, talvez a última que se lhe oferecia... E ele a lidar nas oficinas da Estrada, eternamente, a ouvir as chapas que batiam, o ranger dos ferros dos guindastes, as constantes pancadas dos malhos nas bigornas. E dirigir tudo... "Hê lá! Cuidado agora! A direita!" E ver os trens passando lentamente, levando outras vidas, outros destinos empolgantes e misteriosos... E ele ali... De madrugada, deitado, quando chegavam os noturnos e sentia o respirar grosso das máquinas, despertava. Parecia que na calçada da noite as vozes breves do pessoal da estação, o ranger de ferros por alguns minutos lhe traziam, por entre a sonolência, uma amostra de vida, de uma vida excitante e desconhecida. E então, só então, alguma coisa diferente, um sacolejar emocionado, emprestava algum encanto àquela triste Cachoeira...

Caminhou por entre o capinzal, escolheu um lugar no barranco, sentou-se. O rio deslizava, quase oleoso, na noite que vinha vindo. Tomou uma pedra, atirou-a água. Tim-blou! O rio

continuou mansamente. Mais em baixo um homem pescava. O seu vulto branco, pensativo, inclinava-se, num proongamento do canço recurvo. Já não se via a linha do anzol. Mas subitamente a figura animou-se, ergueu o braço e a vara que fez "ssscio!" no ar. E na ponta do fio debatia-se alguma coisa cor-de-prata, que o vulto branco recolheu para terra. Depois, "ssscio!", e o anzol bateu de novo na superfície serena do rio. Assim, assim, pensava Gonçalo... Arrancar fora o canço no momento oportuno, quando um leve estremecimento, quase imperceptível, indicava a presença de um peixe mordendo a isca. Do contrário, como em tudo na vida, a oportunidade passaria... Maria Clara devia estar al-junto dele, para ouvir-lhe a comparação. Mas Maria Clara não acreditava em parábolas e não seria ouçólica para vir sentar-se à tardinha, à beira de um rio.

E tulo, tulo fôra o engenheiro-chefe! Compreende-se que, antes que acontecessem tais coisas, a gente já

(Continua no p. 49)



ENTRE os grandes nomes da pintura moderna espanhola, sobressai o de Pedro Antonio, renomado figurista. Ele sabe transportar, para os personagens que pinta, o verdadeiro sentido humano, todo movimento e colorido, mostrando-se o artista que procura nos tipos populares, o motivo exato de suas obras. Neste momento, Pedro Antonio oferece aos admiradores de artes plásticas, no Museu Nacional de Belas Artes, uma exposição de seus quadros, dos quais reproduzimos ao lado três dos mais interessantes. São, na maioria, figuras onde se destacam algumas magníficas "naturezas mortas", modelos de "espanholas" no gênero do que encima esta página, e até mesmo perfis brasileiros, no estilo das baianas com os trajes regionais que as notabilizam.

Pedro Antonio está no Brasil há oito anos. Chegou ao Rio em 1936, quando tratou de realizar sua primeira exposição. Depois, apaixonado pelas terras da América, deixou-se ficar por aqui. Fixou residência em São Paulo. Lá tem repetidamente exposto várias mostras de seus quadros, até quando, agora, veio ao Rio, onde se encontra presidindo à sua exposição a que nos referimos e cujo encerramento se dará dia quinze.

Artista no genuíno sentido da palavra, Pedro Antonio forma, ao lado de Soria Aedo, uma dupla dos mais reputados pintores de nossos dias, ambos discípulos de Lopez Mezquita.

"ROSA E ROSITA"

"MIMOSAS"

"PORTUGUESAS A CAMINHO DO MERCADO"

TRÊS QUADROS DE PEDRO ANTONIO



NOS BASTIDORES FEMININOS



A MADRINHA DO EXPEDICIONARIO

Ann Sheridan, da "Warner".

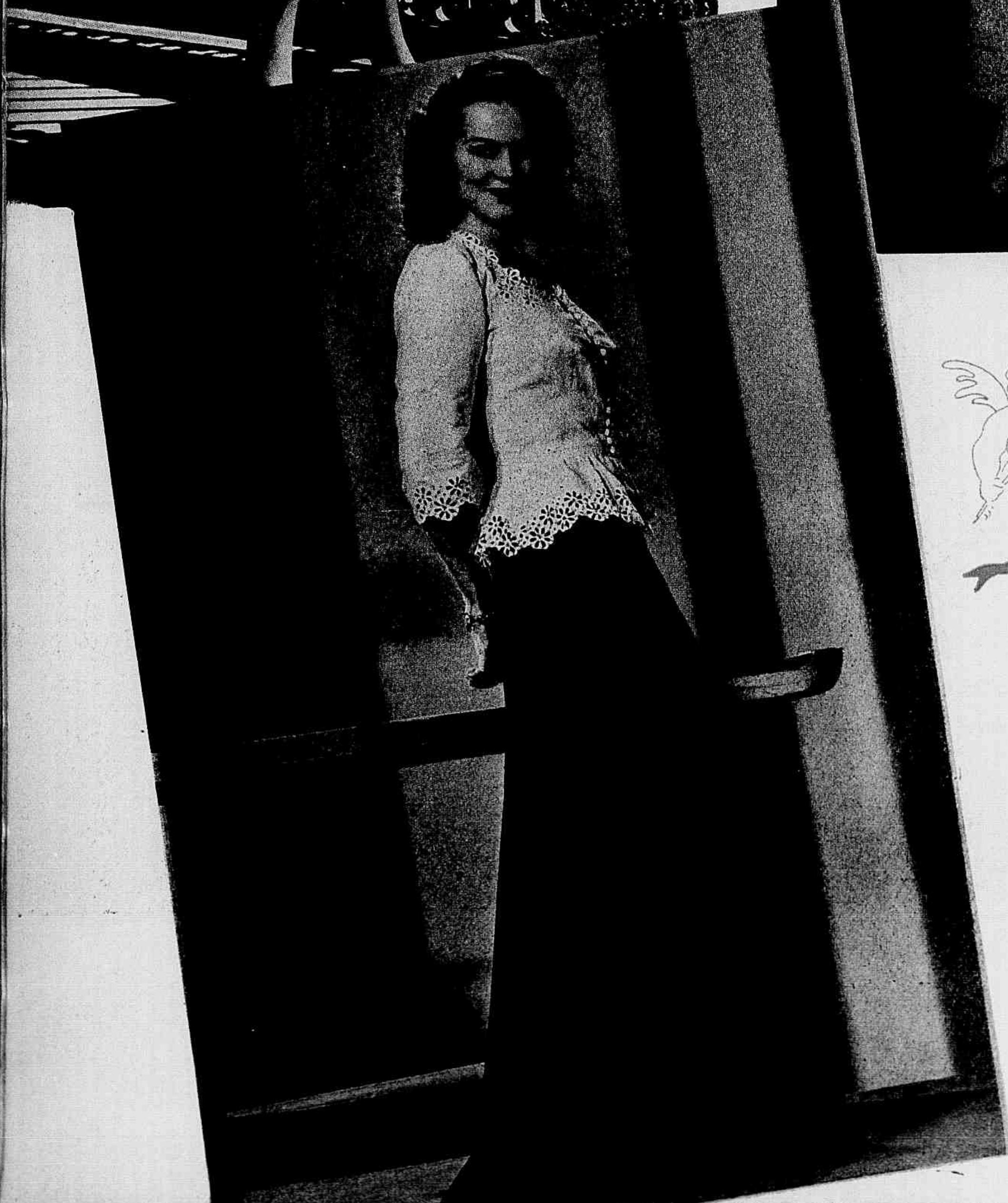
A senhora Darcy Vargas, do fundo de sua bondade e de seu maternal coração tão dura e cruelmente posto à prova por Deus, faz um apelo às brasileiras para que se constituam em madrinhas dos nossos rapazes que a guerra transformou repentinamente em filhos da Morte.

Madrinhas nesse batismo de fogo, onde o sal da sabedoria tem gosto a sangue e a pólvora, onde o óleo nem chega a ser aquele da extrema-união dos que morrem no leito de casa. Madrinha do homem que vai comprar, com a vida que mal desponta, o direito de legar à humanidade, um código de brio e de fraternidade, de consciência do dever e da dignidade.

MADRINHA, este vocabulo tem um significação que vai além do objetivo material: vocabulo que é antes como uma fonte emanada do coração, da alma, do cérebro, porque o soldado, perdido nesse caos de torpezas e vícios que é a guerra, precisa, muito mais que de alimento e roupa, da hostia da coragem, da comunhão da caridade, a palavra de fé no seu valor e no valor da obra que lhe foi confiada pelo Brasil.

Cada um deles é como um pedaço desta terra que lhe foi berço, e onde num dia, não muito distante, ele recebeu seu batismo sagrado numa capela florida ao bimbalar de sinos festivos.

W A L L Y



A' esquerda, em baixo: Martha O' Driscoll (Universal) combina maravilhosamente esta saia longa de seda com um casaquinho branco de seda, bordado inglês com enfeite. Uma fila de pequenos botões cobertos completa o encanto do casaco, meio "godet". — Em cima, da esquerda para a direita: Ann Savage (Columbia) num bonito vestido preto de corpo longo, com uma forma arredondada na frente onde se prende o drapeado da saia apertando para baixo. Boina atrás, com um "couteau".

Nossas leitoras tem, nestas páginas, bonitos modelos para qualquer ocasião, apresentando-se com toda a elegância de uma creatura "raffinée". Nada que não seja de simplicidade absoluta, deve ser adotado nestes dias, podendo contudo usar-se alguma coisa de original, dando uma nota bizarra ao vestir, sem todavia fugir ao bom gosto. Para receber suas amigas e convidadas a tomar um chá, vista-se como Maria Montez ou seguindo o modelo de Peggy Ryan. Pode transforma-los em elegantes trajes de passeio, de chapéu de feltro ou taille de forma simples, canotier, ou cloche, ou toque, etc. Luvas e bolsa da cor dos enfeites e uma joia discreta. Para uma reunião elegante, vista-se como Ann Savage da Columbia, muito chic. E por aí adiante.



Luvas cardeal e sapato preto. — Maria Montez (Universal), exibindo lindo vestido de flanela, a blusa em estilo "chemisier", a saia com uma prega funda na frente e grandes bolsos vivados de escuro, o que dá uma nota de originalidade. — Peggy Ryan (Universal), num vestido realmente bonito, de seda bege-amarelo e havana-chaudron, saia alta com a faixa clara por cima, blusa toda com viéz de havana. — A' direita, Lucille Ball (Metro), em "toilette" de gala, modelo de Irene, em crepe branco com dolman de linhas elegantíssimas. Todos esses figurinos obedecem aos estilos mais modernos de Hollywood e são vestidos por "estrelas" que realmente conhecem o segredo de vestir bem. E agora, que as modas femininas começam a apresentar sensíveis modificações, tudo simples, dentro do espírito de racionamento, os cinco vestidos reunidos nestas 2 páginas são realmente convidativos. Tem a palavra as costureiras.





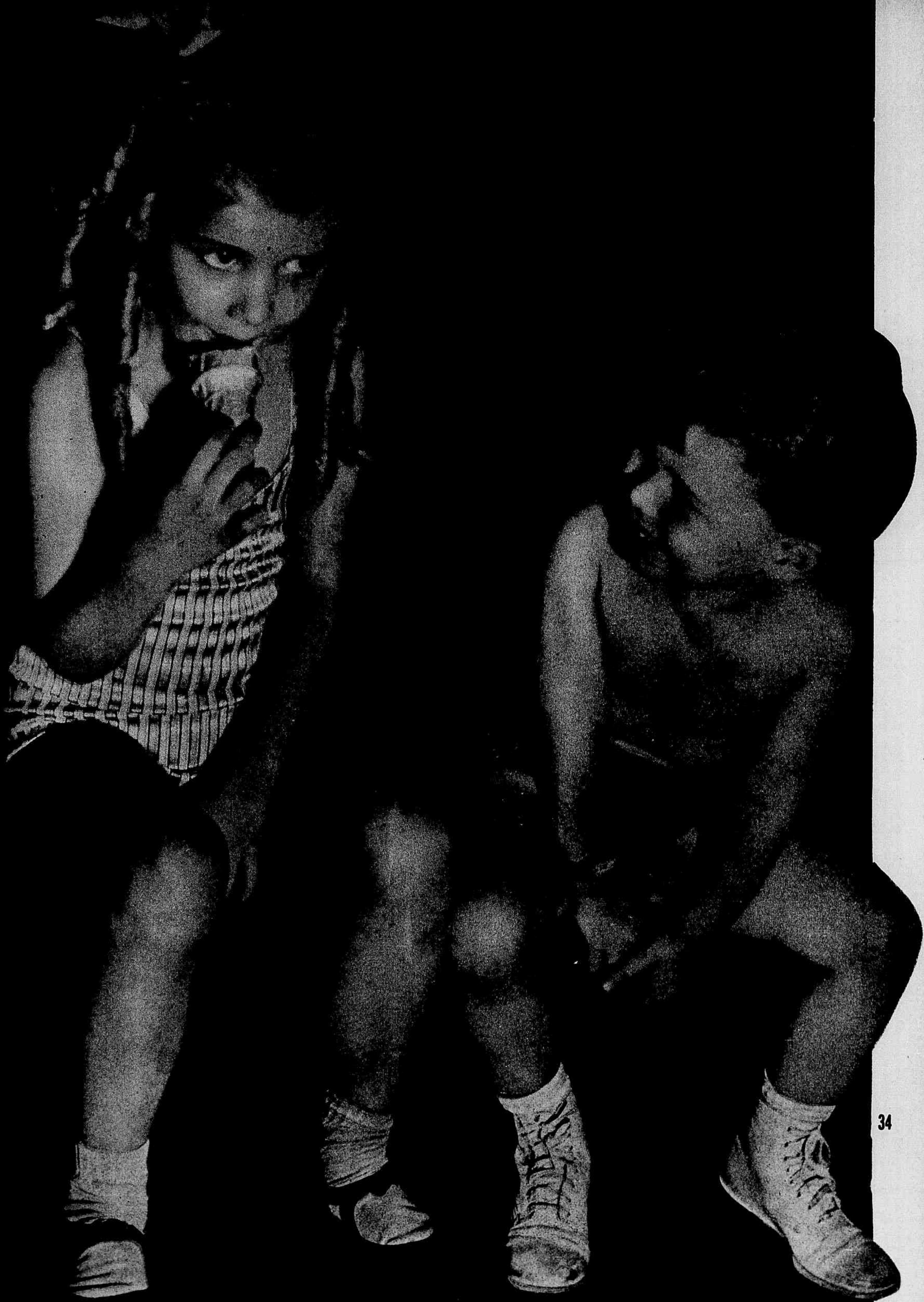
COMPLETANDO A SÉRIE DE MODELOS PARA A MEIA-ESTAÇÃO ENTRANTE, INICIADA NAS PÁGINAS ANTERIORES, AQUI DAMOS AS LEITORAS ESTE FIGURINO APRESENTADO PELA ATRIZ SUÉCA SIGNE HASSO (DA METRO), PRÓPRIO PARA A TARDE OU MESMO À NOITE EM "SOIRÉES" DE ETIQUETA RELATIVA. GANHA MAIOR RELEVÔ EM JERSEY RAIADO OU BRANCO, COM DESENHOS BORDADOS EM VERDE OU LARANJA. A BLUSA-SAIA-TÚNICA, DE MANGAS CURTAS, COM LIGEIRO ASPECTO ORIENTAL, É DEVERÁS ENCANTADORA. ORNAMENTANDO O CONJUNTO, LUVAS DE CAMURÇA BRANCA E BOLSA IDEM. REPREM AS PROPORÇÕES REDUZIDAS DA BOLSA. AS "GIGANTES" NÃO RESISTIRAM POR MUITO TEMPO. E, CONVENHAMOS, ERAM REALMENTE FEIAS, DESELEGANTES...

DONA CARMEN



COKE, UM CARICATURISTA-REVOLUCIONÁRIO QUE VEM DE INSTALAR-SE EM HOLLYWOOD, FEZ ESTA IRREVERENTE "CHARGE" COM DONA CARMEN MIRANDA. OBSERVE O LEITÃO QUANTO DETALHE PITORESCO NA CABEÇA DA "ESTRELA"... UM CAFÉ PEQUENO, COM OS ARABESCOS DAS CALÇADAS DA AVENIDA NO PIRES... BANANAS... COQUEIROS, COM DOIS MICOS PULANDO DE GALHO EM GALHO... UMA ARARA QUE TAMBÉM PODE SER UM PAPAGAIO... TUDO TROPICALISSIMAMENTE BRASILEIRO. E A MÁSCARA DE DONA CARMEN, DE UMA FELICIDADE ÚNICA, EM CONFRONTO COM O RETRATO ORIGINAL, AQUI AO LADO.







35

1 E' ASSIM QUE DEVEM ANDAR. A GRACIOSA MENINA QUE APARECE NA FOTOGRAFIA E QUE DENTRO DE ALGUM TEMPO SE TORNARÁ FAMILIAR A TODOS OS LEITORES, ANUNCIANDO ALGUM PRODUTO, ESTÁ SERVINDO DE MODELO PARA OUTROS MODELOS DA "ACADEMIA" DE ARNOLD. ESTA É UMA DAS MAIORES ESPERANÇAS DE JACK ARNOLD, O QUE ÉLE CHAMA: "UM MODELO NATURAL", UMA PEQUENA ARTISTA, DESTINADA AO SUCESSO. AS OUTRAS CRIANÇAS OLHAM, ATENTAS, PORQUE PRECISAM COPIAR OS MODOS DA MODELO. É ASSIM QUE SE PREPARAM OS PEQUENINOS PROFISSIONAIS NA ARTE DE BEM VESTIR, DE SE MOSTRAREM SAUVAIS E SÁDIOS, FOTOGRAFANDO MUITO BONITO.

QUANTAS vês, abrindo uma revista, não terá o leitor deparado, comovido, os olhos cheios de ternura, um desses anúncios em que uma criança nos aconselha a fazer um seguro de vida, comprar apólices ou recomenda para o seu filho uma farinha qualquer.

E nesse momento talvez tenha dito consigo:

— Como gostaria de ter um assim! A espontaneidade daquela fisionomia, aqueles bracinhos que se estendem parecendo querer segurar o leitor, tudo aquilo tão natural, tão simples!

— Quem será esta criança? Eis a pergunta que raramente deve ocorrer. Como conseguiram uma fotografia tão boa, tão espontânea?

A verdade é que esta pôse foi pre-



2 FAZENDO POSES — ESTAS CRIANÇAS ATINGIRAM UMA NOVA FASE DO SEU TREINAMENTO PARA MODELOS. ANTES DISSO MUITO TIVERAM ELAS QUE APRENDER PARA MOSTRAR ÀS OUTRAS O MODO MAIS ELEGANTE E APROPRIADO DE USAR UM VESTIDINHO; QUE MAMÃE COMPROU NA LOJA TAL... ISTO PODE PARECER COISA MUITO SIMPLES E FÁCIL, ENTRETANTO, A "ACADEMIA DE MANEQUINS" DE JACK ARNOLD PREPARA-SE CUIDADOSAMENTE. O SEGREDO DE BEM SORRIR, DE LEVANTAR AS PONTINHAS DO VESTIDO, DE MOVIMENTAR OS PASSOS, TUDO IMPORTA PARA SE CONSEGUIR UM SUCESSO FINAL. AS CRIANÇAS APRENDEM DESDE CÉDO. E OS TÉCNICOS DE PUBLICIDADE SABEM COMO AGIR.

parada e esta criança teve de passar por um longo aprendizado para chegar a tal perfeição.

Ha nos Estados Unidos (onde mais poderia ser?) uma "Academia de Manequins", dirigida por Jack Arnold. Ali as crianças de ambos os sexos aprendem, mediante arduos exercícios e um longo curso, a se apresentarem numa atitude elegante, a andar apropriada-

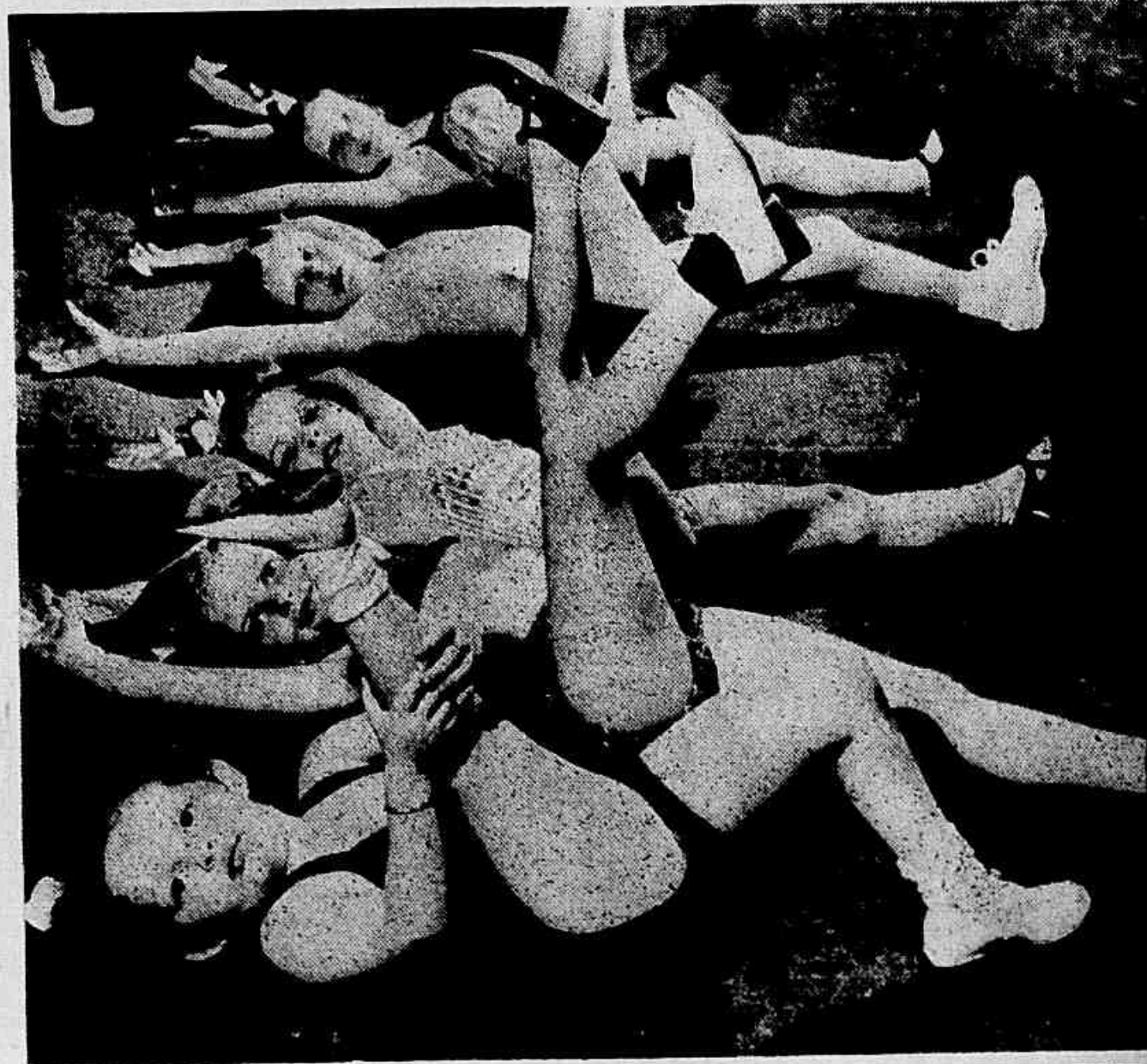
mente, a controlar os movimentos das mãos e dos pés, e a apresentar expressões que traduzam as diferentes sensações e emoções.

E esta aprendizagem não é nenhuma brincadeira. E' trabalho e trabalho bem arduo a que se devem submeter as crianças. As finalidades da Academia, primordialmente, são: preparar modelos de anúncios para jornais

COMO SE PREPARAM OS MODELOS INFANTIS



3 MÃOS AO ALTO... — NÃO SÃO CRIANÇAS BRINCANDO DE "SOLDADO E LADRÃO", COMO PODE PARECER, NÃO SENHORES. ESTA É UMA DAS AULAS QUE O PRÓPRIO JACK ARNOLD ESTÁ DANDO AOS SEUS PUPLOS, ENSINANDO-OS A MANTEREM O CONTROLE NO MODO DE ANDAR E DE SE APRESENTAR EM PÚBLICO. ESTE É APENAS UM DEGRÁU NA ESCADA QUE LEVA À PERFEIÇÃO OS PEQUENINOS MODELOS. ESTES DEVEM DAR A IMPRESSÃO DE UMA PERFEITA NATURALIDADE. O DA FRENTE VAI SAIR DE FORMA E OLHA PARA OS DE TRÁS, TALVEZ INDAGANDO: — "COMO É, PESSOAL? EU JÁ PASSEI..." E OS QUE VEEM DEPOIS, SUBMISSOS, PACIENTES, DÃO CONTA DO RECAD, TAMBÉM.



4 ENTUSIASMO, VIBRAÇÃO... — O PROFESSOR DIZ QUE A PERNA DIREITA DEVE SER MANTIDA NESTA POSIÇÃO. ESSA PROMESSA DE BAILARINA QUE ESTAMOS VENDO, EM CIMA, NO PRIMEIRO PLANO, NÃO TENDO CONSEGUIDO MANTER A PERNA ASSIM, RESOLVEU O PROBLEMA SEGURANDO-A COM AMBAS AS MÃOS... A CENA FOI TOMADA DURANTE UM DOS MUITOS EXERCÍCIOS NA "ACADEMIA DE JACK ARNOLD". ESSE TREINO FACILITA AS CRIANÇAS A MANTEREM UMA ATITUDE APROPRIADA. E PARECE QUE ESTÃO REPOUSANDO... ELAS DESCANSAM, TRABALHANDO. SÃO PEQUENINHAS TRABALHADORAS, JÁ FAZENDO JUS AO SALÁRIO COM QUE TALVEZ SUSTENTEM A FAMÍLIA.

5 CORTEZIA, SENHORITA! — QUEM SABE SI ALGUM DIA ESSA PEQUENA NÃO PRECISARÁ SER APRESENTADA A UMA RAINHA OU A UM REI? EM TODO CASO, NÃO CUSTA APRENDER COMO SE DEVE APRESENTAR EM TAIS CIRCUNSTÂNCIAS. DEANTE DE UM ESPELHO, ELA SEGUÊ AS ORIENTAÇÕES DA PROFESSORA, ENQUANTO UMA PEQUENA ASSISTENCIA A OBSERVA. ESTA POSIÇÃO, DEANTE DO ESPELHO, PERMITE-LHE VERIFICAR OS ERROS QUE POSSA PRATICAR. E A PROFESSORA ESTÁ SATISFEITA COM A ALUNA, NÃO PRECISANDO ENTRAR EM MUITAS EXPLICAÇÕES. UMA REVERENCIA, EM LARGO ESTILO, NÃO É HOJE MUITO USADA MAS, ENFIM, AS MODAS VOLTAM...



6 ENFIM, DIPLOMADAS! — SÃO AINDA BEM PEQUENAS ESSAS DIPLOMADAS. ENTRETANTO, EM SUAS FISIONOMIAS PODEMOS OBSERVAR O ORGULHO E A SATISFAÇÃO DE UM CURSO CONCLUÍDO, DE LONGOS ESFORÇOS REALIZADOS. MAS, NO BRILHO DE SEUS OLHOS, ESTÁ A ALEGRIA E TAMBÉM SURGE A ESPERANÇA DE AMPLAS VITÓRIAS E DE SUCESSOS. ELAS DEIXAM A ESCOLA ONDE, POR ALGUM TEMPO, APRENDERAM ATITUDES ELEGANTES. SÃO AS MAIS EDUCADAS CRIANÇAS QUE POSSAM EXISTIR E TERÃO EMPREGO CERTO, COMO FIGURINOS VIVOS. AS CASAS DE MODAS, OS FIGURINISTAS DE REVISTAS, OS FOTÓGRAFOS SABERÃO APROVEITÁ-LAS.

7 UM POUCO DE EQUILÍBRIO, POR FAVOR... — A INSTRUTORA MOSTRA AGORA A ESTE GAROTO COMO MANTER A CABEÇA NA POSIÇÃO CORRETA, DE FORMA A LEVAR EM EQUILÍBRIO O LIVRO, ENQUANTO ANDA. FREQUENTEMENTE VEMOS AS ARTISTAS DE CINEMA SUBINDO ESCADAS COM UM LIVRO EQUILIBRADO NA CABEÇA. ESTE EXERCÍCIO ENSINA A ANDAR COM ELEGÂNCIA. OS COLEGUINHAS, QUE VEMOS AO FUNDO, AGUARDAM ANCIOSOS A SUA VÊZ. ELES TAMBÉM QUEREM SER DIPLOMADOS, QUEREM TRABALHAR COMO MODELOS, MAS ESTÃO NO CURSO MAIS ATRAZADO. E A PROFESSORA É QUEM PODERÁ DIZER SI É MAIS FÁCIL EDUCAR OS MENINOS OU AS MENINAS. ÉLES? ELAS?





8 UM PROBLEMA... VAMOS RESOLVER-LO? — ESTE GAROTO LEVA O TRABALHO TÃO A PEITO QUE O PROFESSOR ARNOLD RESOLVE GRACEJAR UM POUCO PARA AMENISAR A TAREFA. OLHEM A CARA DO MENINO, COMO ESTÁ COMPENETRADO DE SUA OBRIGAÇÃO... DEPOIS DE TÊ-LO COLOCADO NA POSIÇÃO CORRETA, O PROFESSOR TENTA, EM VÃO, MOSTRAR-LHE QUE A COISA NÃO É ASSIM TÃO SÉRIA, PODE SORRIR À VONTADE... É ELE O PRIMEIRO A SORRIR, DIZENDO AO ALUNO, NATURALMENTE, QUE NADA É MAIS CONTAGIOSO DO QUE UMA BOA GARGALHADA. MAS, DESTA VÊZ, O PLANO ESTÁ FALHANDO, POIS O MENINO CONTINUA SIZUDO E COMPENETRADO. VAI SER UM MODELO DE CARA SÉRIA...

e revistas, para os fotógrafos comerciais e para as agências de anúncios.

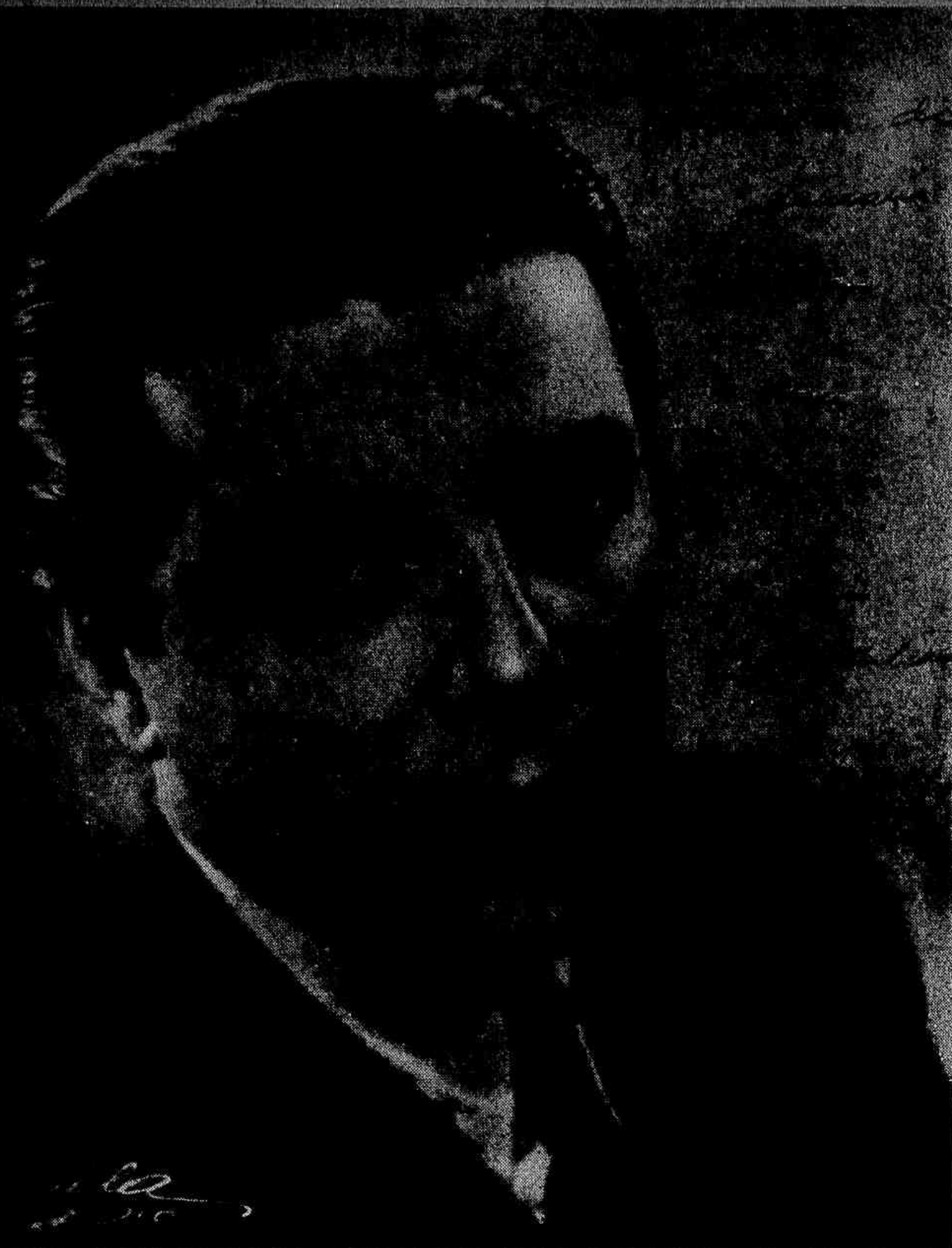
Toda a espécie de produtos possíveis e imaginária utilizam-se das crianças para sua propaganda, desde produtos alimentícios até apólices de seguro de vida.

Essas crianças devem aprender, afinal, tudo o que um artista deve saber quanto à atitude a ser mantida diante do público. Elas são também pequenos artistas. Antes de poderem aparecer ao público devem completar um curso bem arduo. Dentro de algum tempo, elas fazem naturalmente o seu trabalho, pois em cada criança podemos encontrar um ator ou uma atriz.

Nas fotos que apresentamos, pode o leitor seguir algumas fases das aulas na "Academia" de Arnold. Esse treinamento é calculado para desenvolver a graça, o encanto e aperfeiçoar a segurança das atitudes que as fazem notadas nas revistas e jornais, chamando a atenção dos leitores para os produtos anunciados.

9 E AGORA UM POUCO DE VAIDADE... — SIM, NÃO É DEMAIS, QUANDO SE TRATA DE ATRAIR A ATENÇÃO. ESTA MINIATURA DE BELDADE, COM SEUS LINDOS CACHOS DE OURO, É AINDA TÃO PEQUENA QUE, PARA FAZER SUA PRIMEIRA "MAQUILLAGE", ORIENTADA PELA INSTRUTORA, PRECISOU UTILIZAR-SE DE UMA PILHA DE LIVROS AFIM DE CHEGAR À ALTURA DO ESPELHO. APESAR DE NÃO SER AINDA UMA GRANDE ARTISTA, ELA PARECE GOSTAR DO SEU TRABALHO. QUANTAS VEZES A TEREMOS VISTO, EM CARTAZES AMERICANOS, FAZENDO PROPAGANDA DE PREPARADOS INFANTIS... ELA ESTÁ TRABALHANDO. DEIXOU DE SER CRIANÇA MUITO MAIS CÊDO QUE AS OUTRAS. É UM EXEMPLO...





GRAZIELA CABRAL, UMA DAS RARAS VOCAÇÕES QUE A ARTE DE BERTA SINGERMAN CONSEGUIU ELEVAR À NOTORIEDADE. TEM SENSIBILIDADE, TALENTO E CORAGEM. VAI, AGORA, EM "TOURNÉE" PELO INTERIOR, LEVANDO AOS AFICIONADOS DA POESIA MOMENTOS DE REQUINTADO PRAZER ESPIRITUAL.

RIBEIRO MARTINS, O GALÃ QUE VENCEU NO TEATRO. COMEÇOU FALANDO AO MICROFONE DO ANTIGO BROADWAY, HOJE CAPITOLIO, ANUNCIANDO OS FILMES SEGUINTE. INGRESSOU NA CRUZEIRO DO SUL, FÊZ "AMADORISMO" NO CLUBE GINASTICO PORTUGUÊS E, GRAÇAS A BIBI FERREIRA, ENTROU NO TEATRO PROFISSIONAL.

de Radio

AS RAZÕES DA PREFERENCIA

DJALMA MACIEL

PERGUNTAM-ME por que motivo sou capaz de ficar, prazerosamente, uma ou duas horas escutando o nhe-nhe-nhém monotônico de uma sanfona caipira acompanhando as quadras caxingós do desafio e não aturo cinco minutos de samba "tirado" em caixa de fosforo. Se ambos pertencem à categoria das composições popularíssimas... Não é difícil a resposta, mas talvez seja um tanto rude. A toada, o desafio, a embolada, melodias mais do que singelas, ornadas de "letras" escritas em pessimo português, representam — pelo menos para mim — expressões verdadeiras da alma de nossa gente. A um povo quasi analfabeto por força não se pode exigir primores de gramática, labores de versificação, joias de composição musical. Basta que se lhe peça algo de humano, de sincero, nessas exteriorizações artísticas primarias. Aquelas cantigas a que eu jamais torço o nariz, apesar de sua humildade, falam na valentia do caboclo sertanejo — fato irrefutavel; narram tremendas proesas de violeiros apaixonados — acontecimentos que a rudeza e a sinceridade desses homens plenamente justifica; contam, a cada passo, grandes gestos de sobrançeria, de orgulho, às vezes de crueldade, do colono dos eitos, cujo melhor advogado na luta contra a prepotencia do latifundiario, e a cupidez do senhor de campos e engenhos sempre foi e continuará sendo, ainda durante muito tempo, o bacamarle de boca de sino. Sempre que escuto, em qualquer lugar, o ritmo monocórdio de um desafio, sinto-me totalmente reintegrado no amor da minha patria, simplesmente porque atravez dessa lenga-lenga em cassange compreendo que neste tempo de crise, de misérias, de acomodações de toda especie, principalmente de ordem moral, ainda existem sujeitos tão deliciosamente atrazados que não se envergonham, nem têm receios de proclamar que o unico prego justo de uma bofetada é um tiro e que para o homem que bole com mulher de outro o mel-

castigo é um pé de ferro na região do bucho, seja ele quem fôr — dono de usina, mocinho da cidade, soldado de policia ou tambem caipira...

*

Enquanto isso, o samba, com pequenas exceções, só me faz recordar a figura torpe do malandro da cidade ou, na melhor das hipoteses, o deslibrado que se conforma com qualquer existencia, logo não lhe falte o sestro dos tamborins na batucada dos morros; o memorando da Central para justificar humildemente a chegada tarde ao serviço; o barracão infecto, caindo de podre e as caricias lambusadas da cafusa mais ou menos infiel, mais ou menos cínica no aproveitar a transigencia amoruda do seu mulato sambiquára. O cantador de toadas é sentimental mas ferino sofredor, mas tambem temivel, por se revoltar contra os azares da sorte. De maneira oposta, a figura padrão de sambista é um cretino, que chora eternamente o desaparecimento daquele chiqueiro enfeitado que era a Praça 11. Se lhe foge a deusa dos seus amores, acovarda-se pedindo-lhe a volta incondicional; se é agredido, bota a boca no mundo, pedindo louca e guardacivil!

Os tipos nascidos do bestunto cinzento dos maestros de caixa-de-fosforos, ou são ridiculos como o Valdemar, ou imbecis como o Laurindo, ou salafrios, como outros muitos, apresentados de navalha à cinta, lenço no pescoço, tamanquinhos, camisa-de-meia, habilidade no jogo da chapinha, culpa formada nos cartorios da policia e comborça de conventilho ou de trottoir. Há exceções — repito — porém raras. Tão raras que, apesar de apaixonado pelas sinfonias e cidadão da Avenida, prefiro sempre a toadinha matuta, até quando essas honrosas exceções pretendem cantar em tom grandiloquente a majestade e a beleza de nossa terra. Aliás é facil de constatar: — as imagens simplorias dos caipiras têm mais eloquencia para exprimir a poesia imensa dos sertões do que a melhor orquestração, as fermatas pernosticas e todo o rebuscado ufanismo dos poe-
tos que enfeitam, em conjunto, as melodias cezarianas dos compositores de beira de calçada!

alô... alô...

— Voltam as duplas caipiras ao radio carioca, após varios meses de ausencia: — Alvarenga e Ranchinho á Mayrink Veiga; Bentinho e Pitanga á Tupi. E dizem que outra grande emissora está interessada na colaboração do compadre Belarmino, irmão de Bedtinho, que atua na PRG-3, de Belo Horizonte.
— Barbosa Junior — o humorista mais peroba da America do Sul — continua a cacetejar, com regularidade, os ouvintes da Nacional. Mas tambem está, agora, procurando adormecer os que sintonizam a nova Guanabara.
— Waldeck Magalhães é o galã de uma novela seriada da Cruzeiro do Sul. E tudo faz crer que ainda continue usando pastilhas de pedra-hume para concentrar a voz!
— Até o momento de fechar esta pagina o sr. Lourival Reis não encontrára um elenco teatral de primeira ordem que o auxiliasse a deixar o radio. Ainda em disponibilidade, portanto.

O Homem do Olho de Vidro

Continuação da pág. 30

nou com a cabeça que, de fato, estava ao par de tudo. Daí por diante teria que ter cautela e não demonstrar que não tinha a mínima ideia sobre o que combinaria com o homem do olho de vidro.

A moça mostrou-lhe uma porta ao fundo e ele enveredou por ela. Uma outra porta, muito pesada, apareceu, à sua frente. Ele bateu.

— Entre!

Rubens entrou. Um homem de má catadura, sentado numa poltrona esperava-o impaciente.

— Demorou muito. Eu não gosto de gente que chega atrasada.

— Escute aqui, eu não vim de tão longe para ouvir coisas desagradáveis.

Rubens resolvera tomar a ofensiva. O ar feroz com que pronunciou aquelas palavras tivera bom efeito. O Homem do Olho de Vidro fez-lhe um gesto para que tomasse um assento e contemplou-o com respeito.

— Bem... Não vamos discutir desde o princípio...

Enquanto o velho se desculpava, Rubens pôs-se a imaginar qual seria esse facinoroso tão importante, que viera do Rio de Janeiro, que inspirava respeito quando falava severamente com um chefe de quadrilha inglesa, que parecia ser temido pelos seus subordinados.

Virou-se para o homem e disse:

— Vamos ao que interessa...

— Pois bem.

— Como querem que eu aja?

— Primeiramente, você tem que demonstrar a sua perícia. Em seguida combinaremos a quantia...

— Está combinado...

— Tenho o material pronto na sala contígua...

— O tempo.

Rubens olhou em torno. Perto da porta, dois homenzarrões de má catadura esperavam, com as suas metralhadoras em punho, prontos para proteger seu chefe. Rubens suspirou. Não havia remédio. Era aceitar o oferecimento do bandido e demonstrar a sua perícia em certo trabalho que ele não sabia qual era.

O Homem do Olho de Vidro abriu uma porta secreta e mostrou-lhe uma série de máquinas e, a um canto, um balcão, com frascos, instrumentos e, pelo chão, folhas de papel empilhadas.

Que significaria aquilo? Antes que atinasse com a resposta Rubens ouviu o homem dizer:

— Você tem fama de ser o falsário mais habil do Brasil. Espero que não seja mentira. Caso não pudermos empregá-lo, teremos que eliminá-lo, pois você poderia bem querer trair-nos. Trabalhe!

E, sem mais uma palavra, o velho saiu deixando-o a sós com o material para fazer uma boa pilha de notas falsas. O esclarecimento da situação que ele desejara tinha sido feito. Mas agora que se achava naqueles apuros, Rubens desejava não ter resolvido averiguar o caso da moça que lhe fizera o estranho convite. Entretanto, restava-lhe o consolo de que, caso ele não tivesse ido ao lugar marcado, os bandidos, vendo seu erro, procurá-lo-iam por toda parte e haviam, forçosamente, de encontrá-lo e matá-lo, talvez.

Pensava, tristemente, na sua sorte quando ouviu ruído de vozes, altercando.

De repente, a porta abriu-se violentamente e entraram o homem do olho de vidro e mais um outro, que vociferava, contido pelos brutamontes, de metralhadora em punho. Observando-se bem, ver-se-ia que este rapaz era nada mais nada menos do que o jovem que chegara atrasado ao encontro no parque, naquela manhã, o verdadeiro falsário, portanto. Rubens teve um presentimento. O coração quase parou de bater, enquanto esperava que o homem do olho de vidro falasse.

O velho virou-se para ele e disse:

III

SEGUNDO FIO DA MEADA

O detective afundou-se na cadeira e preparou-se para gozar a sua sesta.

Nesse instante, bateram à porta. Com uma praga, ele levantou-se e foi abrir.

— Que há?

Nem olhara para o importuno, mas ouvindo uma voz doce perguntar quem se estava em casa o sr. O'Leary, levantou os olhos apressadamente.

— Que deseja, senhorita? Eu sou O'Leary.

— Ah! Muito prazer.

— Igualmente. Em que lhe posso ser útil?

— Não vai convidar-me para entrar?

O'Leary lançou um olhar por sobre o ombro para o quarto desarrumado, mas resolveu-se.

— Certamente. Perdôe a desarrumação.

— Não quer dizer nada.

Ela entrou e sentou-se na melhor cadeira que havia na sala.

— Não usarei de rodeios. Vim do Brasil, procurar um criminoso em Londres e quero seu auxílio para encontrá-lo.

— Encantado, senhorita. Quem é o criminoso?

— O Homem do Olho de Vidro.

Houve uma pausa.

— A senhorita é brasileira?

— Não. Inglesa.

Mas há muito tempo não vem à Inglaterra, não é verdade? Não está ao par das últimas intrigas no meio dos bandidos, não é assim?

— Logico que não. Vim, justamente por isso, pedir o seu auxílio.

— Muito bem. Mas meu auxílio, contra a quadrilha mais poderosa de Londres?

— Disseram-me que o senhor é o detective mais valente de Londres.

— Isso é franco exagêro.

— Nesse caso, nada mais resta a dizer.

— Um momentol

— Que há?

— Por que está tão determinada a lutar contra o homem do olho de vidro?

— Por motivos pessoais.

— E se eu não a ajudar?

— Irei só.

— Não apelaré para outra pessoa?

— Não confiaria na discreção de mais ninguém. Antes de partir do Brasil recebi informações sobre o senhor. E' o unico detective que me serve.

— Está disposta a continuar sozinha?

— Estou.

— Bravos!

— Por que?

— Eu gosto de ver uma moça valente e para mostrar como, de fato, aprecio essa qualidade, senhorita, ponho-me à sua disposição.

Ouvindo isso, ela, pela primeira vez, teve um movimento de cansaço. Levou a mão à testa e escondeu a cabeça entre as mãos. Soluçava. O'Leary ficou embaraçado.

— Que há, senhorita?

— Estou tão cansada...

— Mulheres não deviam se intrometer em missões perigosas como essa...

Imediatamente brilhou o desafio nos olhos dela:

— Por que não?

— Por que? às vezes, acontece isso que está acontecendo. Tome o meu lenço.

Qualquer feminista exaltada teria aproveitado a ocasião para discutir a questão. Mas ela, por cansaço ou por outro qualquer motivo, ou porque pressentisse no tom de voz dele que não queria dar às suas palavras um sentido ofensivo ou depreciativo, nada disse.

O rapaz pousou-lhe a mão morena no braço e subitamente, sem saber porque, ela sentiu novas energias, novo vigor crescer dentro de si. Levantou-se.

— Vamos! Mãos à obra!

— Ele apanhou o chapéu e ia acompanhá-la quando ela soltou uma exclamação:

— Que foi? — perguntou ele.

E ela retrucou:

— Só agora reparei que estraguei a minha reputação...

Ela olhou em torno. Seu quarto de pensão desarrumado e cheio de pontas de cigarro parecia confirmar certas teorias maliciosas. E, diante do perigo que iam enfrentar juntos, diante da morte possível que iam encarar, ele riu.

— Isso, no rol das coisas, não tem a menor importancia, não acha?

Ela olhou para ele:

— Bem, eu voltarei para o Brasil, de qualquer maneira.

E ele, naquele instante, teve uma ideia, que não tinha de original mas era em todo o caso, muito agradável. Entretanto, resolvendo que já bastava de

(CONTINUA NA PÁGINA 44)



FLÔR DE MAÇÃ, esta maravilhosa síntese de perfumes, criação exclusiva de Helena Rubinstein, acaba de se enriquecer de um novo produto, destinado aos cabelos—LOÇÃO FLÔR DE MAÇÃ.

A deliciosa LOÇÃO FLÔR DE MAÇÃ, fragrância suave que cativa e atrai, dará aos seus cabelos um brilho encantador, tornando-os sedosos e macios. Envoltos numa aura de FLÔR DE MAÇÃ, a senhora será ainda mais feminina e mais adorável.

Loção Flôr de Maçã 65,00 e 110,00

Água de Colônia Flôr de Maçã 50,00 e 85,00

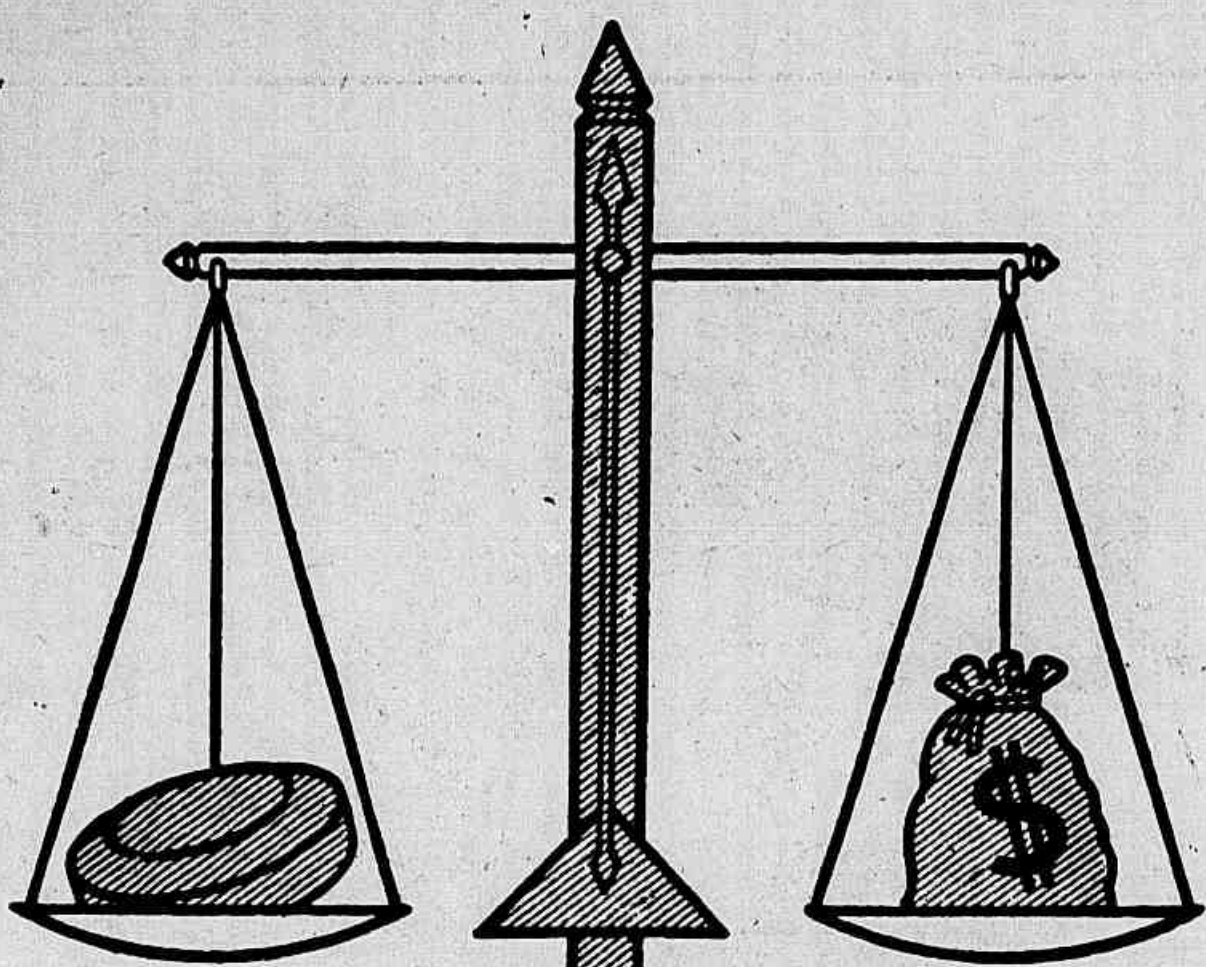
Talco Flôr de Maçã 45,00

Pó de Arroz Flôr de Maçã 25,00

Nos salões Helena Rubinstein, o tratamento "HORA DE BELEZA" completará sua sedução, dando à sua cutis a frescura e o esplendor da juventude. Todas as possibilidades latentes de sua beleza serão despertadas, sua personalidade aparecerá sob um encanto até agora não conhecido

Helena Rubinstein

SALÃO NO RIO: ED. BRASÍLIA
AV. R. BRANCO, 311-Tel. 42-1442



SABONETE

VALE QUANTO PESA

e é ideal para o banho!

GRANDE,
BOM E BARATO

A VENDA EM TODO O BRASIL

GRIPE /
RESFRIADOS /
NEURALGIAS /DORES
de CABEÇA

TRANSPIROL

DE *Música*

BOROVSKI

PARA todos aqueles que se queixam da má qualidade dos concertos que são oferecidos ao público carioca, não há resposta mais adequada nem réplica mais esmagadora do que a simples enumeração dos recitais que tivemos a oportunidade de ouvir, durante essa temporada que apenas se inicia. Têm nomes, aliás, bastantes. Depois da estréia triunfal de Erich Kleiber e da curta série de concertos que ele deu, tivemos Madalena Tagliaferro, e, agora, a renovação do triunfo do Borovski que já nos visitara em 1941.

A música de Bach é, talvez, a mais difícil de interpretar ao piano. Provavelmente, a maior parte das dificuldades que apresenta, principalmente no que diz respeito às sonoridades, deriva da transcrição. O intérprete tem problemas sérios a resolver. Borovski resolve-os com uma perícia magistral. A música majestosa, envolvente, elevada do genial compositor alemão soou com uma riqueza de sonoridades, com uma pureza que, a despeito de uns esbarros sem importância, pode ser considerada muito próxima da perfeição.

Quando um pianista se especializa em determinada espécie de música ou, mais restritamente, na interpretação da obra de um compositor, o público, em geral, espera dele uma perfeição dificilmente atingível. Borovski, que é conhecido como especialista em Bach, não decepcionou nem ficou abaixo da expectativa.

Porem não é somente na execução da obra de Bach que ele demonstrou as suas grandes qualidades. Na segunda parte de seu programa, dedicado a compositores russos, deu-nos magníficas interpretações, salientando-se a Sonata de Prokofieff e os prelúdios de Rachmaninoff.

Na última parte tivemos Vila Lobos, Chopin e Liszt.

O entusiasmo de alguns admiradores do padre-pianista foi, há pouco, despertado pelo concerto que Mário Neves deu, com Eleazar de Carvalho, constituído de peças de Liszt. Já houve, mesmo, tentativas no sentido de ressuscitar a grande popularidade de Liszt. E' inútil. Hoje, ele será somente o virtuose brilhante, com técnica admirável, escandaloso, romântico exagerado, na vida como na obra, especialmente na sua preocupação de tornar a música um acessório da literatura, com os seus celebres poemas



sinfônicos. Para captar a mesma admiração, o mesmo entusiasmo, era forçoso ressuscitar todas essa época de exageros, de sentimentalismo, de gestos teatrais que nos legou melodramas, retórica e alguma coisa bela. O músico romântico, como o escritor, é grande desde de que seu talento sobrepuje a doutrina, os exageros das ideias românticas. De sua obra quando o compositor se atem aos seus preceitos unicamente, sem mais, resta muito brilho, muita técnica, muito convencionalismo e pouca beleza.

Para que Liszt voltasse a ter os seus triunfos era necessário ressuscitar o *mal du siècle* e o gosto pelo espetacular; era preciso que o próprio compositor viesse executar as suas obras com a encenação que invariavelmente ele exigia e, assim, tornava-se parte dela. Liszt ficará imortalizado por uma pequeníssima parte de sua obra. Será lembrado pelo que fez em favor de outros compositores; estudado, pela técnica brilhante; será criticado, sobretudo, pela sua mania de adaptação ao piano de peças sinfônicas.

Como veículo para demonstrar técnica e brilho, Liszt é ideal. Borovski soube aproveitar as oportunidades que o compositor oferece para que o executante sobressaia; lembra aquelas óperas italianas com árias que veem convenientemente no final dos atos, com bastante campo para que o soprano ligeiro se divirta, perseguindo a flauta numa corrida doida, ou então para que o tenor dê um agudo de molde a entusiasmar a parte do público que julga o valor da peça pelo número de agudos ou pela facilidade da melodia.

Alem de Liszt, na última parte, havia um lindo esboço de Chopin e uma peça de Vila Lobos.

E' com grande prazer que assinalo o êxito do concerto de Borovski, um grande pianista que nos honra com a sua presença e que devemos aplaudir pelas suas interpretações magníficas.

MARIO DE ANDRADE

Quando o sereníssimo Ronald de Carvalho publicou a sua *Pequena História da Literatura Brasileira*, temperando os excessos de Silvio Romero e José Veríssimo com um bom senso e uma prudência admiráveis, Medeiros e Albuquerque, que lhe prefaciou a primeira edição, escreveu que o livro que tinha à sua frente era pequeno somente no título. Com muito mais razão poderemos dizer que a *Pequena História da Música* de Mário de Andrade é pequena só no título. Esse temperamento diametralmente oposto ao de Ronald, esse eterno insatisfeito, sempre buscando uma maior perfeição, reconhecendo com uma coragem e uma honestidade incomparáveis os seus erros, esse escritor que renunciou à glória fácil e dedicou-se ao estudo, à pesquisa, consagrou toda a sua vida à orientação dos moços que o procuraram sempre, para ouvir o seu conselho de mestre.

Sómente mais tarde saberemos exatamente a influência que Mário exerceu sobre os músicos de mais de uma geração. Porém desde já pôde-se afirmar que não só existiu essa influência como foi importantíssima. Quem poderia ficar insensível com a vergastada vigorosa daquela carta a um músico tipo torre-de-marfim, em que Mário, em poucas páginas, arraza os indiferentes, os conformistas, os comodistas, os que ficam "a imaginar uma serenata para violino e piano e um minuetto" enquanto o mundo sofre?

Lê-se a *Pequena História da Música* de Mário de Andrade não como crítico julgando, mas como discípulo ouvindo a palavra do mestre.

ROBERTO LIRA FILHO

A inauguração do Hotel de Férias de — Valença —



GRUPO FEITO EM FRENTE AO HOTEL, REUNINDO OS EXCURSIONISTAS E AUTORIDADES DE VALENÇA PRESENTES À INAUGURAÇÃO.

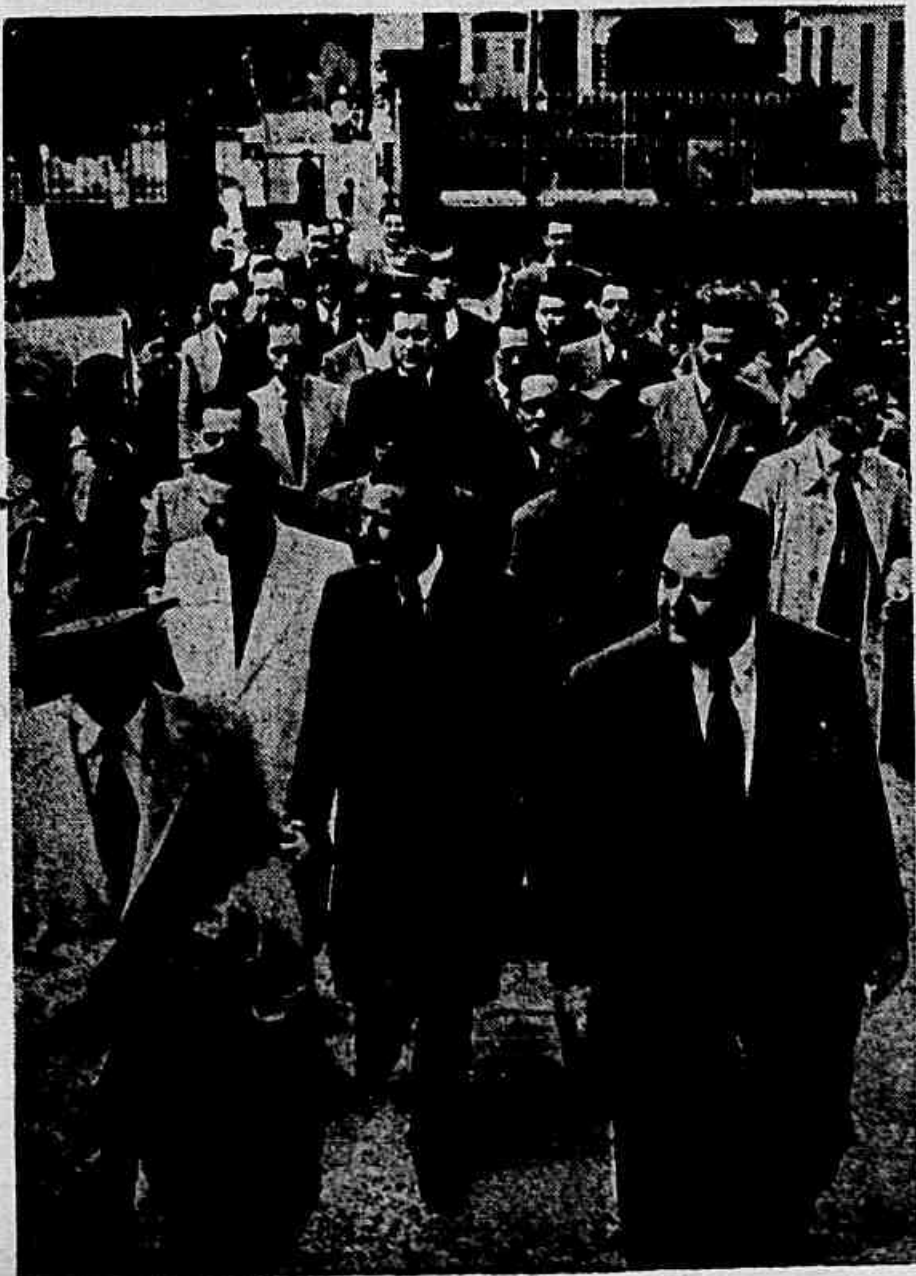
REALIZOU-SE festivamente a inauguração do Hotel de Férias de Valença, com que a Estrada de Ferro Central do Brasil dá início à execução de um vasto plano destinado a proporcionar aos seus funcionários, a preços acessíveis e com as maiores facilidades de pagamento, pontos de repouso e recreação, em localidades do interior conhecidas pela excelência do clima, onde anualmente poderão, com suas famílias, gozar de um período reparador das energias perdidas na labuta diária.

A inauguração do Hotel de Férias de Valença levou à linda cidade fluminense uma caravana composta de chefes de serviço da Central, autoridades e jornalistas, a quem os elementos mais representativos e o povo daquela cidade prestaram as mais delicadas homenagens. Na gare formava um garboso pelotão de escoteiros ferroviários. Rumando para o antigo solar do visconde de Rio Preto, os visitantes foram ali recebidos pelo funcionalismo da Estrada, tendo lugar a cerimonia inaugural. Usou da palavra, nessa ocasião, o sr. Astolpho Serra, que, representando o major Napoleão de Alencastro Guimarães, deu por inaugurado o Hotel de Férias, fazendo o elogio da política social do Presidente Getúlio Vargas, tão de perto seguida pela direção da Central do Brasil, que, em Valença, assinalava mais uma etapa de benefícios para o trabalhador nacional. Ao terminar sua oração, s. s. convidou D. Rodolpho, bispo de Valença, para descerrar a bandeira

que cobria o retrato do Presidente da Republica, o que foi feito sob palmas da assistência. Nesse momento a banda de musica dos meninos do "Lar Balbina da Fonseca", instituição de caridade de iniciativa particular que abriga cerca de duzentas crianças desamparadas, executou o Hino Nacional, sendo muito aplaudida pelos circunstantes.

Terminada essa cerimonia, teve lugar o almoço oferecido aos visitantes, que decorreu num ambiente de grande cordialidade. Nele tomaram parte o dr. Durval Passos de Mello, Juiz de Direito, o representante do sr. Prefeito Municipal, D. Rodolpho das Mercês Penna de Oliveira, bispo de Valença, chefes de serviço da Central, autoridades civis e eclesiasticas e convidados. *Au dessert*, falaram dois ferroviários, que em palavras simples e comovidas expressaram a gratidão da classe pelo que de benefícios e amparo tem recebido da atual administração da Estrada. A seguir, usou da palavra o sr. Moacyr de Andrade Sobrinho, que discorreu sobre a grande obra empreendida pela Central do Brasil na direção Alencastro Guimarães, fazendo um retrospecto das realizações que agitam todos os setores da nossa principal via-ferrea. Por fim, falou o sr. Astolpho Serra, que saudou o povo de Valença em nome do major Alencastro Guimarães, terminando por erguer o brinde de honra ao Presidente da Republica.

Após percorrerem demoradamente o Hotel de Férias, seus parques e dependências, de que damos uma completa reportagem nas duas paginas seguintes a esta, os excursionistas se dispersaram em visitas a varios pontos de Valença, tendo sido objeto de admiração o Ginasio Valencino S. José, modelar estabelecimento de ensino, e a Fundação José Fonseca, humanitaria instituição de iniciativa privada. Foram ainda visitados a Escola Normal, órgãos da imprensa e estabelecimentos texteis, assim como os pontos mais pitorescos da cidade.



A' ESQUERDA — A CHEGADA A VALENÇA DA CARAVANA QUE FOI ASSISTIR À FESTA INAUGURAL DO HOTEL DE FERIAS. A' DIREITA A BANDA DO "LAR BALBINA FONSECA", QUE DELICIOU OS PRESENTES À FESTA COM BELS NUMEROS DE MUSICA, EXECUTADOS COM PERFEIÇÃO. OS VISTOSOS UNIFORMES DOS SEUS COMPONENTES, A DISCIPLINA E GARBO COM QUE SE HOVERAM, FORAM OBJETO DE VIVA ADMIRAÇÃO POR PARTE DE TODOS, DEIXANDO MAGNIFICA IMPRESSÃO O SIMPATICO CONJUNTO.



O SR. ASTOLPHO SERRA, REPRESENTANDO O MAJOR ALENCASTRO GUIMARÃES, PRONUNCIA O DISCURSO INAUGURAL.



FLAGRANTE DO ALMOÇO QUE FOI OFERECIDO AOS EXCURSIONISTAS E AUTORIDADES PRESENTES À INAUGURAÇÃO DO HOTEL.



HOTEIS

Para começo de execução de um plano, o Hotel de Férias de Valença bem satisfaz as expectativas. Recomendado-o, bem como aos seus organizadores, podendo-se considerar vitoriosa essa grande realização da Central. Ainda que, de pronto, somente uma pequena parte dos ferroviários possam usufruir das suas vantagens, a influencia que terá no meio trabalhador da grande ferrovia como fator educacional e o exito mesmo que acaba de coroar os primeiros esforços serão decisivos para o rapido prosseguimento de obra de tão inestimavel valor. Estão, pois, de parabens o major Alencastro Guimarães e os seus colaboradores na direção da Central, como de parabens estão as suas legiões de ferroviários, pelo inicio da concretisação desse esplendido plano de assistencia social.

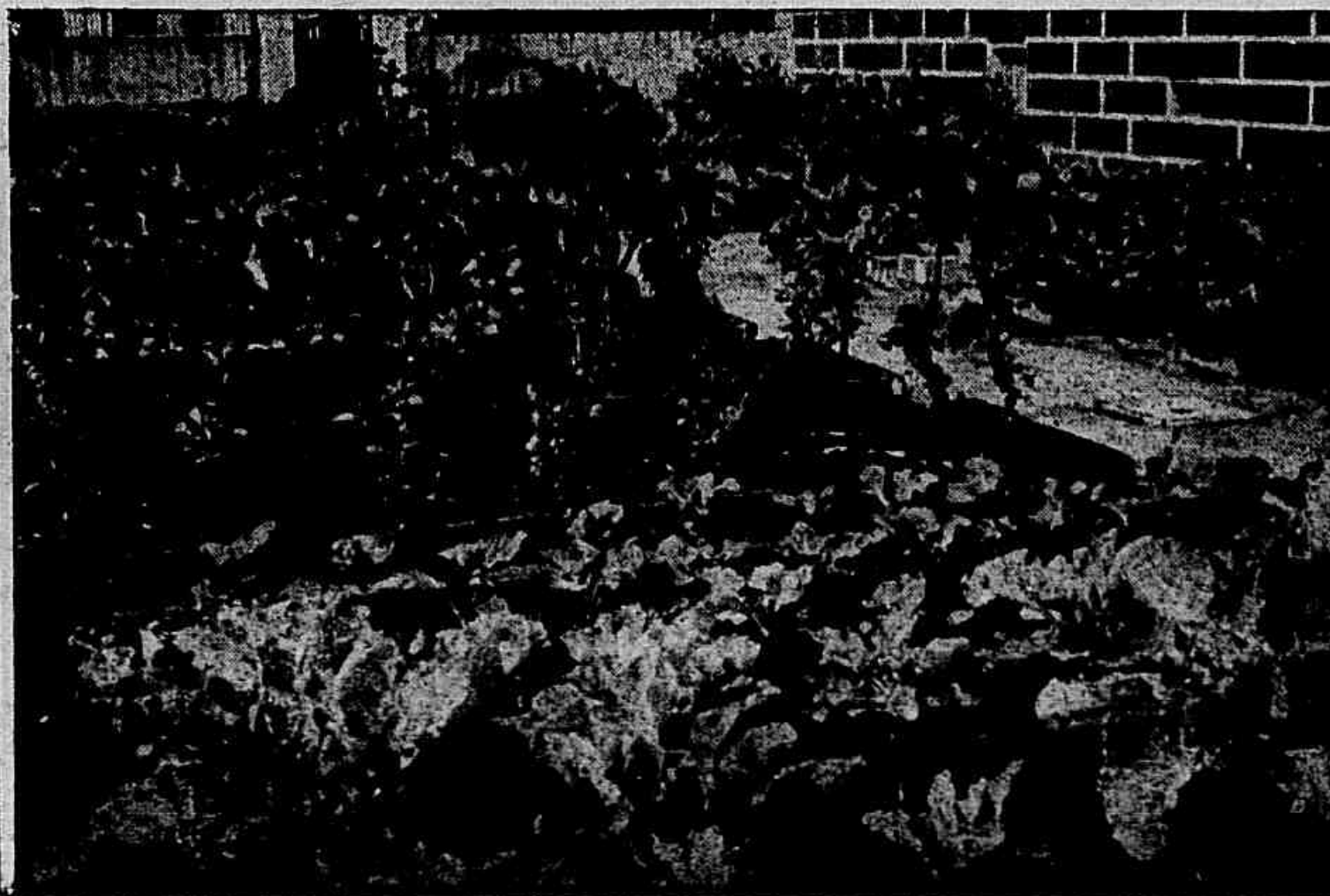
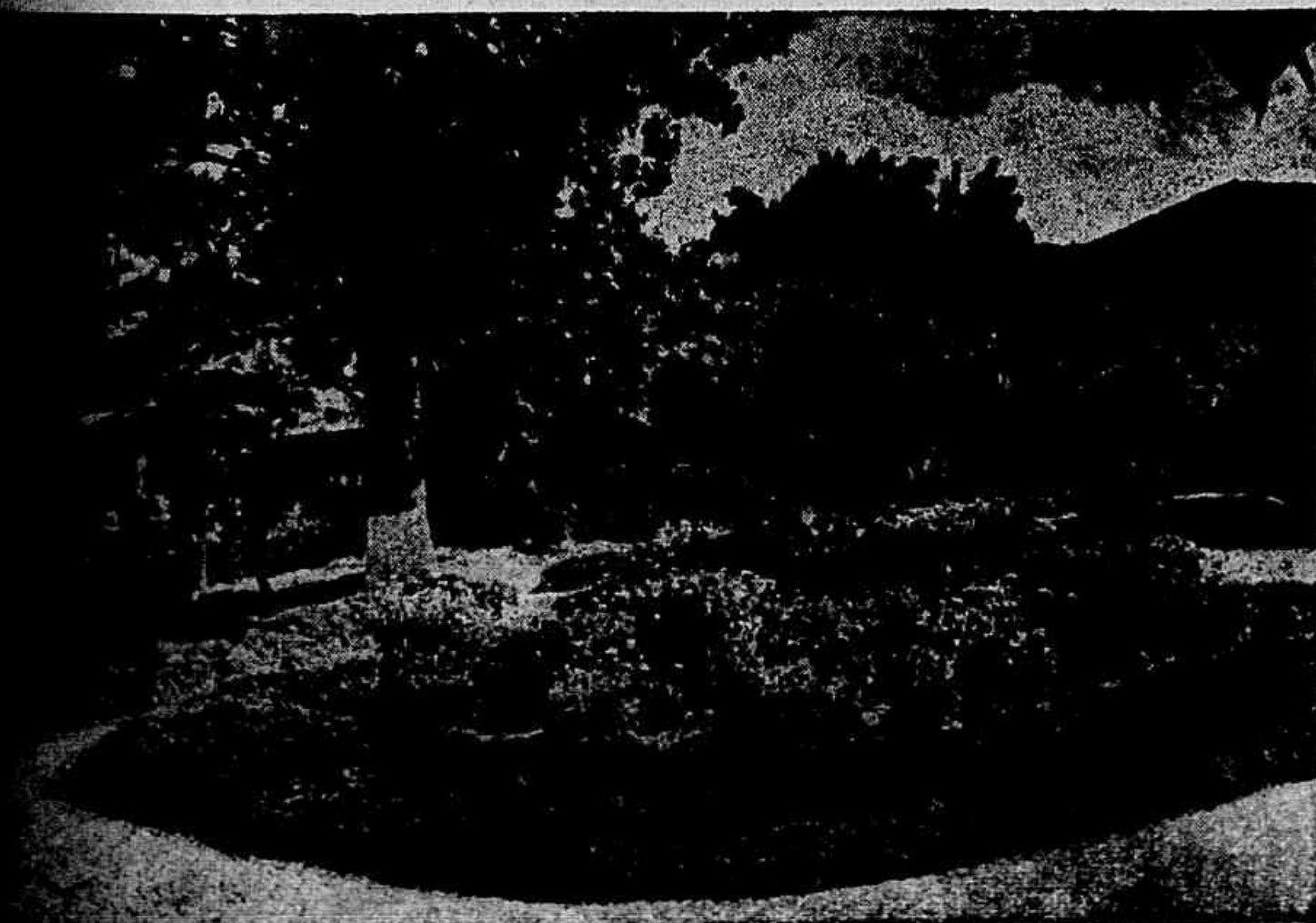
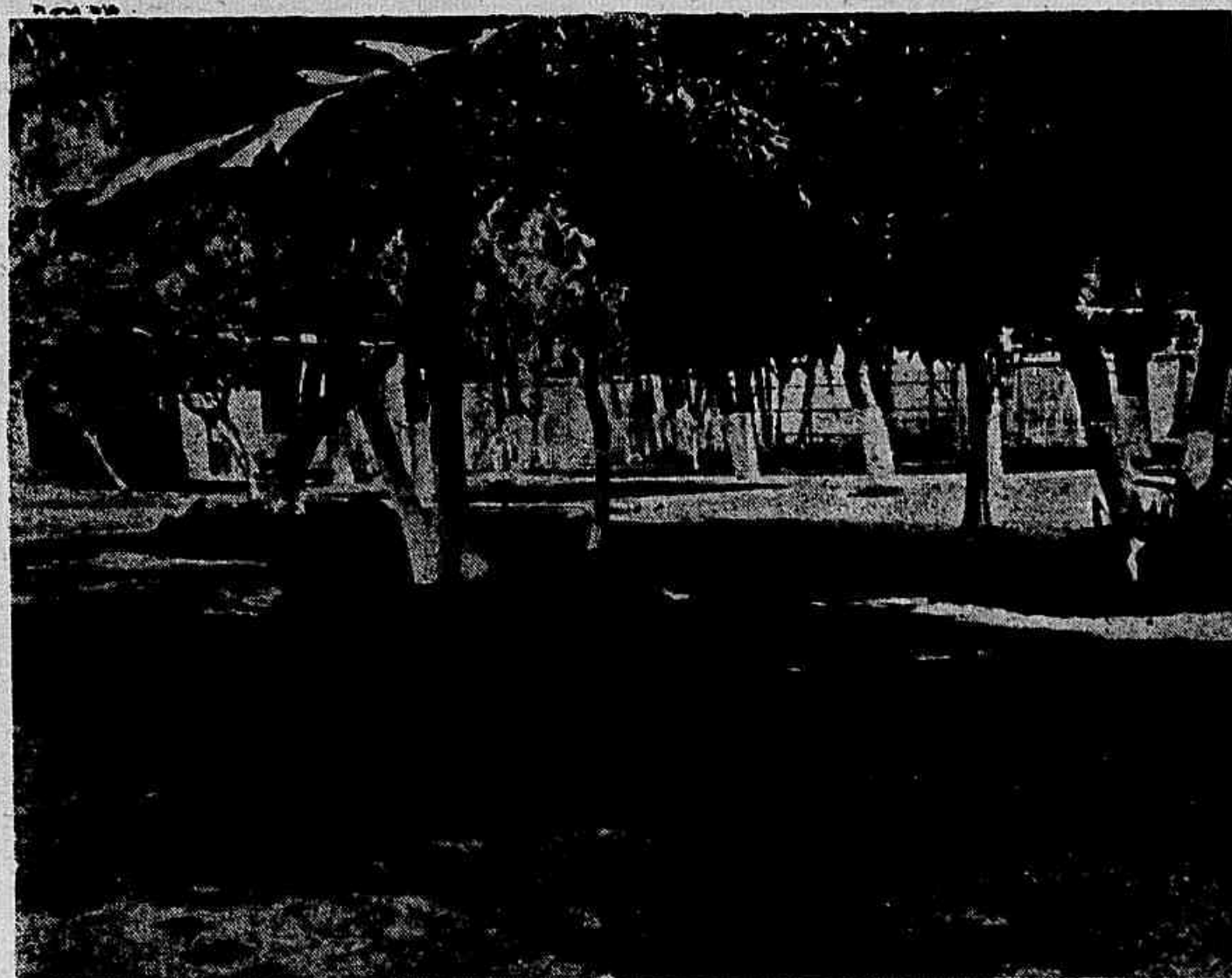
Nestas paginas mostramos aos nossos leitores o que é o Hotel de Férias que vem de ser inaugurado. Instalado confortavelmente, está provido dos requisitos necessarios para proporcionar aos seus frequentadores uma estadia agradável, num ambiente de sossego acon-

FACHADA DO HOTEL DE FERIAS DE VALENÇA, ONDE OUTRONA FOI O SOLAR DO VISCONDE DE RIO PRETO

Dando inicio ao plano de instalação de hoteis e fazendas de ferias para os seus funcionarios, a Estrada de Ferro Central do Brasil acaba de inaugurar, conforme noticiamos na pagina anterior, o primeiro desses pontos de repouso, situado em Valença, a aprazivel cidade fluminense, cujo clima magnifico se enquadra entre os melhores das cidades serranas do Estado do Rio. Iniciativa assás louvavel, que vem beneficiar extraordinariamente a grande familia ferroviaria daquela Estrada, assume especial relevo entre as medidas do vasto programa de assistencia social, posto em pratica pela administração Alencastro Guimarães, que já oferece

os mais positivos resultados, no que concerne ao soerguimento moral e fisico do homem que trabalha. Dispondo já de restaurantes, providos de instalações de radio-difusão interna, serviços de assistencia dentaria e medica, estes em vias de serem intensificados, armazens de fornecimento, etc., os empregados da Central começam agora a dispor de um local para repouso e recreação a baixo custo, onde com suas familias poderão desfrutar anualmente os beneficios de um clima saudavel, afastados dos centros de suas atividades e do ambiente asfixiante das grandes cidades, dando ao corpo novas energias e ao espirito tranquilidade e paz.

A' DIREITA — VISTA DO GRANDE PARQUE ARBORIZADO SITUADO NA PARTE POSTERIOR DO HOTEL, CONSTITUINDO UM ESPLENDIDO LOCAL PARA RECREAÇÃO E JOGOS, BEM COMO PARA REUNIÕES AO AR LIVRE. EM BAIXO: À ESQUERDA, OUTRA VISTA DO PARQUE, QUE CIRCUNDA QUASI TODO O HOTEL; À DIREITA, ASPECTO DA MONTA QUE FORNECERÁ VENDURAS FRESCAS À COZINHA.

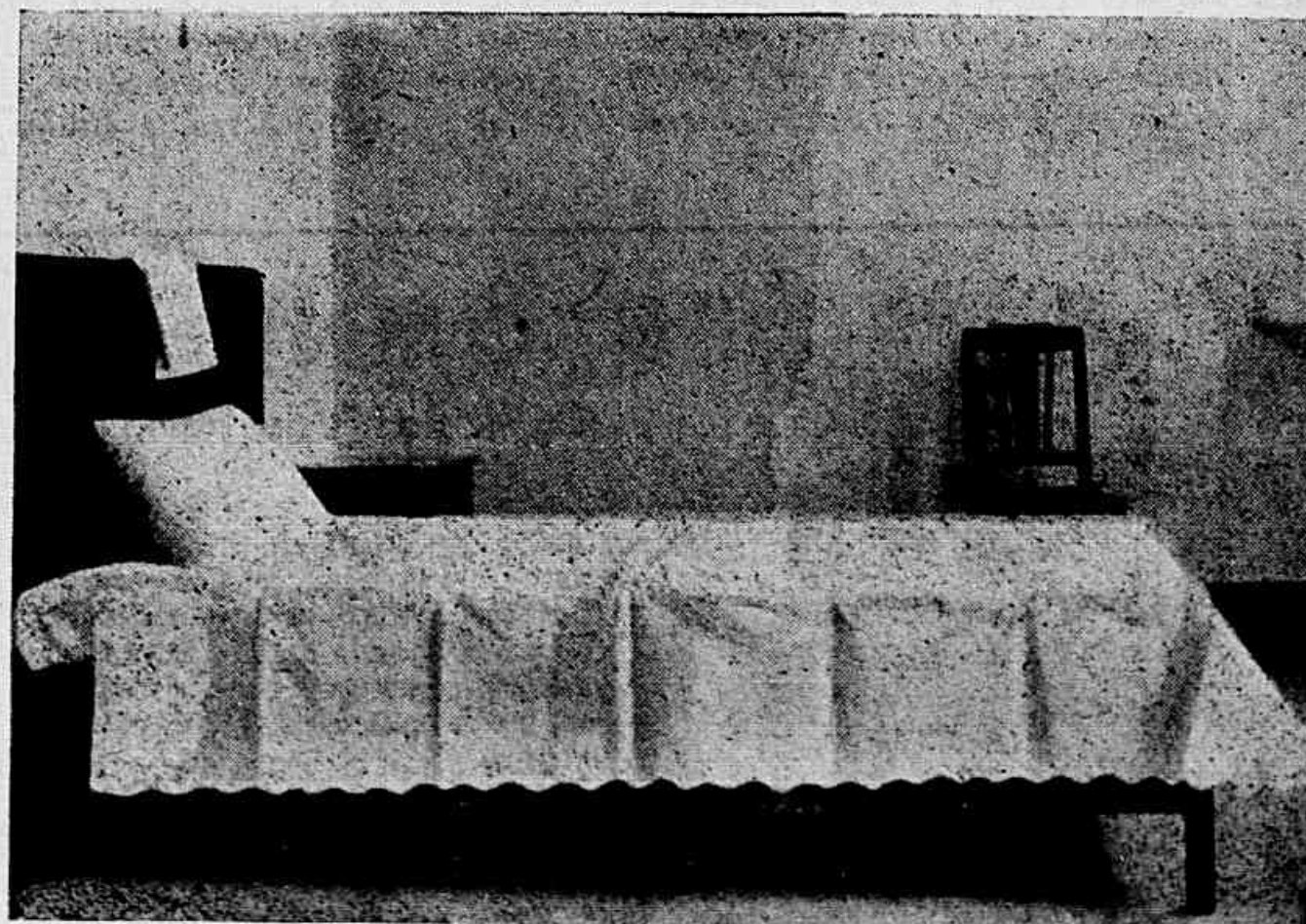
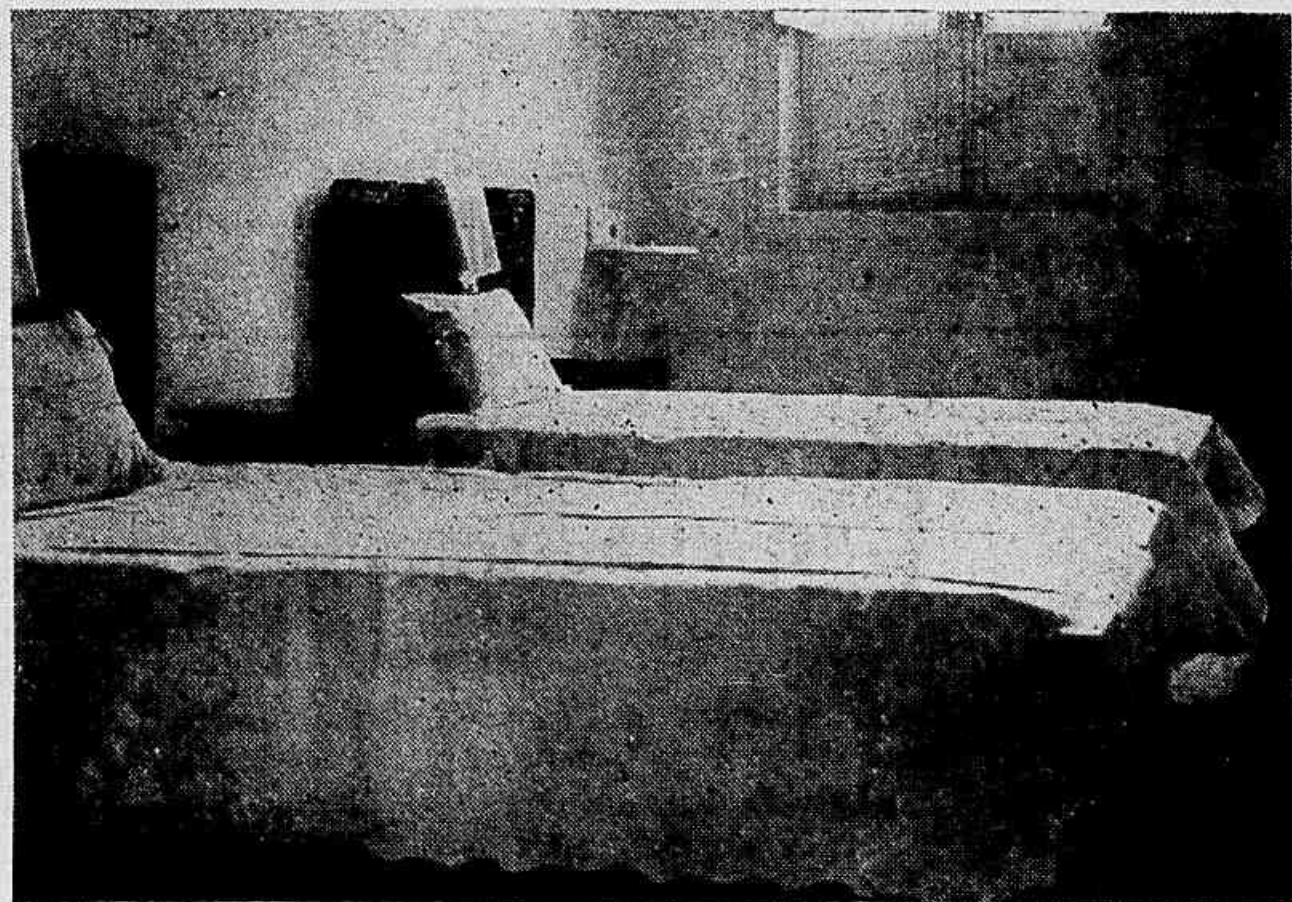
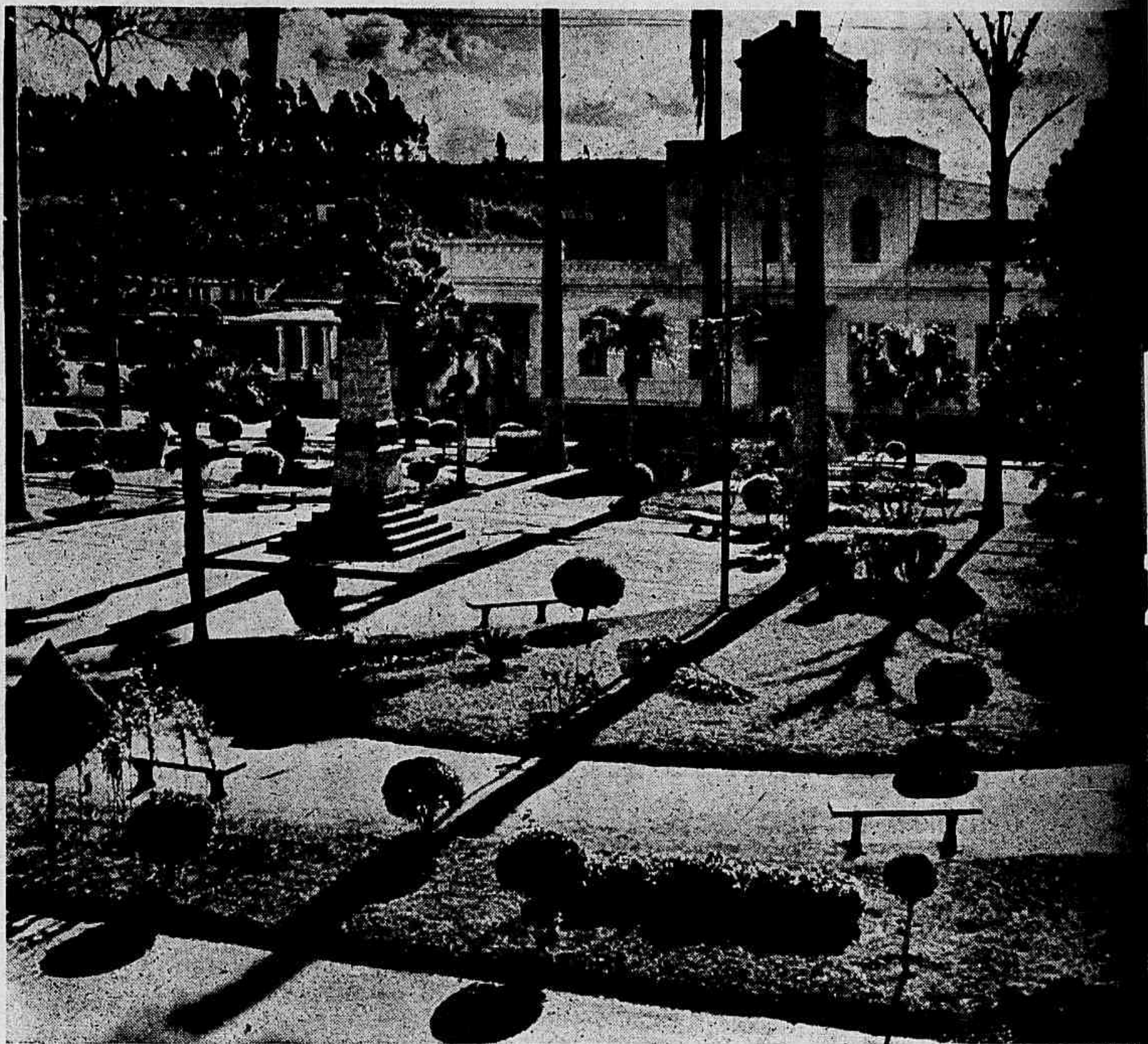


DE FERIAS PARA FERROVIARIOS

A CENTRAL DO BRASIL, DANDO INICIO A MAIS UM PLANO DE ASSISTENCIA SOCIAL, ENTREGA AO SEU FUNCIONALISMO O PRIMEIRO DESSES CENTROS COLETIVOS DE REPOUSO

selhavel a quem procura renovar as energias perdidas no labor incessante de todos os dias. Dispõe de acomodações para solteiros e casados, amplas salas de viver e de refeições, dependências sanitarias com agua quente e fria, varandas, bem cuidados jardins e extensos parques arborizados para recreação e jogos. Um conjunto completo, para os fins a que se destina, situado no centro de Valença, cidade de condições climatericas excelentes, bonita e bem cuidada. O custo da estadia está fixado em Cr\$15,00 diários para solteiros e Cr\$25,00 para casais, bastante accessivel, portanto, e ainda assim pagavel em pequenas parcelas mensais. O que a maioria das nossas classes de medios recursos não podem fazer, dado o alto custo das nossas estancias de veraneio, começa agora a ser permitido aos ferroviarios da Central do Brasil, mercê desse plano de hoteis e fazendas de ferias cuja execução tão auspiciosamente se inicia.

A' DIREITA — A PRAÇA DR. FRONTIN, EM VALENÇA, LINDO LOGRADOURO PUBLICO. AO FUNDO, A ESTAÇÃO DA CENTRAL DO BRASIL.



AS DEPENDENCIAS DO HOTEL SÃO AMPLAS E AREJADAS, MOBILIADAS SEM LUXOS EXCESSIVOS PORÉM COM CONFORTO, DISPONDO DE TUDO O QUE É NECESSARIO PARA PROPORCIONAR AO HOSPEDE UMA PERMANENCIA DESPREOCUPADA E FELIZ. VEMOS EM CIMA E AO LADO FOTOGRAFIAS DA SALA DE REFEIÇÕES, DE UM APOSENTO PARA SOLTEIRO E OUTRO PARA CASAL, ONDE SE EVIDENCIA O CUIDADO QUE PRESIDIU AO APARELHAMENTO INTERNO DO HOTEL. NA SALA DE ESTAR O RADIO E JOGOS DE SALÃO FARÃO O DIVERTIMENTO DO HOSPEDE, QUE AINDA DISPÕE DE VARANDAS PARA AS HORAS DE LAZER. OS SERVIÇOS DE COPA E COZINHA ESTÃO TAMBEM INSTALADOS DE MODO A FORNECER ALIMENTAÇÃO SADIA AOS SEUS FREQUENTADORES.



Todo o encanto de uma "Estrêla" do Cinema

Os corações nobres cedem ante a graça de um sorriso que Kolynos tornou atraente. Kolynos é o Crème Dental de Triple Ação: (1) limpa, (2) embeleza, (3) refresca, de uma só vez. Experimente e verá como lhe agradam o sabor e a ação penetrante da espuma de Kolynos, que proporcionará maior encanto à sua personalidade.

Use-o com Confiança



Instituto Roentgen

Radioterapia Superficial e Profunda
DRS. ÁLVARO FORTES — FERNANDO AZZI
RUA BARÃO DE ITAPETINGA, 139
Salas 10, 11, 12 e 14 - Fone: 4-0394 - São Paulo

O QUE TÔDAS AS MULHERES DEVEM SABER

Famosos e acatados ginecologistas afirmam que grande parte das moléstias que afligem a mulher têm como causa principal o mau funcionamento de seus órgãos genitais. Muitas vezes a mulher parece sofrer do fígado, estômago, intestinos, coração, rins, etc., mas o mal está no útero e nos ovários. Observe a mulher as suas regras: elas são o espelho de sua saúde. As regras são poucas? São muitas? Regularize-as usando Regulador Xavier — o N.º 1 ou o N.º 2. O N.º 1 só se aplica nos casos de regras abundantes, prolongadas, repetidas, hemorragias e suas consequências. O N.º 2 só se aplica nos casos de falta de regras, regras diminuídas, atrasadas, suspensas e suas consequências. O Regulador Xavier tem em cada número a sua aplicação diferente, distinta. Não é um regulador só, que pretende tratar tôdas as moléstias da mulher ao mesmo tempo, não! São dois reguladores em duas fórmulas separadas, diferentes e científicas.

O Homem de Olho de Vidro

(Continuação da página 39)

surpresas para a pobre moça naquele dia, calou-se.

De repente perguntou:

— Ah, é verdade. Como se chama?

IV

FIOS QUE SE CRUZAM...

O homem, ladeado pelos dois guardas, berrava:

— Isso é um insulto!

A um gesto peremptório do homem do olho de vidro, os dois capangas fizeram-no calar.

Finalmente, no silêncio que se seguiu, o homem do olho de vidro falou:

— Este homem é, de fato, seu ajudante?

Rubens perplexo, olhou para o desconhecido. De repente, uma ideia ocorreu-lhe. Diria que sim e o homem dever-lhe-ia a vida. Talvez o ajudasse. Quem sabe se ele, de fato, não conhecia a arte de falsificar notas?

— Sim.

— E por que não nos avisou que ele viria?

— Ora, poderia imaginar que fariam tanto barulho por causa disso?

O homem do olho de vidro teve um lampejo de cólera:

— Ai de ti, meu brasileiro, se o teu trabalho não suprir a tua falta de educação...

E, sem mais uma palavra, saiu da sala, seguido pelos dois guardas. Bateram à porta; Rubens ouviu, distintamente, o barulho de uma chave que trancava a porta.

Encarou o desconhecido.

— Quem é o senhor?

— Eu respondo com a mesma pergunta...

— Sou, supostamente, um falsário.

— Vejam que coincidência!

— É verdade.

Houve uma pausa. De repente, Rubens falou:

— Escute aqui. Estamos na mesma situação. Por que não confiar um no outro?

— De acôrdo.

— Quem é você?

— Por que você não começa?

Rubens olhou para ele:

— Por que serei eu que?...

— Porque foi você que me atrapalhou a vida...

— Eu?

— Sim.

— Pois bem. Eu nada tenho a vêr

(Continúa na página 48)

Você tem vocação para detective?

"O diabo trabalha á noite"

(SOLUÇÃO)

Janice interessava-se na morte de Warren para casar-se novamente. Cobb pôde facilmente descobrir que o desmaio de Dewey fôra simulado. O fato de estar trabalhando fora de horas, como ele proprio confessou, veio reforçar as suspeitas do inspetor Hannibal Cobb. A presença de Warren no edificio precisamente á hora do crime, aumentou ainda mais a suspeita. O chamado telefonico, fôra previamente engendrado por Dewey e Janice. Quando Warren

foi atender ao telefone, foi praticado o crime.

O assassino procurou envolver Olsen no crime, atribuindo-lhe a culpa.

O espaço de tempo entre 10,30 e 10,50, foi o suficiente para que Janice deixasse o escritório de Dewey e fizesse o chamado telefonico. A contradição sobre a hora em que Warren teria deixado o escritório de Dewey completou os raciocínios de Cobb e levou-o a prender Dewey como assassino de Warren, e Janice como sua cúmplice.



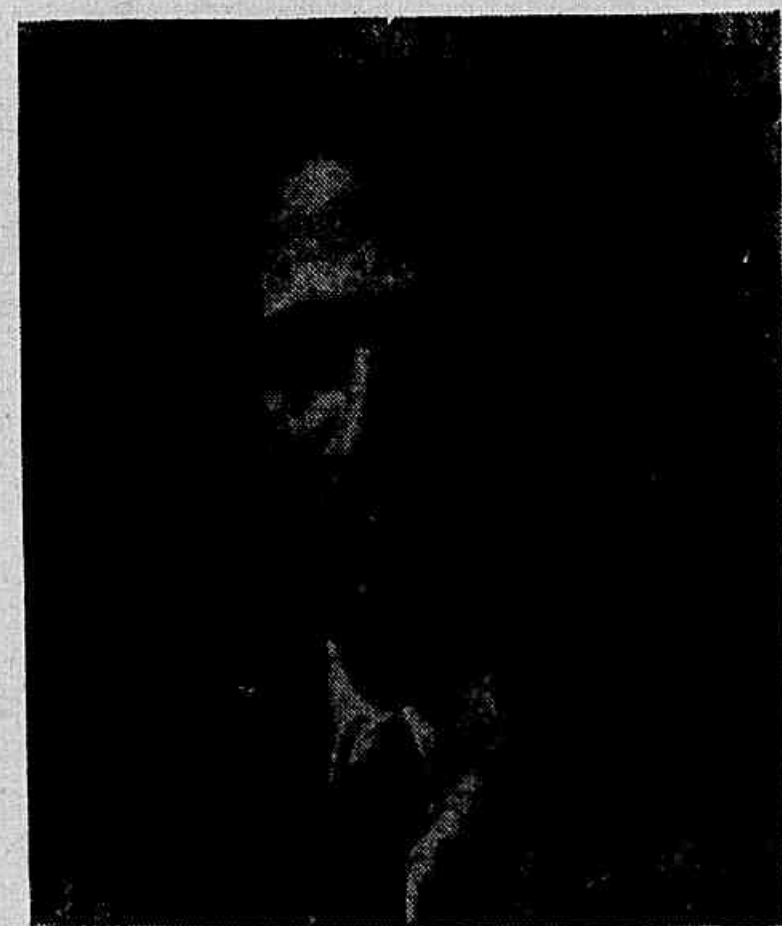
INSOMNIA?

Cuidado! Você está se intoxicando!

Quando não é possível conciliar o sono, é porque os tóxicos estão se acumulando no organismo, intoxicando o sangue. Elimine esse perigo tomando diariamente o "Sal de Fructa" Eno — de sabor agradável e de efeito revigorante. Eno limpa o sistema intestinal, purifica o sangue e evita a insônia. Mas... só o Eno pôde produzir estes resultados.

'SAL DE FRUCTA' ENO

HOMENAGEANDO ILUSTRE CLINICO



O DR. DIVO CRCIOLI, especialista em moléstias do coração e vasos, que and recentemente recebeu a significativa homenagem de seus amigos e clientes, constante de um biquete, continua a ser prestigiado por todos quantos o procuram em seu frequentíssimo consultório, instalado na rua Buenos Aires n.º 250, 1.º andar.

BIO-HEPAX

PACIFICADOR DO FIGADO

PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA

Falou Humberto de Campos

(Continuação da pag. 18)

Sobre essa grave questão do interesse da coletividade em relação à obra literária, artística e científica, e ao resguardo do patrimônio moral do autor, o deputado HUMBERTO DE CAMPOS, em 1927, apresentou um projeto de lei, em cuja adoção "infelizmente, diz PHILADELPHO AZEVEDO (*Direito Moral do Escritor*, pág. 127) a Câmara não quis assentir".

Por todos os títulos, vale transcrever a brilhante e eloquente página que constitui a justificação do projeto:

"A lei 4.790, de 1924, foi omissa no que diz respeito ao patrimônio moral que representa uma obra literária, artística ou científica, e daí regulamentar unicamente os interesses comerciais de autores e editores com prejuízo de outros mais sagrados talvez e que podem ser os da própria coletividade.

Pelas nossas leis em vigor, o editor ou empresário, que faça aquisição dos originais de uma obra de ciência ou de literatura, para publicar em livros, ou de uma peça teatral para ser representada, pode protelar indefinidamente a publicação da obra ou representação da peça.

A obra literária, científica ou musical, pode ser por ele sepultada no seu arquivo, ou anulada pelo silêncio, sem que ao autor caiba o direito a um recurso legal, por falta de um dispositivo a que se ampare no corpo da nossa legislação. De caráter literário, artístico ou científico, a obra da inteligência está, entre nós, arbitrariamente incluída entre os bens alienáveis que o comprador pode, à vontade, anular e destruir.

As criações do espírito humano não devem, entretanto, ser classificadas nessa categoria. A obra literária, artística ou científica não tem apenas o seu valor comercial, negociável, mas outro, mais respeitável, que constitui um patrimônio da própria humanidade. E esse patrimônio não pode ser delapidado por um simples ato de venda material, que se deve limitar a uma simples exploração comercial. Vendendo os seus direitos ao editor, o autor resguarda, implicitamente, O PATRIMÔNIO MORAL, DE GLÓRIA, DE FAMA, DE NOMEADA, — QUE É SEU, DA PÁTRIA E DA CIVILIZAÇÃO, E NÃO PODE SER PREJUDICADO POR DESÍDIA OU VINGANÇA DE TERCEIROS (nossos os versais). Imaginemos, para exemplificar, que um homem de ciência, pobre, não podendo editar uma obra sua, de grande alcance nas conquistas da humanidade, a aliena, para ser editada, na forma comum dos contratos, a um editor, entregando-lhe os originais; imaginemos que o editor, por despeito ou capricho, tranca no seu cofre essa obra, e não a edita, jamais. Será lícito a este prejudicar, retardar, pelo simples prestígio do seu ouro, a marcha do espírito humano? E, no entanto, dormem, nos arquivos dos editores brasileiros, obras que, vendidas há quinze, e, até, há vinte anos, continuam aí sepultadas por não encontrarem os seus autores qualquer apelo na lei.

O destino das criações literárias, artísticas ou científicas, não pode ficar à mercê, ao mero arbítrio dos interesses comerciais. O livro didático, em particular, é um dos fatores da grandeza dos povos. Não obstante isso, livros ótimos, de utilidade reconhecida e proclamada, que prestaram serviços inestimáveis à cultura de uma geração, desaparecem de súbito, e para sempre, das livrarias, por mais que os procurem os professores, unicamente por um acinte do editor, que adquiriu os direitos autorais, ao autor, que lhe os vendeu, menos com espírito de lucro do que, talvez, com o pensamento na difusão do ensino.

O projeto acima corresponde, dessa maneira, a uma necessidade permanente dos homens de letras, de artes e de ciências, cujo patrimônio, assim constituído, não é só deles, mas da sua pátria, da sua raça e de seu tempo."

Os R. R. poderão ufanar-se de que estão resguardando "o patrimônio moral, de glória, de fama e de nomeada" de HUMBERTO DE CAMPOS, tal como ele o encarava, isto é como "SEU, DA PÁTRIA E DA CIVILIZAÇÃO".

Esse objetivo foi conseguido. Ninguém ousaria contestá-lo.

UMA CRÔNICA DE HUMBERTO DE CAMPOS, EM VIDA, SOBRE CHICO XAVIER

Humberto de Campos era colaborador assíduo do "Diário Carioca", nos últimos anos de sua existência. Foi na edição de 10 de Julho de 1932, que ele publicou a crônica abaixo reproduzida, intitulada "Poetas do outro mundo", na qual abordava as obras psicografadas pelo médium a quem, agora, estaria ditando, do Além, a mensagem publicada neste mesmo número:

"Francisco Candido Xavier é um nome de um moço de origem humilde. Nascido em Pedro Leopoldo, Estado de Minas Gerais, em 1910. Após um estágio na escola primária de sua terra, entrou, como operário e órfão, para uma fábrica de tecidos e, em seguida, para um estabelecimento comercial. E como este mundo não lhe parecesse dos mais amáveis, começou a pensar no outro, aderindo ao espiritismo, com as altas funções e responsabilidades de "médium". Lidando, nesta vida, com os espíritos medíocres que frequentam a casa de comércio que em que trabalha, resolveu Francisco Candido Xavier tornar-se mais exigente



Chico Xavier em um instantâneo feito numa estância mineira.

no reino das sombras, buscando, nele, para conversar, inteligências superiores, homens de letras e, especialmente poetas, que já haviam passado por este mundo. Nessas palestras em que a boca se mantinha em silêncio, transmitiam-lhes os seus novos amigos algumas poesias elaboradas depois de desencarnados, e que o jovem caixeiro de Pedro Leopoldo ia escrevendo mecanicamente, sem estôrgo de braço ou imaginação. Esses espíritos eram, ordinariamente, Guerra Junqueiro, Anthero do Quental, Augusto dos Anjos, Castro Alves, Casimiro de Abreu, João de Deus, Auta de Souza, Pedro II, Souza Caldas, Julio Diniz, Cruz e Souza e Casimiro Cunha, poeta vassourense. As vezes aparecia, também, o anônimo, cuja modéstia não desaparecera nem no outro mundo. E cada um deles escrevia um soneto, ou a sua poesia, com a pena de Francisco Candido Xavier, o qual, reunindo-as, acaba de publicar o "Parnaso de Além-Túmulo", editado pela Federação Espírita Brasileira.

O primeiro pensamento que assalta o leitor, antes de

examinar o merecimento literário da obra, é a idéia de que, nem no outro mundo, estará livre dos poetas. A poesia é uma predestinação de tal modo fatal, irremediável, que a vítima não se livra dessa maldição nem, mesmo, depois da morte. Quem faz sonetos ou redondilhas neste planeta está condenado a fazê-los em todos os pontos do espaço e da eternidade a que o leve o dedo divino. E sem mudar de estilo. E sem variar de temas. E sem modificação de ritmos, de rimas ou de inspiração.

Admitimos essa verdade, a vida literária no outro mundo deve ser mais variada, embora mais fatigante, do que neste. Lá estarão, ainda, Anchieta, a celebrar a Virgem Maria em língua tupi; Boileau de Oliveira a cantar no estilo da "Ilha de Maré" e da "Música parnasica"; Claudio Manoel da Costa, escrevendo sonetos clássicos; Gonçalves Dias, com a sua lira romântica; e os parnasianos; e os simbolistas; e os futuristas, que morreram antes do futurismo morrer. A vantagem apresentada por essa reunião de escolas ficará, todavia, comprometida pela eternidade da produção. A superioridade que esta vida apresenta sobre as outras está, precisamente, no seu caráter transitório. Quando um indivíduo, entre nós, dizendo-se benquisto dos deuses, empunha a lira, ficamos certos, desde logo, que ele um dia emudecerá. E é esse consolo que não tem os habitantes do Astral, os quais se acham condenados a escutar os maus poetas até a consumação dos séculos.

O inferno católico é, nesse particular, mais bem organizado do que os mundos em que o espiritismo coloca os mortos. Quando Dante nele penetrou, lá encontrou Virgílio, e outros mestres latinos e medievais. Travou com eles palestras, sobre a existência que levavam; e nenhum lhe recitou versos novos, fato que prova, e sobejamente, que os demônios lhes tomaram a lira, a bem da ordem interna do estabelecimento, no momento da entrada.

O "Parnaso de Além-Túmulo" do sr. Francisco Candido Xavier torna-se, por isso mesmo, interessante para os poetas vivos, embora constitua uma terrível ameaça para os que detestam a linguagem rimada ou ritmada. "Lasciate ogni speranza, voi ch'entrate!". Lá dentro, no reino da Morte, há poetas, e eles cantam. E cantam como cantavam aqui sem omissão, sequer, da linguagem preciosa que aqui utilizavam, "muitas vezes — confessa o "médium" no prefácio da obra — muitas vezes, ao recebermos uma dessas páginas, era necessário recorreremos ao dicionário, para sabermos os respectivos sinônimos das palavras nela empregadas, porque tanto eu como os meus colegas as desconhecíamos em nossa ignorância". Não obstante a mudança de clima, cada um conserva, por lá, as suas virtudes e defeitos literários.

Eu faltaria, entretanto, ao dever que me é imposto pela consciência, senão confessasse que, fazendo versos pela pena do sr. Francisco Candido Xavier, os poetas de que ele é intérprete apresentam as mesmas características de inspiração e de expressão, que os identificavam neste planeta. Os temas abordados são os que os preocupavam em vida. O gôsto é o mesmo. E o verso obedece, ordinariamente, à mesma pauta musical. Frouxo e ingênuo em Casimiro, largo e sonoro em Castro Alves, sarcástico e variado em Junqueiro, fúnebre e grave em Anthero, físiológico e profundo em Augusto dos Anjos, — sente-se, ao ler cada um dos autores que veio do outro mundo para cantar neste instante, a inclinação do sr. Francisco Candido Xavier para escrever "À la manière de..." ou para traduzir o que aqueles altos espíritos sopraram ao seu.

Essa identificação será, todavia, objeto de outro artigo. Por enquanto eu quero, apenas, pôr de sobre-aviso os poetas vivos contra o perigo que a todos nos ameaça com a idéia que tiveram os mortos de voltar a escrever neste mundo, em boa hora abandonado por eles. Si eles voltam a nos fazer concorrência com os seus versos perante o público e, sobretudo, perante os editores, dispensando-lhes o pensamento de direitos autorais, que destino terão os vivos que lutam hoje com tantas e tão poderosas dificuldades?

Quebre, pois, cada espírito a sua lira na tábua do caixão em que deixou o corpo. Ou, então, encarne-se outra vez e venha fazer concorrência aqui em cima da terra, com o feijão e o arroz pela hora da vida.

Do contrário, não vale."

Eis aí o juízo de Humberto de Campos, quando ainda em vida, sobre as obras psicografadas pelo médium Francisco Candido Xavier.

ELA E... ELES

(Continuação da pag. 13)

— Precisamos escolher... Alguem de prestígio... Alguem que possa aguentar firme a oposição, os protestos...

III

Os autofalantes instalados nas praças deram a notícia. Seria anunciado dentro de alguns minutos o resultado. Uma verdadeira multidão, apinhada em torno do hotel, esperava. Cada qual fizera o possível, porém o tempo era escasso, e não podendo obter aquele ambicionado beijo cinematográfico, todos esperavam saber quem seria o vencedor e queriam vê-lo ganhar e receber o prêmio...

— Meus senhores e minhas senhoras. Acabamos de receber, neste momento, o resultado. A estrela Marilyn Joyce conferirá o prêmio ao vencedor que é...

A multidão prendeu a respiração. Esperanças loucas cruzaram pelo cérebro dos rapazes. Sonhos rápidos. Quem seria?

A voz do *speaker* denunciava a raiva de um concorrente preterido.

— O vencedor é o prefeito desta cidade, William Wilkins!

Não. Não se assustem. Não descreverei o resultado da notícia. Logo no dia seguinte, pela manhã, Marilyn partia, incógnita e furtiva, para a Califórnia e o prefeito ficava para enfrentar sózinho o despeito de uma população inteira.

Se lhe tivessem dito que beijaria uma linda mulher — mais: uma estrela de cinema — e não gostaria, ele teria rido, seguro de suas preferências. Porém, depois do que acontecera, sentindo o peso da desaprovação em bloco, vendo perigar e desaparecerem as esperanças de reeleição, Wilkins sentia um imenso arrependimento de ter sacrificado o seu prestígio a bem da segurança pública e das finanças de sua cidade.

IV

Foi durante a filmagem de *Anjo Fatal* que a estrela Marilyn Joyce recebeu a visita de um rapaz muito seu conhecido.

— Prefeito Wilkins!

— Miss Joyce!

— Como vai a cidadezinha?
— Francamente, não sei.
— Como? Não vem de lá?

— Não. Eu abandonei a cidade pouco depois de sua partida...

— Deveras?

— Sim. Encontrei uma oportunidade de ganhar dinheiro em outra parte e, como a opinião pública não estava lá muito a meu favor...

— Ainda o caso do beijo?

— Por esse motivo, de fato.

— Como arranjou outro emprego? Pergunto isso porque sinto-me, até certo ponto, responsável pela sua situação. Afinal de contas fui eu a causadora de tudo...

— Encontrei um emprego muito conveniente... Agora sou escritor.

O distinto leitor, sem dúvida, conhece um dos fracassos desse nosso grande povo americano. O público adora os segredos. Isso em todo o mundo. Porém especialmente na América floresce uma espécie de literatura que vende muito a despeito da desaprovção crítica. Como Fazer Amigos, Como Fiquei Rico, Como etc.

E' uma série interminável.

— Escreveu um romance?

— Não. Uma história da minha vida, um autobiografia... Com um título sugestivo...

— Qual?

— "Como Beije Marilyn Joyce..."

A estrela riu, alegremente.

— Então gastou um livro para descrever um beijo?

— Exatamente.

— O senhor é um trapaceiro. Imagine se o público souber que o senhor nem sequer chegou a beijar-me...

— E' por isso mesmo que aqui estou.

— Por que?

— Miss Joyce: Eu sou um homem respeitador. Respeito as leis e as mulheres. Porém estou em um dilema. Se publico o livro sem tê-la beijado serei um mistificador. Se a beijo, para não ser um mistificador, arrisco-me a desagradá-la...

— Por que não arrisca?

Quando o rapaz se ia aproximando, sem mais hesitação, ela disse ainda sorrindo:

— Tem certeza que isto não causará complicações internacionais?

— Nem que o mundo venha a baixo! disse ele. E cobrou o prêmio.

Em
Poços de
Caldas
HOSPEDE-SE NO
**PÁLACE
HOTEL**

Balneário
próprio, para
uso exclusivo dos
senhores
hóspedes.

Conforto e
Distinção



O DENTIFRÍCIO MODERNO

para a moça moderna

A moça moderna é mais inteligente, mais asseada e mais saudável do que nunca. Ela dispensa especial cuidado aos dentes e à higiene da boca, sabendo que isto pode afetar tanto a beleza como a saúde.

Isso explica o uso crescente do Creme Dental Squibb. Não pode prejudicar o esmalte dos dentes ou irritar as gengivas, porque não contém nenhu-

ma substância raspante ou adstringente. E como as moças gostam do seu delicioso sabor e da admirável sensação de frescor que deixa na boca! Use Creme Dental Squibb e goste realmente de escovar os dentes diariamente.

Quando comprar um dentifício, verifique se tem o Selo da Casa Squibb, pois, Squibb é um nome de confiança.



**CREME DENTAL
SQUIBB**

MAIS DE 100 PROVAS DE LABORATÓRIO ASSEGURAM SUA PUREZA E EFICÁCIA

429

Livros

CANÇÕES DOS MARES DO SUL, de Dirceu Quintanilha, com prefácio de Alvaro Moreyra — Rio de Janeiro, 1944.

A primeira destas canções é uma fantasia em prosa corrente, na qual se atribue a inspiração da série ao manuscrito dum civilizado que foi viver entre os selvagens de certa ilha, e ali ficou para sempre, admirado, respeitado, amado. As chamadas canções não deixam de ser também em prosa, mas fragmentada agora em linhas irregulares arbitrárias e pretendendo no entanto a classificação de versos. Métrica, porém, à parte, a verdade é que se trata dum poeta. O Sr. Dirceu Quintanilha sente a vida com um requinte de emoção que lhe permite interpretá-la como nenhuma visão de observador, nenhuma reflexão de filósofo no-la transmitiria. E assim estas páginas impressionam pelo que encerram de independente e diferente dos motivos e das imagens que andam em incontáveis obras de prosadores e de rimadores.

Depois das *Canções dos Mares do Sul*, com o seu sabor estranho e remoto, vêm as *Canções perdidas* e as *Canções da Guerra* que, em todo caso, mais se aproximam da nossa sensibilidade. Vejamos a página que se intitula *O chão todo ele manchado*.

*O chão todo ele manchado,
Manchado de coágulos de prata da lua triste.*

*Este silêncio novo
Pegando nas folhas paradas,
Agarrando as águas mortas pela calma...*

*O corpo cansado,
A alma vasia de teus braços...*

*E os olhos a procurar,
Na desolação da noite erma,
O teu perfil de deusa morena...*



NAMORADOS, sonetos de Virginia Vitorino, com prefácio de Olegario Marianno — Rio de Janeiro, 1944.

O livro da Sra. Virginia Vitorino, com treze edições em Portugal, atinge agora no Brasil a décima quarta. E, tendo sido as anteriores "abundantes", como nos revela outro poeta português, conquistado este pelo Brasil: o Sr. Thomaz Ribeiro Colaço, bem podemos considerar o êxito de livreria dos *Namorados* dos maiores, senão único, na moderna poesia do nosso idioma.

A Sra. Virginia Vitorino veio em verdade ocupar um lugar diferente, à parte, no mundo literário que tem por centro Lisboa e para onde convergem as correntes poderosas de Porto e Coimbra. Apareceu quando na poesia portuguesa militavam ardentemente várias escolas e se afirmava um esforço extremado de renovação. Havia os filósofos, os cientistas, os místicos, os patriotas — todos eles de arrebatada inspiração e estilo requintado. Reinava um ambiente de exaltação, a que as idéias e as formas igualmente obedeciam. E já muitos moços, julgando cada qual haver encontrado a maneira supremamente original, adotavam, para fazer versos, o recurso de absolutamente os não fazer.

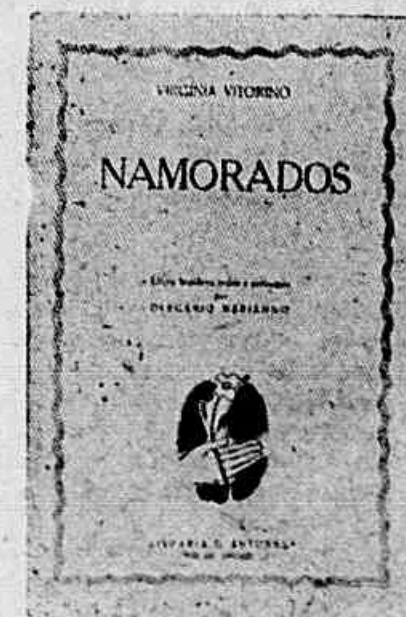
A Sra. Virginia Vitorino surgiu, com uma poesia de sentida, verídica singeleza. Veio contar os seus pensamentos e as suas emoções, como quem se confessa e não tenta iludir nem impressionar o público confessor. Apresentou-se sincera e singelamente, com o coração nas mãos. E, como em arte o mais difícil de dizer é a pura verdade e a melhor maneira de a explicar a perfeita simplicidade, o seu livro começou por produzir um movimento de surpresa e breve se impoz à geral admiração. Os críticos de mais alta ou refinada exigência se declararam ou dalgum modo se mostraram vencidos. Não constitui tão grande exagero como à primeira vista parecerá dizer-se que todo o Portugal quiz ler os quarenta e seis sonetos reunidos neste volume. E não há, a bem dizer, na terra portuguesa, quem não conheça os quatorze límpidos, formosos versos que se intitulam *Despeito*:

*Digo o que noutro tempo não diria.
Foi tudo um grande sonho enganador.
Nego o passado e juro que esse amor
só existiu na tua fantasia.*

*Sinto a volúpia da mentira. A dor
não transparece. Nego. Que alegria!
Fiz crer ao mundo inteiro por magia
que és de todos os homens o peor.*

*Nunca me entonteceu esse sorriso
e, vê lá tu! se tanto fôr preciso,
nego também as cartas que escrevi.*

*Quero humilhar-te, enfim. Mas não compreendo
Porque me exaltas e choras e te defendo
se alguém, a não ser eu, diz mal de ti.*



Nova

PORTEIRA FECHADA, romance de Cyro Martins. — Porto Alegre, 1944.

Trata-se dum romance regional. O sr. Cyro Martins vai quasi ao extremo do gênero. Se não chega a escrever sempre exatamente, literalmente como os seus personagens falam, à maneira do que fez, nas suas *Leréias*, o inolvidável Valdomiro Silveira a roxima-se daquela lingua em até onde possível sem a dicar da sua intervenção de escritor. Valdomiro, naquela série de narrativas paulistas, já raras já praianas, tratou de anular a propria individualidade, para tudo deixar ao caipira ou caicara narrador. Por aqueles contos, tão célebres embora ainda inéditos para a livraria, não se pode fazer idéia do homem de letras, sábio e artista, apaixonado pelo idioma, que foi o autor de *Os caboclos*, de *Nas serras e nas furnas* e em cujo legado de parlamentar e de caudico abundam os primores dum estilo de raro quilate e esmero requintado. O sr. Cyro Martins, observando nos diálogos a mais rigorosa fidelidade — à força de as "ouvir" chega a gente a "ver" as figuras e ficar conhecendo uma por uma — assume nas descrições a sua dignidade autoral. E' bem um gaúcho que escreve, conhecedor de todas as particularidades do provincianismo e do dialeto, mas também senhor da sua pena e da maneira que espontaneamente adotou.



A paisagem não ocupa grande lugar no conjunto desta obra. Mal aparecem, e de longe em longe, trechos de colímbia, de Lavoura, de gado, de arvoredo. Como pintor em prosa, o que absorve o sr. Cyro Martins são os retratos, em que a nota viva, flagrante, triunfa geralmente. As cenas do entrecho desenvolvem-se com uma espécie de minuciosidade que nunca parece excessiva nem chega a dar vontade de se abreviar a leitura. O jogo dos gestos e das réplicas faz-se acompanhar com a atenção do verdadeiro agrado. Seguimos realmente, episódio a episódio, com crescente interesse a história do pobre João Guedes, expulso, em razão duma mudança de proprietário, da terra de aluguel que amanhava e de que vivia. Ali passara muitos anos, criara filhos, se afizera a uma existência que nunca se lhe alterara. Agora, para onde quer que fosse, ficaria deslocado. Daí por diante, com efeito, tudo foram para ele dificuldades e revêzes. Fez-se até lidrão de ovinhos. E a sua legradação, até à ultima, se operou por entre as rixas políticas e os vícios de taberna e de jogatina duma pequena cidade, cujos costumes e aspectos o sr. Cyro Martins nos faz ficar conhecendo como se lá tivéssemos vivido.

Aos livros já publicados pelo sr. Cyro Martins: *Campo Sôra*, contos, *Sim rumo*, novela, e os romances *Enquanto as águas correm* e *Mensagem errante*, a *Porteira fechada* se junta com a condição de, sendo o último dum escritor ainda moço, ser naturalmente o melhor.

• • •

VENTO SUL, romance de Norman Douglas, tradução de Leonel Vallandro — Porto Alegre — 1944.

A Livraria do Globo incluiu na sua Coleção Nobel este romance que é dos mais curiosos e complexos que tem vindo ao mercado, no infindável número de traduções da época.

Meio à clef meio de invenção, *Vento sul* assume intenso poder cativante como observação de raças e de costumes, como fantasia ora sentimental ora irônica, como sistema de idéias generosas e mostrador de paradoxos brilhantes. Houve quem dissesse que Nepente, onde principalmente decorre a ação, era, nem mais nem menos, a tão conhecida e tão amada ilha de Capri, encanto de turistas do mundo inteiro. E daí resultariam aos olhos da crítica lacunas e adulterações que a simples mudança do nome não bastava para justificar. Mas o autor, no prefácio da segunda edição, mostrou o desacerto de tal afirmativa. Situação geográfica, clima, população, tudo distancia, torna inaproximáveis as duas ilhas. Igualmente, no dizer do autor, dois terços de Nepente são imaginários e o outro terço constitui um apanhado de várias ilhas do Mediterrâneo. Quanto às figuras, copiam algumas indivíduos reais, representam outras puras ficções, outras ainda condensam, conciliam grupos ou séries de personagens de que o romancista veio, aqui e acolá, aproveitando as feições e aspectos mais expressivos ou interessantes.



Também alguns censores opinaram que não se tratava duma obra cuja fatura literária merecesse a classificação de romance... Em compensação outros julgadores, e os mais autorizados, falaram de *South Wind* com louvores arrebatados, perfeitamente excepcionais. E por fim o público proferiu o seu julgamento, esgotando as edições. E' que, com as suas descrições dum pitoresco deveras sedutor, as suas imagens, as suas caricaturas, as suas concepções de literatura e belas artes, de política e de internacionalismo, de educação e de religião, a sua "maneira" tão fluente e tão viva de contar, comentar, explicar — o livro se torna uma companhia do espírito e do sentimento a que a gente logo se afeiçoa, e de que só por força das circunstâncias se separa antes do fim.

J. L.

• • •

A MIOESPASMOTERAPIA NAS DESORDENS PSÍQUICAS. — Joubert T. Barbosa. Tese de concurso à docência livre de Clínica Psiquiátrica na Faculdade Nacional de Medicina.

Recebemos um exemplar da tese em apreço que nos foi oferecido pelo Autor, clínico no Distrito Federal.

E' um trabalho especializado em que sr. Joubert T. Barbosa revela profundos conhecimentos.

• • •

CAXIAS. — Afonso de Carvalho. — Empresa Grafica Guarany Ltd. — Rio. — 1944.

Com gravuras, mapas e ilustrações de Loureiro, Alberto Lima e Seth, recebemos um volume do livro referido, agora em 4.ª edição, a qual já foi objeto de apreciação por ocasião das anteriores edições.

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



NUMEROS ATRASADOS DESTA REVISTA
NO DISTRITO FEDERAL

PROCURAR A' RUA MARANGUAPE, 15 -- TELEFONE 22-2550

EM SÃO PAULO

PROCURAR A' RUA D. JOSE DE BARROS 323 -- TELEFONE 4-7866

Dr. SPINOSA ROTHIER

Membro do Circulo
Médico de Buenos Aires

DOENÇAS SEXUAIS E UROLÓGICAS

(Endoscopia, Operações, Eletroterapia, Hormônios Sexuais)

Rua Senador Dantas, 45-B -- 9.º andar -- Apartamento 902 -- Telefone 22-3397.



É O MELHOR
E
NÃO É O MAIS CARO!



A VENDA EM TODO O BRASIL

T. T. AQUINO

A BELEZA E OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e reter a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".

Experimente-o.

BIGODE
DE SENHORAS E VERRUGAS
ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CICATRIZES
ESPEC. GUILHERME KLOTZ
SÃO PAULO - 1471 Av. Eng. Luiz Antonio
TRATAMENTOS CIENTÍFICOS DA CUTIS

Pede enviar-me prospectos:
NOME _____
ENDEREÇO _____

VARIZES

EM SENHORAS
E HEMORRÓIDAS EM GERAL

Novo Tratamento sem Operação

Após longos estudos foi descoberto um medicamento vegetal para o tratamento com ótimos resultados de varizes, que prejudicam a circulação venosa. Esta medicação, na dose de três colheres de chá ao dia, em água açucarada, restitui às pernas o seu estado normal e a beleza estética. Em idêntica dose debela os males causados pelos mamilos hemorriários internos e externos, inclusive os que sangram. Não encontrando nas farmácias ou drogarias, peça diretamente ao depositário: CX. POSTAL 1874 (um-otto-sete-quatro) - São Paulo.

HEMO-VIRTUS (Líquido)

Feminilidade!
Virilidade!

Equilíbrio das funções

Está ao vosso alcance com o tratamento Hormônio-Vitamina, por meio de OKASA, produto de alta reputação mundial. OKASA (importado diretamente de Londres) é uma medicação ultra-racional, garantida pelos conhecidos Laboratórios Horme-Pharma. A base de Hormônios vivos e vitaminas ativas, OKASA é conhecida em todo o mundo pela sua eficiência terapêutica e oferece o máximo de sucesso em todos os casos de deficiência glandular do aparelho genital e do teor vitamínico, como: frigidez, insuficiência ovariana, regras anormais, perturbações da idade crítica (menopausa), obesidade ou magreza excessivas, flacidez da pele e rugosidade da cutis, queda ou falta de turgência dos seios, etc., todas essas deficiências de origem glandular na mulher. - Fraqueza sexual em todas as idades, sensibilidade precoce, fadiga e perda de memória, etc., no homem.

OKASA dá Vida Nova, Juventude, Beleza, Atracção, Alegria de Viver. Em todas as boas Drogarias e Farmácias. Informações e pedidos ao Dist. Prod. ARNA Dep. R. 8 Av. Rio Branco, 169 - Rio

O Homem do Olho de Vidro

(Continuação da página 44)

com essa história e estou aqui por puro acidente.

— Isso eu já sei. Quero saber sua identidade.

— Rubens Munhoz. Sou desenhista e trabalho para a firma Branton & Branton...

— Bem, agora contar-lhe-ei a minha história. Meu pai é inglês mas minha mãe é brasileira. Eram. Morreram os dois. Nunca me posso conformar com isso. Morreram miseravelmente assassinados pela quadrilha do homem do olho de vidro.

— Que?!

— Sim. Até no Brasil perseguiram papai, que por acaso obtiver a informação que permitia desmascarar a quadrilha toda. Mataram papai e mamãe. Mas não nos pegaram porque eu e minha irmã estávamos fora. Quando voltámos, encontrei papai morrendo, e mamãe morta. Ele ainda teve forças para dizer: O Homem do Olho de Vidro...

Desde esse dia que eu procuro a quadrilha. Consegui entrar em contacto com os membros da quadrilha, lá no Rio. Quero prendê-los, todos. Sobre tudo o chefe. Fingi ser um falsário habilíssimo. Consegui que eles me contratasse. Vim para Londres. Deveria encontrar-me com um membro da quadrilha, esta manhã no parque... Você chegou na frente e, conhecendo o Brasil, respondeu certo às perguntas...

— De fato. Meu pai era brasileiro...

— Ora veja que coincidência. Mamãe é brasileira e papai inglês e vivem no Brasil, sou eu e você justamente o contrário...

— E' isso...

— Escute, Rubens...

— Hum?

— Você sabe fabricar uma nota falsa?

— Nunca tive a oportunidade de infringir as leis, meu amigo...

— Pensei que, sendo desenhista...

— Um desenhista não tem a mínima ideia sobre a fabricação de notas falsas...

— Que faremos?

— Nada. Nada resta a fazer...

— Nesse caso, já que esperamos a morte, sentemo-nos, pois o fim da vida que se aproxima deve ser esperado no maior conforto possível...

V

PONDO ORDEM NO EMARANHADO

— O'Leary!

— Que há?

— Por onde começaremos?

— Não temos o endereço?

— Grande coisa!

— Não compreendo.

— Então você pensa que entraremos na casa do homem do olho de vi-

dro e diremos: Tenha a bondade de seguir-nos pois estamos muito ansiosos para prendê-los... Ele com certeza... nos faria esse obséquio...

— Não precisa fazer ironia...

— Então pense em alguma coisa...

— Tenho vários planos, mas todos muito arriscados.

— Não importa!

— Quer assim mesmo?

— Como não?

— Poderíamos passar por iscas...

— Iscas?

— Sim... A quadrilha controla qualquer espécie de roubo acima de certa quantia em Londres... Por que não fingir dois turistas brasileiros riquíssimos, recém chegados a Londres... E...

— Ótimo.

— Mas é preciso a colaboração da polícia para efetuar a prisão...

— Vamos imediatamente a Scotland Yard.

VI

O PRINCIPIO DO FIM

O inspetor de polícia não podia se conformar com a ideia de que uma moça tão frágil quisesse se meter em empresa tão arriscada. Fez o possível por dissuadi-la. Mas ela foi inflexível.

— Nesse caso, senhorita, só me resta agradecer-lhe... Seu marido também tomará parte, na empresa...?

Ela olhou para O'Leary.

— Meu marido? Ah, sim, sim. Ele tomará parte, está claro. Veio para proteger-me.

Naquela mesma tarde entrava num hotel de Londres uma linda moça acompanhada de um rapaz. A informação correu logo. Era um casal de milionários brasileiros, viajando incógnitos para ter mais socêgo.

...No quarto que lhes foi reservado no hotel, O'Leary e Marina esperavam. A moça estava nervosa.

— Virão?

— Está claro.

— Mas eu quero o chefe. O homem do olho de vidro.

— Num ataque de tal importância ele não faltará...

— Esperemos que assim seja

— Houve uma pausa.

— Marina...

— Hein?!

— Você já reparou que eu acabei de estragar a sua reputação?

— Isso não tem importância, eu sigo para o Brasil...

DOR de ESTOMAGO?

AZIA - MÁ DIGESTÃO
DISPEPSIA - ULCERAS

Papeis

BANKETS



— Escute...
— Hum?
— Você não queria ficar na Inglaterra, não?

Ela virou-se lentamente para ele. O'Leary esperou que fosse zangar-se. A insinuação fôra bem clara.

— Muito, obrigado pelas suas boas intenções, meu amigo...

— Sou muito interessado...

Dessa vez ela sorriu.

— Como é seu primeiro nome?

— Malcom.

Não interessa saber o que se seguiu. Essa história é sobre o homem do olho de vidro e não sobre Marina. Voltemos, pois, ao café Black Dove. A notícia já chegara, por meio de espias, de que um certo casal de milionários brasileiros estava no Grande Hotel, com uma fortuna de joias na mala. A quadrilha toda entraria nesse golpe sensacional, destinado a figurar na primeira página dos jornais.

O Homem do Olho de Vidro mandou chamar os dois falsários.

— Diga-lhes que interrompam o trabalho. Preciso de muitos homens nessa empresa. E' arriscada. Eles ajudarão...

VII

Cada do céu por descuido, chegara a oportunidade que Rubens e seu novo amigo, Roberto, esperavam. Tomariam parte no grande assalto. Era aproveitar a primeira oportunidade para fugir. O Homem do Olho de Vidro, que evidentemente não confiava neles, confiara-lhes a parte mais arriscada do trabalho. Eles iriam, sob a supervisão do próprio bandido, executar o roubo. E se impressões digitais houvesse, seriam deles, o que lhes valeria, sem duvida, uma bela ficha na polícia. Como escapar? Concordearam ambos que valia mais esperar a oportunidade do que fazer planos que não poderiam ser realizados.

Disfarçados em impecáveis criados de hotel, não despertaram a atenção ao entrarem pela porta de serviço. O homem, evidentemente, conhecia a topografia do hotel. Conduziu-os ao quarto dos milionários. A porta estava fechada. O quarto imerso em trevas. Ouviram a respiração de duas pessoas adormecidas. Uma gazua abriu-lhes a porta. Entraram.

Nesse momento brilhou a luz, fortemente.

— Estão presos!

Uma verdadeira multidão estava dentro do quarto. Os capacetes dos policiais brilhavam por todos os lados.

Rubens e Roberto olhavam em torno, atônitos. De repente:

— Marina!

— Roberto!

— Que fazes aqui?

— Divirto-me, prendendo bandidos.

— Louca!

Os dois irmãos se abraçaram.

Que mais resta a dizer? Rubens seguiu, pouco depois, para o Brasil, onde foi tomar conta de um ótimo lugar na fábrica que pertencia aos dois irmãos. Para falar a verdade, eu também lucrei com a coisa. Hoje, Marina Lathrope é Madame O'Leary e O'Leary, meus senhores, sou eu. Não insistirei na história da nossa felicidade. Compreendam que, como diretamente implicado nesse caso, não possa relatar os acontecimentos com a devida isenção de animo...

BELZEMA

para Eczematide Infantil!

o Pomada não gordurosa, antissética, que combate as coceiras e erupções da pele. Não requer ataduras.



CREME DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
BRANQUEIA E AVELUDA A PELE
A VENDA EM TODA A PARTE

Desperfe a Bilis do seu Fígado

e saltará da cama disposto para tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você se sente abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não eliminará a causa. Neste caso, as Pilulas Carters para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pilulas Carters para o fígado. Não aceite outro produto. Preço Cr\$ 3,00

CABELLOS BRANCOS

CASPA
Quêda
dos
Cabellos

JUVENTUDE ALEXANDRE

**LOTES DE LINHO,
MIXTOS E DE CRETONE**

Guarnições de mesa — Linhos avulsos — Cambrás, etc. Vendas por atacado e a varejo — Grande facilidade de pagamentos — Solicitem demonstrações sem compromisso a JULIO HIRSCH

AV. BRIGADEIRO LUIZ ANTONIO, 351
FONE 2-2022 — S. PAULO

Um pescador

(Continuação da pag. 27)

tenha desejos inexprimidos, ambições inconfessadas porque ainda não se obrigou para eles a possibilidade de realização... Mas quando alguém chega, bota a mão no ombro da gente e diz:

— Gonçalves, você quer ir trabalhar no Rio. Eu arrango a sua transferência.

No Rio, percebem? Pois Maria Clara não percebeu. Permaneceu alheia, sentiu logo uma espécie de saudade dos parentes que ficavam ali. E ele, que julgou ter levado uma grande notícia...

— Mas deixar Cachoeira, Gonçalves? A gente está tão bem aqui...

Bem? Aquilo era vida? Aquele ramerrão, aqueles mesmos dias... Não, no Rio, não! Eram outras pessoas, um campo maior para lutar, para progredir... Insistiu. E então veio a cena, a eterna cena de Maria Clara rebelde, Maria Clara insultando para defender seu ponto de vista — como fazem as mulheres quando lhes falta lógica. Mas Gonçalves não conhecia as mulheres: só Maria Clara, que fora para ele uma necessidade sentimental, naquela estúpida cidade quieta. Que cena! Os parentes, que ela não abandonaria; a descrença que tinha das promessas; a vida de lutas numa cidade desconhecida, e portanto hostil; o medo inocuo da saúde do Zezinho... E tudo para que? Pensava ele que ia arranjar alguma coisa lá? Não ia... Ah! Aquela descrença na sua capacidade... Se o pescador a tivesse, quando vai atirar o anzol náua...

Brigaram, ou melhor, ela lhe disse logo frases acerbadas. Citou fatos passados, inúteis, que nada tinham com o presente, mas que ela nunca esquecia. Gonçalves mudou de tom. Quis expor friamente, trazê-la ao que julgava ser um raciocínio, mas aquilo só fez irritar mais a mulher.

— Pois pode ir.

Ele, sozinho? Oh! Aquele primeiro ímpeto decerto que foi pegar o boné,

PRISÃO de VENTRE?

Pilulas
ALOICAS
REGULAM O INTESTINO
SEM TURTURA-LO

É ASSIM QUE VOCÊ ESCOLHE? por Augusto Rodrigues

— QUE VENHA UM GOSTOSO!



Não! Se você quer sorvete de pausinho, está certo. Mas, se quer dentífrico, então exija mais — exija gosto reunido ao poder de proteger os dentes. Exija Lever SR!

— QUE VENHA UM BARATINHO!



Não! Andaria vendido para não gastar a vista? Não! Pois poderia cair num abismo. Suas gengivas também requerem olho bem aberto. Elas são a vida dos seus dentes. Proteja-as, pois, economicamente, usando Lever SR!

— QUE VENHA UM QUALQUER!



Não! Seria comprado antes da postura. Saiba o que vai receber! Exija para si a garantia de um sorriso lindo e sadio. E, para tanto, peça Lever SR!



SOUBE ESCOLHER CERTO!

É o dentífrico que você exigia — econômico, gostoso e refrescante. Mas Lever SR tem mais — tem Sódio Ricinoleato, o poderoso elemento que, assegurando a saúde das gengivas, protege a vida dos seus dentes. Por isso, Lever SR mantém dentes brancos... mantém... os dentes!

MANTÉM
DENTES BRANCOS...
MANTÉM
OS DENTES!

LINTAS SR 111-0100

meter-se no primeiro trem, deixá-la esquecida, com seu egoísmo e seus obscuros parentes, a sua pequenez e a sua covardia, naquele êrmo! Mandá-lo embora, a "sua" mulher... Devia ir mesmo, e voltar um dia, rico, diferente, im-

portante, só para que ela não duvidasse dos seus méritos. "Sou eu, tá vend? Você não quis ir comigo!" Mas agora... "assai!" — o pescador soltou de novo

(Continúa na pag. 57)

Leia na quinta-feira no

ESPORTE ILUSTRADO

**O Brasil e o proximo
Campeonato Sul-
Americano de Futebol**

Comentário de *Olympicus*

**MENTHOLATUM
MATOU NA CABEÇA
O MEU
RESFRIADO!**



MENTHOLATUM

É usado por
multidões contra
RESFRIADOS
que atacam a
cabeça e o nariz.



PROPORCIONA ALIVIO RAPIDO

LUIZ EDMUNDO NA ACADEMIA

NA noite de quarta-feira 2 do corrente, a Academia Brasileira de Letras abriu seus salões para receber o novo "imortal" — Luiz Edmundo — compreendendo a vaga de Fernando Magalhães. Foi uma noite de festa, que serviu também para registar um legítimo acontecimento mundano da estação de inverno. Como de praxe, trocaram-se dois discursos: o do acadêmico Viriato Correia, recebendo o autor de "O Rio de Janeiro no Tempo dos Vice-Reis", e o do sr. Luiz Edmundo, do qual extraímos, linhas abaixo, alguns interessantes períodos:

O Rio de Janeiro, pela aurora do século que corre, antes da picareta salvadora de Pereira Passos e dos desvelos profiláticos do grande Oswaldo Cruz, ainda conserva a sordidez e o mófo dos velhos tempos coloniais. É o Rio do Presidente Campos Salles, do k'osque, do bigode, dos elegantes de sobre-saca cortada em pano inglês, cartola e botinas de verniz que, sob o fogo cruel de estios apavorantes, bem como salamandras, cruzam, tranquilamente, a rua do Ouvidor. Tempo em que as mulheres vestem compridas e rodadas saias que se sungam à mão e usam cinturas de maribondo, leque, e uns trágicos chapéus que não lhes entram, nunca, na cabeça, todos em pluma e fita, de forma e tamanho sobrenaturais. Tempo em que o progresso ronda a entrada da barra, mas não entra; da casa feia e sem conforto, da rua estreita ou desarborizada, do bonde de tração animal com o seu cocheiro de chapéu de palha, vestindo às vezes, fraque; dos tilburys de capota mal encerada, com chicotes fincados nas bolsas, sujos e farrapentos, sem tabela e, por isso mesmo, sem freguezes; dos saraus em família obrigados à ceia com porco assado, líricos discursos e assembléias em salas de visita que se ornamentam com flores de papel pelas paredes, se iluminam a querosene ou a g. s., salas onde os namorados, com dramaticidade e piegas ternuras, recitam, de mão ao peito e olho de carneiro morto, versos de Castro Alves, de Fagundes Varela e Casimiro de Abreu. Vive o povo esperando o Carnaval, os balões e as fogueiras de Santo Antonio e São João, enquanto que a bubônica, a amarela e outras epidemias dão trágicos festins pela cidade. Obituário em ascensão. Procições pela rua. Vivem os moços, porém, felizes e contentes. Quando se tem vinte anos, a vida, de qualquer forma e em qualquer parte, é sempre uma delícia. O bom tempo! a saudade dos velhos...

— Aquilo é que era tempo! Olá, se era! Um par de burzeguins custava a três mil réis!

— E que burzeguins!...

Ah! o tempo sem igual das mulheres bonitas e dos homens de bem, dos amigos ale res, dos companheiros féis, das empadinhas com palmito e camarão como hoje não se fazem mais!

— E que empadinhas!

Bom tempo! O aprazido estribilho de todos aqueles que já passaram dos cinquenta anos. Como se os tempos não fossem, sempre, os mesmos, monótonos e iguais. Não mudam eles. Nós é que mudamos!

Pois foi por essa época de risonha e estranha mocidade, que eu conheci Fernando Magalhães. E até me lembro, exatamente, quando e onde. Em 1901, no CAFÉ PAPAGAIO, lugar onde abancavam, em ruidosas e férvidas tertulias, estudantes, jovens pintores, escultores, poetas e jornalistas. Cenáculo de moços. Era o Antonio Austregesilo autor de um livro tenebroso — MANCHAS, onde se falava da alma sedutora e aflita de um serrote; Gustavo Santiago, que escreveu um admirável poe-

ma intitulado O CAVALheiro DO LUAR, onde versos havia como este:

São pestilentas águas estagnadas
Rios pretos, lagoas amarelas,
Mares de ondas podres e paradas,
Oceanos feitos de erisipelas...

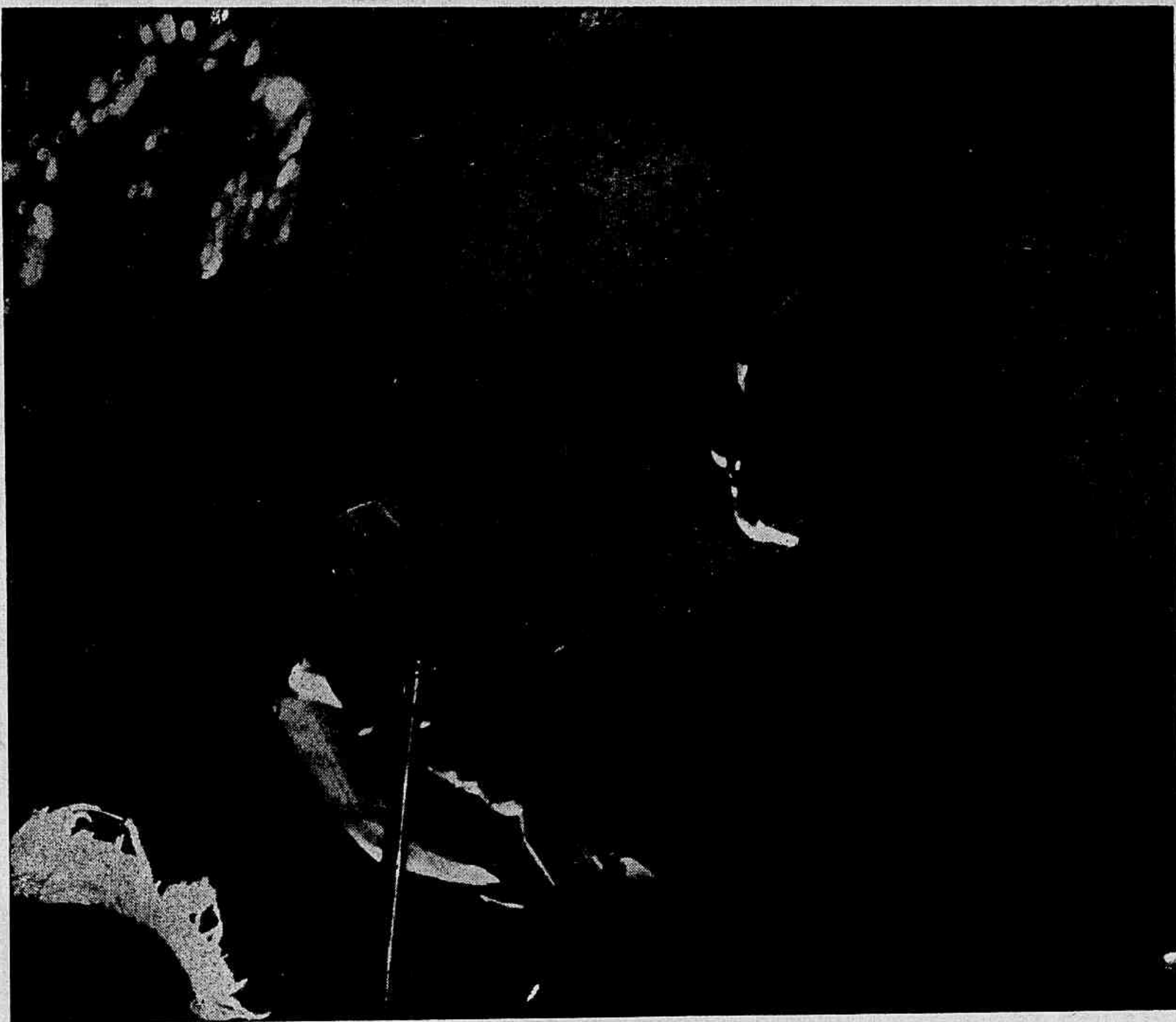
Era o Magnus Sandal, ruivo de barba rala e olho de cocoroca, Sar Peladam das nossas letras, fazendo do cabalismo, do isoterismo, da teosofia oriental e do ocultismo da Índia uma espécie de angu' literário que nos era servido em graves e intermináveis discursseiras. Adalberto Guerra Duval, elegantíssimo, Brumel pelo tempo (e hoje, ainda, muitíssimo Brumel), em meio a toda essa geração que usava meias solas nos sapatos e esverdeados vestons a esfiapar pelos debruns; Fabio Luz, desassombrado nihilista, a discutir a questão social, citando Bakunine, Klototckine, Karil Marx, Dejean, Brousse e Plecard, olhando o mundo em que vivíamos como cousa inútil, que envelhecera e decaíra completamente desaproveitada pelos homens. Tempo em que Felix Pacheco, irreverentemente, escrevia na MERIDIONAL do Elisio de Carvalho, "este mulato pretencioso e besta que se chamou Gonçalves Dias" e em que o Sr. Colatino Barroso, quando se referia ao poeta da LÉGENDE DE SIFILES chamava-o, sempre, o Dr. Vitor Hugo...

Vivíamos, todos nós, como perdigueiros de nariz no ar, atrás do novo, recitando Montesquieu de Fesansac:

Le singulier me touche et létrange me charme
J'a bre le zarre et me sens fort épris du rare.

Diz Mestre Afranio Peixoto: "até chegarmos aos 30 anos nós somos, todos, inimigos mortais da Academia, dos 30 aos 40 candidatos e, depois, invariavelmente, tranquilos acadêmicos. Assim é. E assim será.

Ahl novos reformadores que acabaram, todos, reformados pela compulsória do bom senso, hoje chefes exemplares de família, burocratas pontuais; jogadores do bicho, assinando o — JORNAL DO COMERCIO, trocando o loiro chop, BOCK ALE pela laranjada americana ou pelo guaraná.



"A MINHA VIDA LITERÁRIA TEM SIDO DE SURPRESAS, FELIZMENTE AGRADÁVEIS... SENDO QUE A MAIOR DE TODAS É POR CERTO A DE ME ACHAR AQUI, NESTE MOMENTO, ENTRE GALAS E FLORES, POSTO NESTE FARDÃO DE PANO VERDE E COM ESTA ESPADA À CINTA. A ESPADA, NÃO SEI BEM POR QUE A CRIASTE. UM SIMBOLO, TALVEZ.

LUIZ EDMUNDO, O PRIMEIRO SENTADO, À ESQUERDA, NA COMPANHIA DE OUTROS ACADEMICOS E REPRESENTANTES DAS ALTAS AUTORIDADES DO PAÍS. O FARDÃO DO NOVO "IMORTAL" FOI GENTILMENTE OFERECIDO PELO SR. PAULO BITTENCOURT, DIRETOR-PROPRIETÁRIO DO "CORREIO DA MANHÃ".



FIGURAS

ANIVERSARIOS

6 — Senhorinhas: Magali Soares Ribeiro, Lela de Almeida; Senhores: dr. Generoso Ponce Filho, dr. Luiz Mezavilla, Francisco Pereira de Carvalho, José Irineu de Souza.

7 — Senhoras: Lucina Amora, Deonisia Teresa de Magalhães; Senhores: dr. J. Bandeira dos Santos Melo, Aristarco de Oliveira Ramos.

8 — Senhoras: Edna Soter de Oliveira, Elvira Maronas de Oliveira Costa; Senhores: dr. Levy Carneiro, Feliciano Moreira da Silva, João Gonçalves Viana, Alfredo Viana de Matos, Antonio Ciriaco Junior.

9 — Senhoras: Angelina d'Amatto Dias, Josefina Belens de Almeida, Maria da Gloria Teixeira Carqueja; Senhores: Capitão Haroldo d'Avila Pacca, Coronel Joaquim Coelho Faria, Coronel Francisco Reis, dr. Djalma Ferreira Alves Maia, dr. Ademar de Faria, Delfim de Oliveira Filho, Rodrigo Ferreira Capela.

REALIZOU-SE NA IGREJA DA CANDELARIA, NO DIA 10 DE JUNHO ULTIMO, O ENLACE MATRIMONIAL DA SRTA. ELZA, FILHA DO SR. DEMOSTHENES BERARDINELLI CARDOSO E DE D. MARIA OLIVIA THOMÉ CARDOSO, COM O SR. ODILON SILVESTRE, FILHO DO SR. EMILIO SILVESTRE E DE D. ANA VELUCI SILVESTRE. FORAM PADRINHOS DA NOIVA OS SEUS PAIS E DO NOIVO O SR. E SRA. ARY BRUM. CELEBROU A CERIMONIA S. R. MONSENHOR DR. HENRIQUE MAGALHÃES.

MARIA LUCIA — FILHA DO SR. JOSÉ LINS LEITÃO E SUA EXMA. ESPOSA SRA. ZILMAR MONTE LEITÃO, DA SOCIEDADE CARIOCA — QUANDO COMPLETOU 2 ANOS EM JUNHO ULTIMO.



ANNITA, FILHINHA DO SR. DR. ADERBAL SILVA, E DE SUA EXMA. ESPOSA, D. RUTH HOEPECK SILVA, DA ALTA SOCIEDADE DE FLORIANOPOLIS.



E F A T O S

10 — Senhoras: Laura Fraga; Senhorinhas: Celia Pradera Torres; Senhores: Gustavo Capanema, Avelino de Oliveira, Altamiro Ponce, Darcilio da Silva Coelho, Gil Cunha, Corbiniano José Maia.

11 — Senhoras: Cristina Maristany, Rachel Tapajóz Gonçalves, Senhorinhas: Aldir Moreira, Celeste Coelho, Cibele Nunes Pereira; Senhores: dr. Frederico Sussekind, dr. Albere Pessoa Cesar Coutinho, Oséias Mota.

12 — Senhoras: Ninon Borges Leal; Senhorinhas: Clelia do Valc Silva, Mariana Teixeira; Senhores: dr. Raul Machado, dr. Genserico de Souza Pinto, dr. Thompson Flôres Neto, Belisario de Souza, Raul da Costa Lima, João Batista da Cruz.

SRA. YONE GUIMARÃES DE FREITAS, DA SOCIEDADE DE GOIÂNIA, ESPOSA DO DR. CARLOS ALBERTO DE FREITAS.



A SRA. OLGA DE SALES MARQUES, DA SOCIEDADE CARIOCA, CUJO CASAMENTO COM O SR. DR. VALDEREDO ISMAEL DE OLIVEIRA, MEDICO NESTA CAPITAL, SE REALISOU EM JULHO ULTIMO, SOB OS MELHORES AUSPICIOS.

O DR. APOLONIO SALES, MINISTRO DA AGRICULTURA DO BRASIL, E O SR. H. J. HEINZ II, PRESIDENTE DA H. J. HEINZ COMPANY, PROVAM COMIDA DE GUERRA NA FÁBRICA HEINZ, EM PITTSBURGH, PA., ESTADOS UNIDOS, ONDE SE PREPARAM RAÇÕES EM GRANDE ESCALA. O DR. APOLONIO SALES FOI HOSPEDE DO SR. HEINZ, POR UM DIA, DURANTE SUA VIAGEM PELOS ESTADOS UNIDOS EM BUSCA DE INFORMAÇÕES SOBRE AGRICULTURA, MÉTODOS DE FABRICAÇÃO DE PRODUTOS ALIMENTÍCIOS, ETC. AMBOS ESTÃO COMENDO RAÇÕES NAS LATAS EM QUE O ALIMENTO É ACONDICIONADO PARA OS SOLDADOS NAS LINHAS DE COMBATE.



UM TOUCADOR ELEGANTE NÃO DISPENSA
A PRESENÇA DESTA COLEÇÃO DE ELITE!

Orbleu
DE BAZIN



A VENDA EM TODO O BRASIL

AGUA DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
LIMPA E FECHA OS POROS
A VENDA EM TODA A PARTE

SIMPLICIDADE, ELEGANCIA
e BOM GOSTO, tres caracteris-
ticas da mulher chic, estão con-
jugadas nessa toilette de flanela,
com um grande laço em gravata,
e a saia com um grupo de pre-
gas presas convergindo na cintura.
Mangas compridas e amplas.
Modelo de Harper's Baagar.

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

54

MODAS

CORTE E COSTURA

Aprenda pelo método moderno
POR CORRESPONDENCIA, o
Curso completo de Corte e Costura.
Estude em sua própria casa, nas
horas livres, sem deixar suas
ocupações habituais.

Cada aluna receberá absolutamente
GRÁTIS

Figurinos da Última moda
Carteira de Identidade
100 Cartões de Visita
Serviço de Consulta

Em pouco tempo e com poucos
gastos, será uma excelente modista,
perfeitamente preparada para fazer
qualquer trabalho nesta profissão.

MENSALIDADES SUAVÍSSIMAS
MADE HOJE MESMO O COUPON ABAIXO

INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO
CX. POSTAL, 5058 - S. PAULO

Ilmo. Sr. Diretor: Peço enviar-me
GRÁTIS E SEM COMPROMISSO,
o folheto e as in-
formações comple-
tas sobre o Curso
de Corte e Costura.

182

Nome.....
Rua.....
Cidade.....
Estado.....

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante



incarelli

ALMIRANTE
BARROSO, 5 ★ UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO ★ RIO

1844-1944

S. S. WHITE DENTAL MFG. CO. OF BRAZIL

UM SÉCULO DE SERVIÇOS A' ODONTOLOGIA
SIMBOLO DE ORIENTAÇÃO E GARANTIA

USAR A PASTA DENTÍFRICA S. S. WHITE É SABER DAR PREFERENCIA AO
DENTÍFRICO MAIS INDICADO PARA HIGIENE E CONSERVAÇÃO DOS DENTES
PASTA DENTÍFRICA S. S. WHITE

Um pescador

(Continuação da pag. 49)

a linha náua, e o chumbo de anzol bateu surdo. Levantara prestamente o canço, porque sentira um peixe; mas o que veio foi o gancho despojado do pequenino miolo de pão. Uma estrêla e vidas descerraram-se no céu azul e rosa, escuro. Um mosquito zumbiu nos ouvidos de Gonçalo. Deixá-la ali? Poderia? E se ela tivesse razão, se no Rio não desse nada certo, se algum imprevisto... Se tivesse de voltar, vencido... O mosquito zumbiu de novo, precipitou-se, e ele sentiu a ferroada no rosto. Um tapa ligeiro e o zunido fugiu. Maria Clara, ele não o negava, tinha afinal um senso prático, feminino, de estabilidade das coisas... Depois, a responsabilidade... Ali ao menos havia uma coisa, modesta, feia, incômoda, mas habitável. Algumas regalias: era chefe de turma, logo abaixo do engenheiro. Tinha humildade, mas vivia com decência. No Rio, disse-lhe um empregado do trem, a vida está caríssima...

O pescador puxou noyamente a linha. Nada... Levantou-se, apanhou o cesto que pusera ao lado, botou a vara no ombro, e veio.

— Pesqueiro ruim, aquele!, disse ao passar.

As luzes da cidade abriam-se para o céu. Na praça, os focos mais fortes destacaram o perfil esguio da igreja, as casas, os coqueiros adormecidos. Nas ruas distantes eram só pontos amarelos no alto dos postes. Por cima do capinzal alguns vagalumes desenhavam pequenos traços azues. Um grilo cantava num ponto indeterminado.

— Sete horas, pensou Gonçalo.

Maria Clara já teria pôsto o jantar na mesa. E esperaria por ele. Se tivesse ido embora, ela ficaria esperando, esperando...

Levantou-se, sacudiu as calças, caminhou. Melhor era mesmo desistir. Podia sair errado. Podia ser pior. Um trem soprava para o alto grandes feixes de fumo, que se perdiam no escuro da noite. O grilo cantava ainda.

Ao abrir a porta, Maria Clara tinha uns pratos na mão. Olhou-o muito, com o olhar esquecido, como que além das coisas que quisesse ver. Houve um silêncio grande. Humildemente ela falou:

— Sabe, Gonçalo, não custa nada experimentar...

Como não custa? Ir-se embora? Deixar tudo? Aquela casa, os conhecidos, o trabalho a que já se habituara? Os parentes... E os parentes? Zezinho sairia do colégio, eles fariam grandes pacotes com as suas coisas: a louça, a máquina de costura dela, o gramofone... Bichano, que dormitava numa cadeira... Levava Bichano? Ou deixaria o gato na casa vazia? Os gatos se acostumam com as casas, e não com as pessoas... E Zezinho, coitado, que já tinha amigos, e ia até perder o ano, na escola... "Sssci!", o anzol mergulharia na água lenta... E que viria, que viria?

— Não, Maria Clara, não.

— Mas você não queria ir, homem de Deus? Não queria? Pois eu também quero. Vamos todos. Talvez seja até bom pra nós, talvez o seu trabalho seja melhor lá... Se for preciso eu coso para fora... Quem sabe se a gente vai se dar bem?

Ele sacudia a cabeça. A mulher perguntou:

— Mas você não queria? Está fazendo pirraça?

Irritava-o o fato de ter mudado de opinião inutilmente, já ter organizado farrapos de sonho na imaginação,

depois que resolvera embarcar. Gonçalo gostaria de explicar o que lhe mostrara um pescador, na barranca do rio.

Mas Maria Clara não compreenderia. Jamais o tinha compreendido. E disse só, resignado e conciliador:

— Não, Maria Clara. Eu te juro que não é pirraça. Vamos jantar, vamos?

Este é o seu maior tesouro:

Cutis Juvenil!

O sol queima, o vento sopra, os anos passam. Não está em nossas mãos impedí-lo. Mas a sua cutis pode ser protegida contra a ação desses e de outros elementos. Basta fazer o que fazem as mulheres mais lindas do Brasil: usar Leite de Colônia, a juventude perma-

nente da cutis. E se tem espinhas, cravos, sardas ou manchas, não procure disfarçar esses defeitos. Corrija-os, com Leite de Colônia, que limpa, amacia e alveja a pele. Use-o duas vezes ao dia, pela manhã e à noite, para preservar o seu maior tesouro: a juventude da sua cutis.



Leite de Colônia

Cahe-lhe o cabelo?
Está perdendo
o brilho?

Está
embranquecendo?

Uze o

TONICO ORIENTAL

Ele fortifica a raiz
do cabelo, faz
cessar a queda e
restitue-lhe o
brilho e a beleza.
Extingue a caspa.

LGK

OS
comprimidos
DE



Pirralaina
GRANADO

LIVRAM
DE QUALQUER
DOR

TARQUIMO

ATAQUES EPILEPTICOS OU NERVOSOS

NOVO TRATAMENTO

O tratamento mais eficaz e seguro que a medicina tem hoje em dia para os ataques nervosos ou epiléticos é o que se faz com MARAVAL—solução. Este poderoso medicamento, graças à feliz combinação de elementos opoterápicos e vegetais de sua fórmula, restitue em pouco tempo a saúde, a alegria e o sossego aos doentes. MARAVAL—solução—é verdadeiramente o tratamento racional e científico dos ataques nervosos e epiléticos.

Não encontrando MARAVAL—solução—nas Farmácias e Drogarias, escreva ao Depositário, Caixa Postal 1874, São Paulo.

MARAVAL

**OLEO FIGADO
BACALHAU
ESTRELLA**



RIC
EM
VITAMINAS
**JOHN
WYMAN**
LONDRES

A venda nas principais
Drogarias e Farmácias
em

Litros e ½ litros

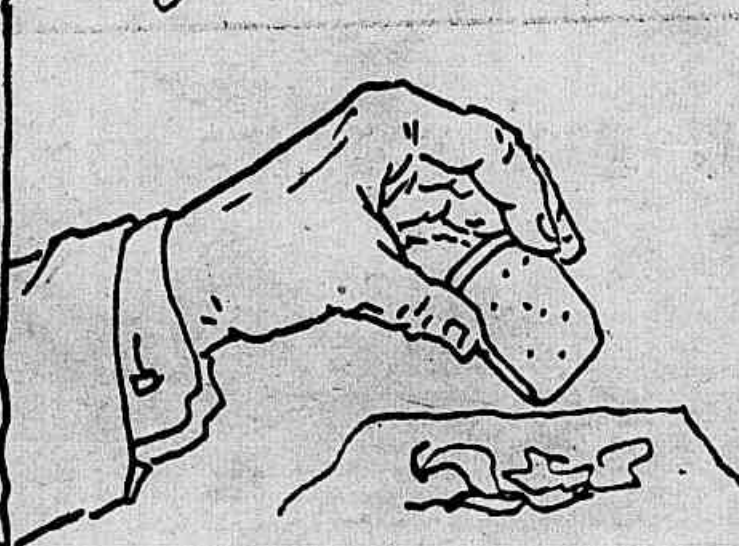
Repr.: W. G. WILLS
Rua México, 98 — RIO

É tão fácil!...



- Pegue um lápis. Rabisque à vontade

Cubra a pena



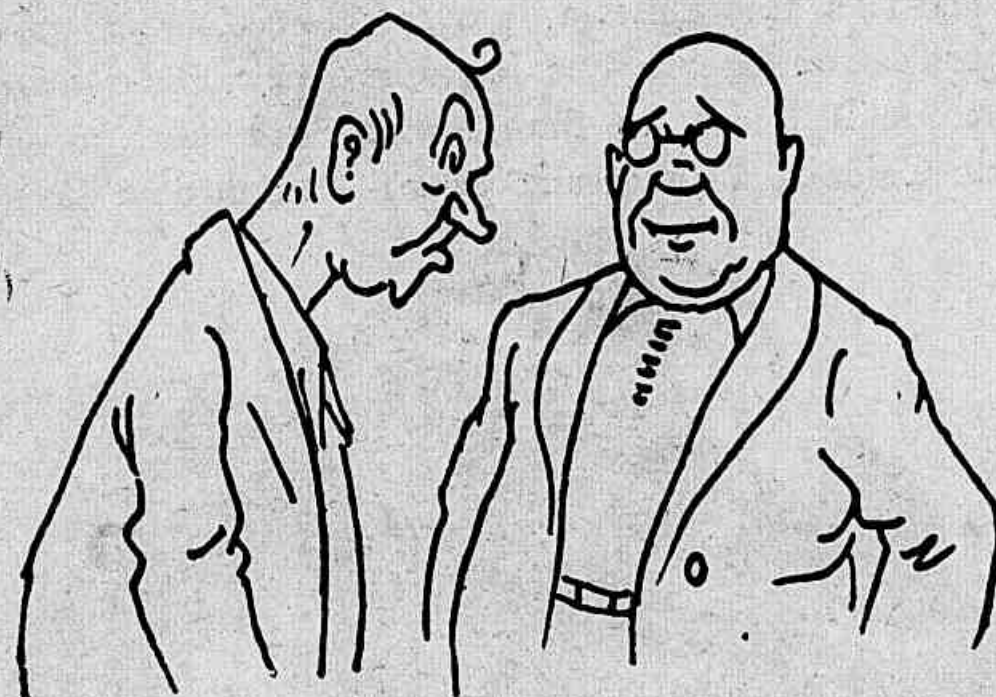
Apague o lápis



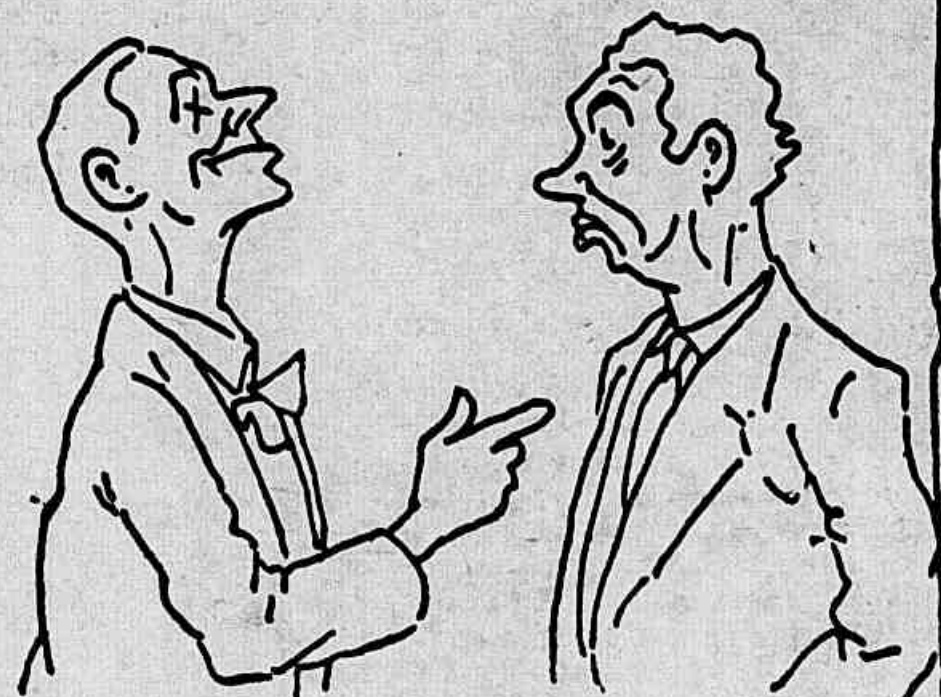
e, saia o que sair,



está pronta a obra prima



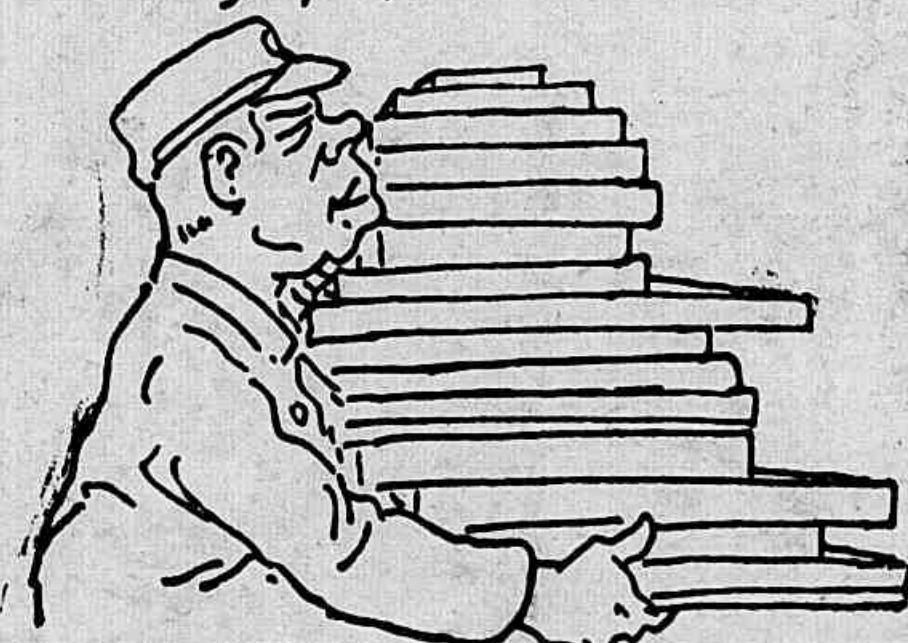
É se eu não souber desunhar?



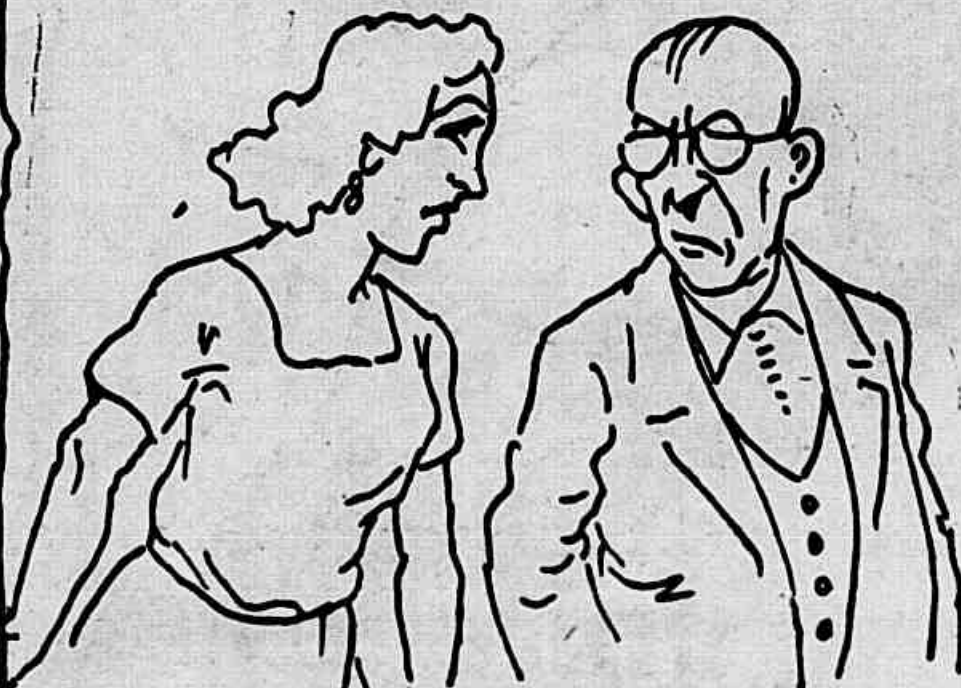
Arranje papel carbono



É se nada conseguir?



Arranje clichês de fora, em 2ª mão.



É os artistas patricios?



Que chorem na cama...

Raul



CAMAS CON- VERSIVEIS

Por várias vezes temos falado aqui do problema do espaço, que tanto preocupa os habitantes dos grandes aglomerados urbanos e em particular aqueles que residem em apartamentos. Temos apresentado sugestões em torno do aproveitamento de todo o aposento, baseado em modelos criados pelos mais autorizados decoradores do mundo, pois este problema, que alguns podem julgar como estritamente carioca, não deixa de ser preocupação universal. Hoje apresentamos o aspecto de um *bed-room* americano, onde aparece, além da penteadeira cuja espessura mínima faculta grande aproveitamento de espaço, uma cama conversível que, satisfazendo à noite os mistérios de leito, durante o dia transforma-se numa confortável e ampla poltrona, sendo a sua parte inferior convertida num magnífico banquinho de *toilette*. Este gracioso e elegante movel em nada se parece com as camas conversíveis, feitas às pressas pelo primeiro marceneiro deparado, que encontramos comumente nos apartamentos do Rio de Janeiro, depondo eloquentemente contra o bom gosto e o senso artístico de seus habitantes.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES
OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 RUA DA CARIOCA · 67 - RIO
NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

Hollywood



CHAMPANHE... HOLLYWOOD...
UMA SÓ CLASSE DE EXCELÊNCIA
PARA O REQUINTADO GOSTO
DE UM PÚBLICO ELEGANTE.

Cia de Cigarros
SOUZA CRUZ



Record

ALAIN — Que foi, madame?

MADAME — Depois que meu Alfredo adoeceu, eu ando com a cabeça no ar...

ALAIN (solicito) — Esqueceu-se de alguma coisa?

MADAME — Deixei a gaveta aberta... Por favor, deixe-me fechá-la... Onde está o salvo conduto do meu filho? Ah, está aqui... Ando com a cabeça tonta, senhor engenheiro...

ALAIN (vagamente) — E' natural, madame Bertrand. As preocupações que nos assaltam, na maioria das vezes, modificam profundamente os nossos costumes...

MADAME — Não é pelo salvo conduto, mas por outros papéis que tenho aqui dentro da gaveta...

ALAIN — Sim... Porque mesmo o salvo conduto já caducou os seus efeitos: era até 2 de Maio e estamos a 22...

MADAME — E'... Falando nisso, tenho um vizinho que está na chefatura... e foi por causa do seu salvo conduto...

ALAIN — Prêso por ter falsificado o salvo conduto?

MADAME — Sim... Por ter falsificado... Imagine o senhor. Ele tinha um válido até 1.º de Março e, precisando viajar, já tinha passado o prazo. Veja a loucura de monsieur Masson. Acrescentou o algarismo 1 à esquerda do outro...

ALAIN — E ficou 11 de Março...

MADAME — Isso... Uma falsificação. Nos dias de hoje, Deus me livre dum crime como êsse... Cadeia... e olhe lá, si não arrumarem outros embaraços... Bem, senhor engenheiro... vou mostrar o seu quarto. Queira acompanhar-me, *s'il vous plaît*... (passos sobem escada) Por favor, não repare... nem a escada ainda varri hoje... a doença de meu filho... Ando com a cabeça no ar.

Técnica: interlúdio.

Contra-regra: sineta nervosamente, cinco vezes.

MADAME — Diacho... A esta hora... (pausa) Que horas são?

VOZ (distante) — Madame Bertrand... Madame Bertrand...

MADAME — Algo aconteceu a meu filho... Será do hospital? Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo... Praza aos céus, meu Deus, que nada tenha acontecido a Alfredo...

VOZ (distante) — Madame Bertrand... (pausa) Madame Bertrand...

Contra-regra: ruído de trinco de janela e descerrar cortina.

MADAME — Quem me chama? Quem é que está me chamando aí na rua?

VOZ (distante) — Abra a porta, madame Bertrand...

MADAME — Mas quem é? Façam o favor de dizer quem são e o que querem de mim às quatro horas da manhã...

VOZ (distante) — Inspetor da Segurança Pública... Desça e abra a porta imediatamente, madame...

MADAME (precipitada) — A policial Por favor... Um momento... vou descer...

Contra-regra: passos que descem a escada. Continua madame a falar.

MADAME — A policial Graças a Deus que não é do hospital... Pensei que fôsse por causa de Alfredo... Graças a Deus... Mas a polícia na minha casa a esta hora... A polícia... Mas que tempos estamos vivendo, minha Virgem Santíssima. Que tempo medonho...

VOZ — Pode abrir sem receio... Inspetor Pascali da Segurança Pública...

MADAME — Mas... a polícia aqui em minha casa? Que acontece, senhor inspetor?

VOZ — Madame Bertrand... A senhora na tarde de ontem recebeu como hóspede um rapaz alto e louro... o rosto coberto por uma barba cerrada?

MADAME — Sim... O senhor engenheiro Jorge Simier... Aluguei-lhe um quarto ontem, senhor inspetor...

VOZ — Vamos, Isidore... é o desertor... (passos precipitados) Onde fica o quarto dêsse homem, madame Bertrand? Ligeiro... é um desertor que foi visto saltar na entrelinha ao chegar o trem de Barranvillieres. Mostre-me o quarto dêsse homem! Vamos, Isidore! Pegamos o homem! (passos precipitados).

MADAME — Meu Deus! Um desertor! Um desertor... Venham comigo... E' no sobrado... Ele está dormindo... Venham comigo... Um desertor...

Contra-regra: passos precipitados.

FIM DO QUINTO EPISÓDIO

SEXTO EPISÓDIO

VOZ (distante) — Pode abrir sem receio, madame...

MADAME — Diga o nome, por favor... senão não abro a porta.

VOZ (distante) — A polícia!

MADAME — Oh!... A policial...

VOZ (distante) — Inspetor Pascali, da Segurança Pública!... Abra!...

MADAME — Sim... estou abrindo, sr. Pascali... Perdão, sr. inspetor...

VOZ (próxima) — Bom dia, madame Bertrand...

MADAME (amedrontada) — Bom dia... bom dia... Mas que acontece, senhor... a polícia em minha casa...

VOZ — Nada receie... madame Bertrand... a senhora, ontem à tarde, recebeu como hóspede um rapaz alto e louro...

MADAME (hesitante) — Alto... louro...

VOZ — O rosto coberto por uma barba cerrada?

MADAME — O senhor está falando do engenheiro Jorge Simier... Sim... são êsses os traços do sr. Simier...

VOZ — Então é verdade que êsse homem procurou a sua casa, madame?

MADAME — Sim... aluguei-lhe um quarto... Por que? Oh!... Meu Deus, que acontece?

VOZ — Vamos, Isidore... é o desertor...

Contra-regra: passos rápidos.

VOZ — O quarto dêsse homem, madame Bertrand? Ligeiro!... A senhora deu abrigo a um desertor, madame...

MADAME — Oh!... Como poderia saber... Subam, senhores... está lá em cima!...

Contra-regra: passos de pessoas subindo uma escada.

VOZ — O revólver na mão, agente Isidore!

MADAME — Que desgraça, Jesus!...

MADAME — Um desertor!... Não é possível!... Um moço de aspecto tão gentil (cessar os passos) E' aqui!... Esta porta!

VOZ — Silêncio!... Isidore!... (baixinho) Vou meter os ombros na porta. Essa gente é perigosa... Quem tem coragem para arriscar a pele contra um pelotão de fuzilamento geralmente costuma vender caro a liberdade... De do no gatilho!... Isidore!...

MADAME — Ele está dormindo... e está cansado... êle não resistirá, sr. Pascali... não o matem, pelo amor de Deus!...

VOZ — Fique na ponta do corredor, madame Bertrand... não é aconselhável que fique aqui... Esse homem é capaz de opor resistência...

MADAME — Sim... eu sairei... (passos que se afastam).

Contra-regra: ruído de uma porta forçada.

VOZ — Não se mova... Fique onde está!... Um passo que der, será um homem morto!... (mudando o tom de voz) Isidore... procure o interruptor... Um momento... (gritando) Madame Bertrand! Onde está localizado o interruptor?

MADAME (de longe) — Do... lado... do lado... es-
querdo da porta.

ISIDORE — Achei, inspetor...

VOZ — Pela última vez!... Si reagir, atiraremos!...
Acenda a luz, Isidore!

INSPETOR (colérico) — Maldição!...

Contra-regra: passos durante cinco segundos.

VOZ — Fugiu... O quarto está vazio!...

ISIDORE — A janela está fechada por dentro... Ele só poderia ter saído pela porta de entrada da casa...

MADAME — Fugiu? Fugiu, disseram os senhores?

VOZ — Sim, madame... À que horas se recolheu o desertor?

MADAME — Às oito... Não lhes disse que êle demonstrara grande cansaço?

VOZ — Vamos, Isidore...

MADAME — Pelo amor de Deus, sr. inspetor... Dê uma batida na casa... Ele pode ter se ocultado em qualquer compartimento da casa... Tenho medo de ficar sozinha... Meu filho está no hospital...

VOZ — Nada receie... revistaremos cuidadosamente a casa...

Contra-regra: passos precipitados.

VOZ — Nada mais receie, madame... O homem efetivamente fugiu...

MADAME — Ele deve estar em Metz... (pausa) Oh!... Vejam!

VOZ — Que tem, madame? Que foi?

MADAME — Desertor e ladrão!... Arrombou a gaveta... Eu tinha mil e oitocentos francos aqui na gaveta... As minhas joias... (alegria) Oh!... Não!... O dinheiro está aqui... (fortemente alegre) As joias também... Não! Não me roubou...

VOZ — Mas êle deve ter roubado alguma coisa, madame Bertrand... O que tinha de importante nessa gaveta?

MADAME — Está tudo aqui... Até os meus documentos... Ah!... Espere... onde está? (pausa e revolver de papeis) — Não, não está...

VOZ — O que está faltando, madame?

MADAME — O salvo-conduto de meu filho... O salvo-conduto!...

VOZ — Tem certeza de que guardou o salvo-conduto aí na gaveta?

MADAME — Ora, sr. inspetor... Tive-o a noite passada na mão... mostrei-o até...

VOZ — Mostrou a quem, madame?

MADAME — Ao homem que a polícia procura...

VOZ — Ao desertor?

MADAME — Justamente... A êle... Oh!... Teria sido êle?... Sim... Sendo um desertor... O salvo-conduto ser-lhe-ia útil...

VOZ — O salvo-conduto era válido até quando, madame Bertrand?

MADAME — Ah... Não há perigo... Já se tinha esgotado o prazo concedido pelas autoridades militares da Praça de Metz... Era válido até 2 de Maio...

VOZ — Vamos, Isidore!... Vamos ao posto policial da estação... Quem sabe si não foi prêso lá ao embarcar e nós ainda não fôssemos cientificados!... Dois de Maio... Estamos em vinte e dois... Diabo... Quem sabe si não aconteceu o mesmo com o caso do negociante Lussac que trancafiamos há dias... Acrescentou um algarismo... De 1 passou para 11...

VOZ — A estação... Ligeiro... Ele deve ter procurado sair no trem das nove para Paris...

ISIDORE — E êsse de 2 passaria a 22...

ISIDORE — E si conseguiu burlar a vigilância da estação... já está longe.

VOZ — Será o diabo para nós, si êsse pássaro nos escapar... Não... êle não conseguiu embarcar...

Técnica: trem em marcha.

INSPETOR — A vigilância está reforçada... Ele não pode ter embarcado...

Técnica: trem forte.

SEGUN — Aceita um cigarro?

ALAIN — Obrigado...

SEGUN — Não leve a mal, amigo... mas geralmente quando se viaja sentimos necessidade de uma companhia para palestrar... (suspirando) Principalmente nos dias que correm... Vai a Paris?

ALAIN — Vou...

SEGUN — Vem de Metz, pois não?

ALAIN — Venho de Thionville...

SEGUN — Ah!... Thionville... Ouviu a B.B.C. de ontem, meu amigo?

ALAIN (displicente) — Não... (pausa longa) Por que? Algo de novo?

SEGUN — Então não sabe?

ALAIN (displicente) — O que?

SEGUN — Os alemães... As colunas motorizadas introduziram verdadeiras pontas de lança em nosso território... Imagine!... Como se pode compreender o nosso exército? Onde está o exército francês? Não faz duas semanas que Hitler desencadeou a sua **blitzkrieg** contra o Ocidente!... O senhor não sabe disso?

ALAIN — Estive de cama quase um mês... Pneu-
monia...

SEGUN — Ah!... Então foi isso... estamos perdidos... Os boches chegaram a Abeville!

ALAIN — Chegaram a Abeville?

SEGUN — Sim...

ALAIN — Abriam passagem até o mar, então?

SEGUN — Justamente... Incrível o avanço dos alemães... A Holanda foi arrasada, meu amigo... Os "stukas" em Rotterdam praticaram uma carnificina medonha... Durante o tempo em que o amigo ficou de cama com pneumonia, cousas incríveis tem acontecido... Eu ouço constantemente a B. B. C.

ALAIN — E sobre a Bélgica?

SEGUN — Não sabe?

ALAIN — Não...

SEGUN — Quatro quintos da Bélgica foram ocupados pelos teutos...

ALAIN — Fale baixo, meu velho... podemos ser ouvidos por algum agente secreto...

SEGUN — Sim... (tom baixo de voz) Sim... e o governo procura esconder a verdadeira situação que a França está passando... Ouça... (baixinho) O exército francês está recuando...

ALAIN — Não!

SEGUN — Infelizmente!... E recua sobre Paris...

ALAIN — E o milhão de homens... A elite das forças franco-britânicas?

SEGUN — Encurraladas...

ALAIN — Estás louco, meu velho?

SEGUN — Encurraladas. Contra o canal!... Os "stukas" desmantelam as nossas posições e os alemães atacam-nas e conquistam-nas com uma facilidade incrível...

ALAIN — Tem certeza do que está afirmando?

SEGUN — Tão certo como completei 60 anos na quinta-feira. Sabe a que velocidade avançam os alemães? Sesenta a setenta quilômetros por hora!

ALAIN — Então não estão encontrando a mínima resistência.

SEGUN — Os traidores... Os quinta-colunas se transferiram de Madrid para Paris... O fascismo... Os fascistas esqueceram-se de que eram franceses e entregaram a nossa pátria a Hitler... Oh!... Quanta vergonha!... Viver para assistir a uma França subjugada e traída por um punhado de franceses traidores... Sabe que estamos indo para um lugar onde, talvez antes que o nosso trem chegue, encontraremos possivelmente os boches?

ALAIN — Paris?

SEGUN — Sim... Paris... Suresnes... e a banlieu foi bombardeada ontem pelos alemães... Paris vai cair!... Faltou-nos a energia feroz dum Clemenceau... Um general como Foch e Joffre!...

Técnica: trem mais forte.

ALAIN — Por favor... Pessoas nos olham... e já ouviram os suas palavras.

VOZ (distante) — Paris!... Todos com seus documentos na mão... (próxima) Paris... Salvos-condutos prontos... (passos, distante) Paris!

SEGUN — Estamos chegando... Sim... dentro de quarenta e cinco minutos...

Técnica: trem mais forte.

ALAIN — Onze horas, sr. Segun...

SEGUN — Onze horas... Mais uma rodada, sr... Bertrand... Ah!... Alfredo Bertrand... Quem diz que o inimigo está às portas de Paris... O café repleto!...

VOZ (distante) — Alô, mestre Badouin... Essa vitrola vai enferrujar... música...

VOZES (distante) — Musical!... Musical!...

SEGUN — Garçon... Mais uma rodada de Dubonet...

ALAIN — Si assim quer... vá lá...

SEGUN — Teremos mais notícias... Ouviu a última declaração da Rádio Paris?

ALAIN — Não... Que disse a Rádio Paris?

GARÇON — Dubonet, monsieurs...

SEGUN — Pode deixar a garrafa...

GARÇON — Bien, monsieur...

ALAIN — Basta... obrigado...

SEGUN — Então não ouviu? Uma vergonha!... Perturbadora confissão de uma defesa nacional entregue ao acaso por incapazes ou por traidores!... Sim!... (exaltando-se) Vergonhosa confissão!...

ALAIN — Cautela, amigo... Poderão ouvi-lo... Poderão ouvi-lo sr. Segun!...

SEGUN — Quero mesmo que me ouçam!... Sou um antigo combatente, está ouvindo!... Eu fiz o Marne... Meu irmão está no Ossuário de Duomont. Neste café tem franceses capazes de oferecer a última gota de sangue das suas veias, como tem franceses capazes de entregar a França por algumas moedas!...

VOZES — Bravos!...

VOZ (distante) — Muito bem, velhinho!...

SEGUN — Sabe o que disse o porta-voz do governo pelo rádio? Misérias!... O Ministério do Ar, de acordo com o Ministério do Trabalho, ordena a todas as indústrias que trabalham para a Aeronáutica, estender para doze horas a duração da jornada de trabalho!... Quer mais ainda?... Quer saber... quer medir a capacidade desses imbecis que estão lançando a França para o abismo? Ordem de trabalhar nos domingos e nos dias feriados? Sabem vocês todos franceses o que quer dizer isso? Que fomos iludidos! Agora, que os alemães atravessaram o Aisne... que a Rádio Paris não noticiou, mas que ouvi do quarto do hotel em que moro... Eu ouvi a B. B. C... Os alemães atravessaram o Aisne... atravessaram o Meu-se ontem à noite!...

VOZES — Que diz?

SEGUN — Atravessaram... Esconderam ao povo francês a desgraça iminente que nos ameaça!... Agora é que os senhores da República, responsáveis pela segurança da pátria, pedem aos trabalhadores um pequeno esforço... E que foi que eles disseram pelos jornais há três dias? "Eles não passarão. Ganharemos porque é necessário que ganhemos. Aquê! que nos comanda é o discípulo da Vitória"... (rindo) o duro Gamelin... Foi isso que os grandes jornais de Paris disseram!... Assim como o mestre venceu Ludendorf êle derrotará Brauchitsch!... Aisne!... Sedan!... (chorando) Dunquerque!... Amanhã Paris!... Onde está o duro e sábio Gamelin? Paris... o pavé de nossos boulevards já sente o bater infame dos tacões das botas dos boches!... (chorando) Pergunto a vocês franceses... Você... que está com os olhos marejados... Você olhe para mim... pergunto às suas lágrimas, amigo... Haverá um novo milagre do Marne? Ressurgirá um Foch? Animará de patriotismo e tanto sacrifício uma donzela de Orléans? Falem!...

ALAIN — Sente-se, meu amigo... Sente-se...

SEGUN — Oh!... Minha pátria!... Por que me deixou viver, meu Deus!... Eu queria morrer livre!... Rapousar debaixo duma França francesa!...

GAROTO — Estou de volta, senhor...

ALAIN — Ah!... Você já foi lá?

GAROTO — Já, sim, senhor... Há meia hora que estou procurando o senhor... estive naquele outro café...

ALAIN — Eu volto já, meu velho... não me demore...

SEGUN — Vai sair, sr. Bertrand...

ALAIN — Volto já... Vou incumbir êsse menino dum pequeno trabalho... Volto para levá-lo ao seu hotel... mas tenha mais um pouco de resignação... Vamos... menino...

Contra-regra: passos.

ALAIN (baixinho) — Mais longe um pouco, menino... ali perto da entrada da ponte...

ALAIN — Aqui está bem... Apurou alguma coisa?

GAROTO — Cheguei a Passy e na mesma hora eu me informei de tudo...

ALAIN (ansioso) — A tal senhora?

GAROTO — Chil... O senhor está aflito... Ela mora lá, sim, senhor...

ALAIN — Bravos!... Aqui está uma nota de vinte francos!...

GAROTO — Upa!...

ALAIN — O resto... Conta-me tudo que fizeste. E depois?

GAROTO — Falei com a porteira do edifício... Nossa Senhora!... A mulherzinha parece que tem corda de despertador debaixo da língua, senhor! Contou tudo. A tal moça chama-se Irene de Kergueven... Ela voltou para o apartamento, onde morava com o marido... É, é isso mesmo... não estou me esquecendo... O sogro dessa cavaleira é um general... Tem um castelo lá nos cafundós de Judas... Ela falou... bene... bene... Diabos, esqueci-me do maldito lugar... Sei que é na Bretanha... O marido da zinha... a tal Irene, foi para a guerra... está na Linha Maginot... e ela, desgostosa, voltou a Paris, onde morava antes da guerra com o marido...

ALAIN — Eu pedi a você que fizesse essa investigação ontem, e por que só me aparece hoje?

GAROTO — Porque... porque eu não consegui dobrar a porteira logo à primeira vista... Precisei arranjar um truc... queria emprêgo... Até morar ao lado esquerdo da velha... e aí foi a conta... a mulher escorregou tudo o que eu queria...

ALAIN — Então essa senhora está em Passy?

GAROTO — Até ontem à tarde ela morava lá... terceiro andar... apartamento doze... Avenida Teophilo Gautier... não é isso? Essa tal Irene morava com o marido nesse apartamento até um pouco antes da guerra.

ALAIN — Está certo...

GAROTO — Deseja mais alguma coisa?

ALAIN — Não... e muito obrigado... Vai para casa... já é tarde...

GAROTO — Casa?

ALAIN — Não tem casa? Não tem família?

GAROTO — O senhor não acha que isso para mim é objeto de luxo?

ALAIN — E seus pais, onde estão?

GAROTO — Acho que elês, si não levaram a breca, farão essa pergunta sobre mim, também...

ALAIN — Não tem família... e como vive você, garoto?

GAROTO — Respirando... O ar é de graça... Enquanto os políticos, como monsieur Bonnet, não inventarem um aparelho para medir o ar que se respira, vou vivendo de graça... (risada).

ALAIN — Você é um legítimo gavroche...

GAROTO — Obrigado pelo cumprimento, senhor... Posso ir?

ALAIN — E onde vai dormir esta noite, menino?

GAROTO — Construíram a ponte de Mirabeau para mim, senhor... foi a única coisa que fizeram em meu benefício em Paris...

BERLIET JUNIOR

ALAIN — Dorme na ponte?

GAROTO — Peço a Deus que os boches não destruam a ponte... Seria o diabo... Há três anos que tenho ali meu cantinho para dormir... Bem!... Au revoir... mr...

ALAIN — Au revoir, garoto!

GAROTO — Não leve a mal...

ALAIN — Diga...

GAROTO — Um cigarro... pode ser?

ALAIN — Fuma?

GAROTO — Não, trago fumaça...

ALAIN — Não lhe faz mal fumar... garoto que é?

GAROTO — Faz... mas nem todos os cigarros... os baratos, por exemplo, me fazem muito bem à saúde...

ALAIN — Você é terrível...

GAROTO — Merci bien, monsieur... Adieu...

Contra-regra: ouve-se o assoviar que vai se afastando.

ALAIN — Bem. Voltou para Paris... Bem... mas eu não posso ir a Passy assim... a vigilância é rigorosa... agentes por toda a parte... Mas precisa vê-la... Tenho saudades daquele demônio... E' minha esposa... detesto-a... e adoro-a! Sou o mais infeliz dos homens como esposo, mas adoro aquela mulher!... Telefonar... (pausa) Sim... telefonar a Irene... telefonar... onde? (pausa) Ah!... Sei... na casa em que estou hospedado, no térreo está instalada uma padaria... sim... de lá... de lá poderei saber o que desejo...

Técnica: música sobe durante dez segundos. E desce em "back-ground."

ALAIN — Boa noite, madame...

PADEIRA — Boa noite...

ALAIN — Eu sou um vizinho...

PADEIRA — Sim... Tenho-o visto várias vezes, mr... Mora aqui em cima, não é?

ALAIN — Desejava telefonar, madame...

PADEIRA — Como não, mr... Às suas ordens... pois não... Aí está o aparelho.

ALAIN — Ainda não é bem isso, madame... Eu queria que a senhora mesma chamasse a pessoa em questão. E' uma amiguinha minha... (sorrindo) compreende?

PADEIRA (maliciosa) — Ora... monsieur... ora. Já sei... casada e o senhor quer saber si o caminho está livre... não é isso?

ALAIN — Meus cumprimentos, madame... madame...

PADEIRA — Lizzie, Mr... Lizzie... Quer, então, que eu telefone?

ALAIN — Si madame Lizzie não fizesse objeção... eu ficaria-lhe-lá muito grato...

PADEIRA — Ora...

Contra-regra: ruído de gancho de telefone.

PADEIRA — O número dessa sua prima do coração, monsieur?

ALAIN — E' no prédio 187... Avenida Teophile Gautier... a senhora primeiramente pedirá à porteira comunicação com a senhora de Kergueven...

PADEIRA — Um instante, monsieur... Alô! Informações, por obséquio... (pausa) Merci... (mudando de tom) Que ia dizer, monsieur?

ALAIN — Quando a porteira atender, provavelmente será a porteira... diga que a senhora é madame Mazurick, uma amiga da senhora de Kergueven... compreendeu?

PADEIRA — O golpe eu aparei, monsieur... mas o nome da cavalheira...

ALAIN — Mazurick...

PADEIRA — Ma...zu...ri...ck... ça va bien... Mazurick... (precipitadamente) Alô!... E' do prédio 187?

PORTEIRA — Sim... é do prédio 187... Avenida Teophile Gautier...

PADEIRA — Quem está no aparelho, por obséquio...

PORTEIRA (voz telefone) — Anite... a porteira do prédio, madame...

PADEIRA — Ah!... Bem... quem fala aqui é madame... Ma...zu...rick... ouviu?

PORTEIRA — Perfeitamente, madame Mazurick... Ao vosso dispor...

PADEIRA — Eu queria falar com a senhora Irene de Kergueven...

PORTEIRA — Madame Irene... partiu ontem à noite para Cannes...

PADEIRA — Para Cannes?

ALAIN (baixinho) — Peça-lhe o enderêço...

PADEIRA — Um momento... (mudando de tom e baixinho) — Pedir o que, monsieur?

ALAIN (baixinho) — O enderêço...

PADEIRA — Ah! Sim... Alô!... Pode dar-me o enderêço de madame Kergueven em Cannes?

PORTEIRA — Não deixou o enderêço, madame Mazurick?... Ela partiu de automóvel sem deixar o enderêço e também recado algum... Vieram-na buscar de automóvel...

PADEIRA — Não deixou enderêço?

PORTEIRA — Não, madame Mazurick...

PADEIRA — Bem... Fico-lhe imensamente agradecida pela informação...

PORTEIRA — Nem por isso, madame Mazurick... Sempre às suas ordens...

PADEIRA — Obrigada... Passe bem...

PORTEIRA — Passe bem, madame Mazurick...

Contra-regra: ruído de fone no gancho.

PADEIRA — Ela partiu para Cannes, a sua amiguinha, monsieur... Não deixou enderêço, e um automóvel veio buscá-la... naturalmente não foi o marido, senhor... Ou, quem sabe lá, monsieur?... Talvez um parente... um irmão... o próprio marido... não fique assim preocupado...

ALAIN (lentamente) — Não... estou preocupado...

PADEIRA — Si deseja mais alguma coisa, senhor... não se constranja... Estou às suas ordens...

ALAIN — Muito obrigado...

PADEIRA — Olhe!... (passos)

ALAIN — Que foi?

PADEIRA — Olhe!... Abordaram mais um pobre diabo!

ALAIN — Àquêle grupo próximo à esquina?

PADEIRA — Sim... São agentes da Segurança... Nesses dois últimos dias tem sido uma verdadeira caçada... Só aqui neste quarteirão já deram umas vinte batidas...

ALAIN — Ladrões?

PADEIRA — Não!... Pior...

ALAIN — Algum assassinato sensacional em Paris?

PADEIRA — Pior, monsieur... Desertores...

ALAIN — Desertores?

PADEIRA — Sim... Nunca se registraram tantas deserções como nestas últimas semanas...

ALAIN — Dão batidas também nos domicílios?

PADEIRA — Claro... Ontem, por exemplo, bateram esta rua quase toda... principalmente quando recebem denúncias...

ALAIN — Ah!... quando recebem denúncias...

PADEIRA — E nas gares... Então para se viajar é um verdadeiro inferno, si o cidadão não tiver os seus papéis direitinhos passa o que o diabo mesmo não passou diante da Cruz...

ALAIN — Sim... estado de guerra...

PADEIRA — Olhe!... Não disse que as diligências eram por aqui por perto? Estão olhando o número do prédio vizinho... bem, ali não pode ser... é moradia do sr. Latour... o filho morreu há três meses lá para os lados da Maginot... mas que é por aqui, é...

ALAIN — Tem certeza de que são secretas da Segurança Pública, madame?

PADEIRA — Claro... diabos... eu sou parisiense desde que nasci, monsieur, e esses belos tipos eu conheço até pelo cheiro... Aquêle alto, de enorme bengala e sobretudo, esteve aqui aqui ontem na padaria...

ALAIN — Pediu informações?